



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Rebecca Miriã Ribeiro Martins

**A amizade no *Satíricon*, de Petrónio:
o caso de Encólpio e Gitão**

São José do Rio Preto
2019

Rebecca Miriã Ribeiro Martins

A amizade no *Satíricon*, de Petrônio:

o caso de Encólpio e Gitão

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Aquati

São José do Rio Preto
2019

M386a	Martins, Rebecca Miriã Ribeiro A amizade no "Satiricon", de Petrônio : o caso de Encólpio e Gitão / Rebecca Miriã Ribeiro Martins. – São José do Rio Preto, 2019 104 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto Orientador: Cláudio Aquati 1. Literatura. 2. Literatura latina. 3. Amizade na literatura. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São
José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Rebecca Miriã Ribeiro Martins

A amizade no *Satíricon*, de Petrônio:

o caso de Encólpio e Gitão

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Cláudio Aquati
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientador

Prof. Dr. Álvaro Luiz Hattnher
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Giovanna Longo
UNESP – Câmpus de Araraquara

São José do Rio Preto
27 de maio de 2019

Aos meus pais, os meus melhores amigos.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, meu vero amigo, por ter me ajudado até aqui, concedendo-me saúde e coragem para prosseguir quando os desafios surgiram. É dEle a minha força e é a quem recorro nos meus dias mais difíceis.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Cláudio Aquati por ter acreditado em mim, desde a graduação, quando bati à sua porta pedindo uma oportunidade de estágio. Desde então, durante todos esses anos, venho aprendendo sobre o mundo acadêmico e profissional com os inúmeros conselhos e orientações. Obrigada, professor, por ter aceitado orientar-me em mais um trabalho, e por todas as contribuições e palavras de incentivo. Além de professor e orientador, um amigo, a quem admiro pela humanidade e sabedoria.

Agradeço aos professores da banca por terem aceitado participar de minha defesa, Profa. Dra. Giovanna Longo e Prof. Dr. Álvaro Hattnher, este que também participou de minha qualificação, juntamente com a Profa. Dra. Lúcia Granja, contribuindo muito para o aprimoramento de meu trabalho. Agradeço também ao Prof. Dr. Márcio Thamos, que participou do debate promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, e fez apontamentos imprescindíveis sobre o projeto de pesquisa.

Agradeço aos professores das disciplinas que cursei durante o mestrado, Profa. Dra. Lúcia Granja, Profa. Dra. Marize Dall’Aglio-Hattnher, Prof. Dr. Álvaro Hattnher, Prof. Dr. Cláudio Aquati e prof. Dr. Márcio Scheel, cada um a seu modo, além de colaborarem na formação dos meus conhecimentos acadêmicos, também proporcionaram discussões e atividades nas disciplinas que ajudaram-me a pensar o tema de meu estudo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Agradeço a minha família, que me acolheu e me ajudou durante esses dois anos. Aos meus pais, Waldimir e Heloisa, fundamentais na minha vida, que sempre acreditaram em mim e me apoiaram em cada decisão. Ao meu irmão

Pedro, por torcer pelo meu sucesso, assim como o meu cunhado Everson e à minha irmã Ráira, que sempre teve palavras amigas para me aconselhar durante esse processo. Cada um de vocês é essencial na minha vida!

Agradeço aos colegas do mestrado, companheiros de jornada, pelas discussões travadas durante as aulas, nos congressos e nos corredores do Ibilce. Ao Rodiak Nicolai Figueroa López, por ter me apoiado desde a primeira vez que mencionei a intenção em fazer o mestrado, por ter me acompanhado em cada prova e etapa, além de ter encontrado o livro *Satíricon*, já esgotado em todas as livrarias, e me dado de presente a obra que foi meu objeto de pesquisa.

Por fim, agradeço aos meus amigos, os que acompanharam de longe e os que estiveram perto, numa amizade sem interesse, da qual teorizaram Aristóteles e Cícero. Agradeço à Beatriz Melo e à Daniela Cáceres, minhas amigas desde a graduação, que me ajudam a qualquer hora, em qualquer situação; sei que posso sempre contar com elas. À Daiane Fazan, cuja amizade se fortaleceu mais no mestrado, por todas as palavras de motivação e sua frase característica “vai dar tudo certo”, que passou a ser como um mantra para mim. À Lilian Lopes e ao Geovani Almeida, meus amigos desde a escola, que sempre torceram por mim.

RESUMO

Este trabalho teve como objeto de pesquisa uma obra da literatura latina, o *Satíricon*, de Petrônio. Dela, sob o viés da amizade, foi analisada, a dupla formada pelo protagonista Encólpio e seu inseparável (ou quase) amigo Gitão. O conceito de amizade foi estudado, por um lado, com base em *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, que faz uma valoração do conceito de *philia*, e *De amicitia*, obra na qual Cícero propõe parâmetros morais e éticos que deveriam estar presentes em uma relação entre amigos e, por outro, em obras nossas contemporâneas, como *Genealogias da amizade*, de Ortega (2002), e *A amizade no mundo clássico*, de Konstan (2005). Com base nessas, foi possível identificar e analisar, no *Satíricon*, o traço da amizade que se desenvolve na dupla composta por Encólpio e Gitão, sobretudo no sentido de tecer uma discussão a respeito do que leva as duas personagens a se relacionarem e atuarem juntas e os efeitos desse mesmo relacionamento para a construção desse romance antigo romano.

Palavras-chave: Amizade na literatura. Romance antigo. Petrônio. Satyrica. Satyricon.

ABSTRACT

This study focused on a Latin literary work, the led *Satyricon*, by Petronius. The friendship relation between Encolpius and Giton. The friendship concept was studied recurring to on the *Nichomachean Ethics*, by Aristotle, which considers the value of the *philia* concept, and on *De Amicitia*, work in which Cicero purposes ethics and moral parameters that should be present in a friendship. Contemporary studies, such as *Genealogias da amizade*, by Ortega Guerrero (2002), and *Friendship in the Classical World*, by Konstan (2005), were also used. It was possible to identify and analyze the friendship trace developed between Encolpius and Giton, mainly in the sense of approaching a discussion about what leads both characters to be and act together and the effects of this same relation for the construction of this ancient Roman novel.

Keywords: Friendship in literature. Ancient novel. Petronius. Satyricon. Satyricon.

RESUMEN

Este trabajo tuvo como objeto de investigación una obra de la literatura latina, *Satiricón*, de Petronio. De dicha obra, bajo la orientación de la amistad, fue analizada la dupla formada por el protagonista Encolpio y su inseparable (o casi) Gitón. El concepto de amistad fue estudiado, por un lado, con base en *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, que hace una valoración del concepto de *philia*, y *De amicitia*, obra en la que Cicerón propone parámetros morales y éticos que deberían estar presentes en una relación entre amigos y, por otro, en obras contemporáneas, como *Genealogias da amizade*, de Ortega (2002), y *A amizade no mundo clássico*, de Konstan (2005). Con base en esas obras, fue posible identificar y analizar, en *Satiricón*, el rasgo de la amistad que se desarrolla en la dupla compuesta por Encolpio y Gitón, sobre todo en el sentido de tejer una discusión acerca de lo que lleva a los dos personajes a relacionarse y actuar juntos y los efectos de esa misma relación para la construcción de esa novela antigua romana.

Palabras-claves: Amistad en la literatura. Novela antigua. Petronio. Satyrica. Satyricon.

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2. O CORPUS LITERÁRIO: O <i>SATÍRICON</i>, DE PETRÔNIO	15
2.1. Aspectos históricos	16
2.2. Resumo do <i>Satíricon</i>	16
2.3. Organização da obra	18
2.3.1. Datação e autoria	20
2.3.2. Tempo da narrativa e do tempo narrado	23
2.3.3. Língua e linguagem do <i>Satíricon</i>	25
2.4. Substrato literário no <i>Satíricon</i>	29
2.5. O humor no <i>Satíricon</i>	35
3. O VIÉS DA AMIZADE	47
3.1. A amizade na literatura clássica	49
3.2. <i>Ética a Nicômaco</i> , de Aristóteles	53
3.3. <i>De amicitia</i> , de Cícero	55
3.4. <i>Genealogias da amizade</i> , de F. Ortega	57
3.5. <i>A amizade no mundo clássico</i> , de D. Konstan	60
4. A AMIZADE NO <i>SATÍRICON</i>	63
4.1. Ascilto	65
4.2. A amizade entre Encólpio e Ascilto	68
4.3. Eumolpo	72
4.4. A amizade entre Encólpio e Eumolpo	73
4.5. A dupla de anti-heróis: Encólpio e Gitão	82
4.6. A amizade entre Encólpio e Gitão	89
4.7. Separação e reencontro: a escolha de Gitão	90
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	101

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem como objeto de pesquisa o *Satíricon*, de Petrônio, no qual estudamos, sob o viés da amizade, a dupla Encólpio e Gitão. A divisão em capítulos desta dissertação foi feita de maneira a contemplar, primeiramente, o *cópus literário* e algumas questões pertinentes ao *Satíricon*, tendo em vista a necessidade de retomar alguns conceitos no segundo e no terceiro capítulo, os quais contemplam a discussão sobre a amizade e o estudo do efeito desse relacionamento nas personagens Encólpio e Gitão.

No capítulo 2, intitulado “O *cópus literário*: o *Satíricon*, de Petrônio”, apresentamos algumas questões a respeito da obra, que foi escrita por volta dos anos 60 d.C, por Petrônio. Por se tratar de um texto que se encontra em estado fragmentário, trazemos o resumo do *Satíricon*, embasado na tradução de PETRÔNIO (2008), com a intenção de orientar a leitura e facilitar na retomada de passagens que serão utilizadas em nosso trabalho.

Também, apresentamos algumas considerações a respeito da organização do texto petroniano, que hoje está configurado em 141 capítulos. Sobre a datação e a autoria do nosso objeto de estudo, utilizamos a obra *Anais (Annales)* de Tácito, historiador romano, que tece considerações a respeito do possível autor do *Satíricon*. Em contrapartida, Gonçalves (2001) pondera que há pesquisas que tentam mostrar a possibilidade de uma autoria diferente àquela descrita por Tácito; no entanto, é certo que a maioria dos pesquisadores, segundo Gonçalves, prefere a autoria e a datação propostas pelo historiador antigo.

Dentre as discussões, contemplamos o tempo da narrativa e o tempo do narrado, ao considerarmos algumas características que apontam para a hipótese de que o tempo do romance esteja relacionado a um principado romano específico. Tais características estão apoiadas em questões de ordem social, histórica e econômica, as quais correspondem a algumas particularidades que estão atreladas ao principado de Cláudio, como apontam alguns autores; Guarinello (2006), por exemplo, faz considerações a respeito dos escravos libertos, correspondente ao do principado em questão, e também ao que é relatado no *Satíricon*.

Abordamos alguns recursos que foram utilizados na obra petroniana que podem ser considerados como inovação para a época em que foi escrito, dentre os quais figuram a língua e a linguagem retratada na narrativa. Destacamos, a respeito, as marcas linguísticas, em que podemos considerar uma divisão entre o latim formal e o vulgar, do que resultaram vários registros do latim. Adamik (1990, p. 1, *apud* BIANCHET, 2002, p. 11) pondera que Petrônio era conhecedor das “artes da linguagem”, pois teria utilizado as formas do latim vulgar para caracterizar o latim falado por escravos e libertos.

O *Satíricon* é uma obra que se destaca pela variedade de gêneros literários, outro recurso que pode ser apontado como uma inovação. O autor, além de aludir a vários outros autores e a obras anteriores à sua escrita, também recorre a gêneros como o romance grego, a épica, os contos milésios, a *Priapeia*, a literatura de *symposium*, o mimo, a *fabula tabernaria*, a tragédia, a lírica amorosa e a sátira romana antiga, como elenca Aquati (2008).

No entanto, consideramos que, embora Petrônio use, de fato, alguns elementos desses gêneros, também tenta subvertê-los. Para esta pesquisa, selecionamos quatro, dentre os gêneros citados, para estudarmos mais detalhadamente, na intenção de facilitar a compreensão no momento da análise sobre algumas passagens do *Satíricon* relacionadas à amizade. Consideramos, pois, a épica, o romance antigo grego, as *fabulae Milesiae* (pequenas histórias intercaladas na história principal) e o *prosimetrum* (poemas inseridos na narrativa).

Além disso, referimo-nos à paródia, ao burlesco e à sátira presentes no *Satíricon*, não com a pretensão de definir tais conceitos, mas com o objetivo de salientar como esses elementos são importantes na construção da obra. Mostramos alguns excertos que, aliados a definições de estudiosos, possibilitaram-nos chegar às considerações que reforçam a característica de humor na obra. No entanto, procuramos evidenciar que o tom humorístico não é gratuito, somente para o divertimento do leitor, mas que, em movimento inverso, Petrônio tende relatar os vícios da sociedade romana e sua cultura por meio da ironia e do humor que ele inventa.

No que se diz respeito à paródia, consideramos que o texto petroniano, ao retratar outros gêneros literários atribuindo-lhes uma nova significação, tende ao humor, como é o caso da abordagem da *Odisseia*, por exemplo, obra da qual

Petrônio se utiliza para parodiar a imagem de poder e força de Ulisses em relação ao medroso Encólpio, que, além de ser caracterizado como covarde, vê-se impossibilitado de manter uma ereção, contrapondo a imagem do corpo perfeito de Ulisses e sua potência sexual. A questão da virilidade é retomada em uma menção a Bakhtin (2002), que considera ser o corpo uma das imagens que tem a sua natureza positiva transformada com finalidade negativa, com o objetivo de ridicularizar, por meio da sátira, a condenação moral metaforizada.

A sátira, por sua vez, atrelada à comédia, contribui para a constituição do humor petroniano. Por denotar um tom satírico, jocoso e irônico, comum ao burlesco, evidenciamos que a questão das inversões de valores e antíteses está presente na composição proposta por Petrônio, uma vez que há, em diversas passagens da obra, rebaixamentos que ao contrário de valorizar, revela os vícios e costumes sociais de Roma.

Já no terceiro capítulo do trabalho, intitulado “O viés da amizade”, apresentamos a discussão de como a amizade, caracterizada como relação afetiva, tanto na Antiguidade quanto Era Contemporânea. Evidenciamos, ainda, que a amizade, além de ser uma condição social humana, ultrapassa o limite da realidade ao se transpor para as obras literárias. Dessa maneira é possível observar a amizade enquanto prática social ao longo dos séculos.

Demonstramos a etimologia da palavra “amizade” e seu percurso linguístico, desde o latim “amicitia”, cujo vocábulo também liga-se à origem da palavra “amigo” em português. Além disso, examinamos a palavra “amizade” e cada ocorrência no texto petroniano, para comparar como e em qual contexto o termo foi utilizado. Além desse levantamento a partir da própria tradução, com a intenção de ampliar a discussão, também buscamos as palavras *amicitia* e *amicus*, no texto original em latim.

Sobre a amizade na literatura e, em particular, no *Satíricon*, verificamos a ocorrência de duplas formadas por personagens como, por exemplo, Encólpio e Ascilto; Ascilto e Gitão; Trimalquião e Habinas; Fortunata e Cintila; Licas e Trifena, além da dupla constituída por Encólpio e Gitão, objeto de estudo deste trabalho.

Para discutir sobre o tema da amizade, recorreremos a obras antigas como *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles e *De amicitia*, de Cícero, bem como obras modernas, tais como *Genealogias da amizade*, de Ortega (2002), e *A amizade*

no mundo clássico, de Konstan (2005), sobre as quais nos debruçamos, sem a intenção de definir o que é a amizade, mas de trazer à luz os conceitos que discutidos a respeito dessa relação. Dentre os autores que utilizamos, podemos citar Aristóteles como o formador fundamental do conceito de amizade neste trabalho, uma vez que Cícero retoma vários pontos mencionados pelo filósofo grego. Do mesmo modo, Ortega e Konstan, autores contemporâneos, revisitam os conceitos principais pontuados por Aristóteles e Cícero, em relação à amizade. Ambos os autores contemporâneos, em suas respectivas obras, ampliam a discussão ao colocarem em perspectiva aspectos da amizade e seu percurso histórico, isto é, as considerações que se têm feito desde a Antiguidade até o que se considera, hodiernamente, como a amizade moderna.

No capítulo 4, intitulado “A amizade no *Satíricon*”, abrimos uma discussão sobre o relacionamento que Encólpio estabelece com Ascilto, e como esse par assim formado modifica-se com a chegada de Gitão e, em seguida, tendo em vista a separação de Encólpio e Ascilto, pois se cada um deles, antes amigos e amantes, deseja individualmente ter para si o escravo Gitão, não se poderia compor a tríade Encólpio, Gitão e Ascilto. Sobre essa relação, tecemos uma breve consideração em vista da amizade e dos conceitos propostos por Aristóteles e Cícero.

Também, consideramos a personagem Eumolpo, sobre a qual aludimos suas características e tecemos uma consideração a respeito da amizade que estabelece com Encólpio. Assim como Ascilto, Eumolpo participa, em um momento diferente da narrativa, da formação de uma tríade com Encólpio e Gitão. É importante ressaltar que, embora Ascilto e Eumolpo não façam parte do estudo proposto neste trabalho, é imprescindível falar dessas duas outras personagens, por exercerem um importante papel no relacionamento de Encólpio e Gitão.

Considerando-se o estudo específico sobre Encólpio e Gitão e a relação que entre si estabelecem, colocamos em evidência a qualidade que as personagens assumem ao serem descritas como anti-heróis. Baseamo-nos principalmente em González (1994), que conceitua o anti-herói como a personagem que, para viver ou atingir outras finalidades, lança mão de uma série de expedientes ilícitos. Com base nessas reflexões, verificamos que

Encólpio e Gitão correspondem à definição de anti-heróis, pois atuam de maneira oposta àquela esperada aos heróis tradicionais.

Por fim, discutimos a respeito especificamente da amizade entre Encólpio e Gitão. Ao considerarmos diversas passagens do *Satíricon* neste trabalho, escolhemos fazer um recorte de dois momentos específicos, nos quais acreditamos estar retratada a síntese da relação estabelecida entre Encólpio e Gitão. É nesses dois momentos escolhidos que podemos notar a essência da relação para ambas as personagens.

Para tanto, nomeamos a discussão como “separação e reencontro: a escolha de Gitão”, esses dois contextos em que observamos a amizade formada entre Encólpio e Gitão, isto é, em um primeiro momento, quando Ascilto propõe uma partilha de bens, incluindo Gitão, e este decide abandonar Encólpio; e em um segundo momento da narrativa, no qual nos atentamos para o reencontro de Encólpio e Gitão. De acordo com essas passagens e à luz dos estudos propostos por Aristóteles, Cícero, Konstan e Ortega, tecemos algumas discussões a respeito da amizade entre a dupla Encólpio e Gitão e os efeitos dessa relação no que tange ao *Satíricon*.

Concluimos nossa discussão no capítulo 5, ao identificarmos que, no traço da amizade que se desenvolve na dupla de personagens, reforça-se a hipótese de que, pensando-se em Encólpio e Gitão, cada qual mantém uma relação baseada somente no interesse. Ao verificarmos tal hipótese, percebemos que a amizade mantida entre Encólpio e Gitão é completamente oposta àquela definida por Aristóteles, e aquela considerada por Cícero. E, assim como os filósofos antigos mencionaram a amizade por interesse, Konstan e Ortega também o fazem, configurando, dessa maneira, a descrição do relacionamento mantido pela dupla de personagens.

2. O CÓRPUS LITERÁRIO: O *SATÍRICON*, DE PETRÔNIO

Neste capítulo, objetivamos destacar alguns aspectos históricos concernentes ao *Satíricon*. Sabe-se que é uma obra latina, embora muitas lacunas ainda sejam discutidas, tendo como base a datação e a autoria da obra. Em um primeiro momento, apontamos os questionamentos e as possibilidades em relação à obra. Posteriormente, propomos um breve resumo do *Satíricon*, necessário para que possamos retomar as passagens mais facilmente ao longo deste trabalho, facilitando a compreensão do nosso leitor.

Abordamos a questão da organização e extensão do *Satíricon* e, em seguida, falamos a respeito da datação e autoria, e do estudo proposto por Tácito, sobre o qual nos baseamos. Logo, passamos à questão do tempo da narrativa e o tempo da ficção, cujo objetivo é traçar uma discussão a respeito do tempo em que *Satíricon* foi escrito e o tempo interno da narrativa. Também, fizemos um levantamento sobre a língua e a linguagem utilizada na obra, as quais remetem aos diversos registros de linguagem, como o emprego do latim vulgar, por exemplo.

Sobre o substrato literário, verificamos a respeito dos textos de que Petrônio poderia ter se utilizado, levando em conta os diversos gêneros literários que podem ser encontrados no *Satíricon*. Com o objetivo de exemplificar, mencionamos as características que apontam para a épica no *Satíricon*, bem como as similaridades do romance antigo grego, também os poemas que aparecem intercalados na obra (*prosimetrum*), e ainda, as histórias de cunho popular, *fabulae Milesiae*, também conhecidas como contos milésios. Escolhemos destacar esses quatro gêneros, entre outros que aparecem no texto petroniano, pois são importantes para a discussão proposta neste trabalho, principalmente no capítulo que discutimos algumas passagens a respeito da amizade.

Se, de fato, entende-se que o autor utiliza-se de artimanhas para poder transmitir sua ideia, como o faz com o humor, último assunto tratado neste capítulo, que compreende a paródia, o burlesco e a sátira, determinantes para o tom irônico de Petrônio, é necessário, no entanto, compreender também que, ao se utilizar do humor, Petrônio quebra paradigmas, pois também denuncia a sociedade romana de sua época.

2.1. Aspectos históricos

O *Satíricon*¹ é uma obra da literatura latina, escrita por volta dos anos 60 d.C., por Petrônio Ábitro. Por ser uma obra fragmentária, tem uma particularidade polêmica, no sentido de que ao longo dos anos, relativamente a sua datação, autoria e título, muitos questionamentos têm sido levantados e várias possibilidades discutidas. Por causa das incógnitas, principalmente sobre a autoria e a datação do *Satíricon*, instaurou-se uma série de discussões que se denominou “questão petroniana”, que será retomada e discutida posteriormente neste trabalho.

Tendo em vista o estado fragmentário em que se encontra o texto petroniano, não é possível discutir a respeito de pelo menos dois dos pontos principais do enredo, isto é, sua introdução, pois esta parte se perdeu, e o clímax, haja vista que não se conhecem os termos do desfecho da obra. Sobre o desenvolvimento da narrativa, embora com inúmeras lacunas, ainda é possível reconhecer na trama do *Satíricon* uma fábula minimamente concatenada.

2.2. Resumo do *Satíricon*

De acordo com o texto preservado, o *Satíricon* começa abruptamente, em uma aula de retórica, na qual se encontram Encólpio e Ascilto. Quando aquele percebe que este desaparecera da aula, sai para procurá-lo, mas se perde e, ao perguntar a uma senhora onde ele morava, ela o encaminha para um prostíbulo. Lá Encólpio encontra Ascilto, que também se perdera e restara naquele mesmo lugar. Ao voltar para onde se hospedavam, Encólpio e Ascilto encontram Gitão e discutem por sua causa, mas decidem adiar a briga, pois haviam sido convidados, por Agamêmnon, o professor da aula de retórica, para um banquete. Um pouco antes do dia determinado para o banquete, Encólpio, Ascilto e Gitão, ao passar por um mercado, se deparam com um manto sendo vendido, o qual já havia estado em posse das personagens, e em cujo forro haviam escondido valiosas moedas. Após se envolverem em uma discussão com os vendedores do manto, conseguem reavê-lo. Depois, são levados à

¹ Para o presente trabalho utilizaremos a tradução de PETRÔNIO (2008).

presença de outra personagem, Quartila, em cujo antro ela os submete a aviltantes e grotescos tratamentos sexuais. Findados esses sofrimentos, chega o dia do jantar e os três jovens participam do banquete oferecido pelo ricoço Trimalquião em seu palacete.

De volta à pousada, depois de haverem participado do banquete, Encólpio e Ascilto brigam e se separam. Questionado sobre em companhia de quem queria ficar, Gitão prefere ir embora com Ascilto.

Completamente desconsolado com o abandono, Encólpio conhece um novo amigo, o poeta Eumolpo. Depois, convida-o a visitar o albergue consigo. Foi então que Encólpio, tendo reencontrado Gitão, desagrada-se quando percebe as investidas de Eumolpo sobre menino. Para acabar com as discussões entre Encólpio e Eumolpo, Gitão falsamente ameaça se matar.

Ascilto reencontra Encólpio, mas este, com medo de ficar novamente sem Gitão, foge e, com este e Eumolpo, embarca clandestinamente num navio que desconhecia ser da propriedade de um velho conhecido seu, Licas, com quem já tivera algum tipo de entrevero: Encólpio e Licas provavelmente já haviam se conhecido em algum momento da parte perdida da obra, quando, de algum modo, o moço prejudicara o proprietário do navio, o que não fica bem claro. Por isso, Encólpio e Gitão tentam se disfarçar para fugir ao ódio de Licas. Tal intento não só não dá certo, como também causa grande desordem no navio.

Quando, por causa de uma tempestade, a embarcação naufraga, Licas morre afogado. Encólpio, Gitão e Eumolpo escapam com vida, náufragos na costa de Crotona, cidade para onde logo se encaminham. Ali, aproveitando-se de que seus habitantes são caçadores de herança, Eumolpo propõe um plano ardiloso para enganá-los: Encólpio e Gitão passariam a ser seus falsos escravos, enquanto ele se passaria por um rico e proprietário de terras sem herdeiros. O plano de Eumolpo dá certo, e os cidadãos, interessados na herança, começam a tratá-los bem e a mantê-los.

Em Crotona, Encólpio conhece Circe, uma sedutora, mas depravada dama da sociedade, que logo se interessa por ele. Sua escrava, Críside, serve como mediadora de seus encontros e, por isso, é a mensageira que se encarrega da troca de cartas entre Encólpio e sua patroa. Contudo, Encólpio é acometido por uma crise de impotência sexual, diante do que Circe por ele se sente rejeitada. Furiosa, propõe-lhe várias tentativas de cura. Nesse cenário,

ainda ver-se-á uma antiga prostituta, Filomela, que oferece seus filhos a Eumolpo para fins libertinos e para conquistar os direitos à suposta herança. Encólpio refaz-se de sua impotência. No final de tudo, Eumolpo, morrendo, deixa um testamento, no qual dizia que somente receberia sua herança aquele que comesse seu cadáver. Essa é a última passagem do *Satíricon* remanescente, momento em que alguns habitantes daquela cidade preparam-se para o ato de antropofagia.

2.3. Organização da obra

No que se diz respeito à configuração do *Satíricon*, a obra que conhecemos hoje é, em certa medida, o agrupamento dos fragmentos conservados – dos quais o “Banquete de Trimalquião” sobreviveu quase integralmente. Como já vimos, o texto petroniano remanescente chegou até a modernidade sem o início, com passagens fragmentárias no decorrer da narrativa e sem o desfecho. Por isso, entre outras questões, não é simples a discussão sobre determinar a qual gênero literário pertence a obra.

Em relação às traduções para as línguas modernas, há também problemas, uma vez que alguns tradutores, como Héguin De Guerle², que traduziu para o francês, e também brasileiros, como Paulo Leminski³ e Miguel Ruas⁴, optaram por complementar as lacunas do texto e, inclusive, reescrever alguns trechos, distanciando-se do original petroniano. Dentre as traduções para o português que se ativeram ao texto latino, destacam-se a de Leão (2005), a de Bianchet (2004) e a de Aquati (2008).

Como mencionamos anteriormente, a narrativa do *Satíricon* começa abruptamente em razão da parte faltante. Já em relação ao desenvolvimento da narrativa, algumas aventuras que não mais se encontram narradas no texto remanescente podem ser inferidas pela narração do protagonista ou por meio dos diálogos, provavelmente decorrentes de algum acontecimento anterior, de uma parte que falta da obra, como podemos ver na passagem em que Ascilto discute com Encólpio e o acusa:

² PÉTRONE (1946).

³ PETRÔNIO (1985).

⁴ PETRONIO (1980).

– Ora, por que você não cala a boca – falou ele –, seu gladiador obsceno, que a arena expulsou por causa da ruína em que você se encontra? Você não cala a boca, não é, seu assassino noturno? Você, que nem quando contava com as forças se bateu com uma mulher decente... [...] (Sat. 9.8-9)⁵

Sobre essas acusações, são retomadas novamente em outro momento, mais adiante da narrativa, quando Encólpio sofre pelo abandono de Gitão:

– Não teve a terra o poder de aniquilar-me, sugando-me para o seu seio? Nem o mar, impiedoso até mesmo para com os inocentes? Escapei à justiça, salvei-me da arena, matei aquele que me hospedou, tudo isso para que, apesar desses títulos de audácia, eu jazesse mendigo, exilado, abandonado num albergue de uma cidade grega? (Sat. 81.2-3)

Tendo em vista as acusações de Ascilto e o monólogo de Encólpio, podemos inferir que as aventuras mencionadas pelas personagens teriam formado parte de capítulos anteriores a esse. Teria Encólpio passado por tantas provações, enfrentado o mar impiedoso, escapado à justiça, se salvado da arena e matado alguém? São indagações permanentes para o leitor do *Satíricon*.

Aquati (2008, p. 224-225) considera as suposições em relação ao início perdido e sobre algumas passagens importantes que se encontram também ausentes:

[...] presume-se que, partindo de Massília, em determinado momento Encólpio tenha profanado o culto de Priapo, deus da permanente ereção, e por isso teria incorrido em sua ira. Logo após essa ofensa, o rapaz teria conhecido Gitão, por quem se apaixonou. Depois disso, é sempre o ciúme que parece mover Encólpio. Esse sentimento, como tudo indica, fora lhe instilado como parte da própria vingança de Priapo. Além desse ciúme doentio, Priapo castigara Encólpio com uma impotência sexual intermitente. Dirigindo-se para o sul da Itália, provavelmente num movimento de fuga, como sói acontecer em todo o *Satíricon*, os moços ter-se-iam encontrado com os lascivos Trifena e Licas – que aparecerão novamente na parte conhecida –, personagens que eles teriam de alguma forma lesado, roubando-os e traído sua confiança. Já na Itália meridional, na região da Campânia, aceitariam a companhia de Ascilto, com quem formariam um tumultuado triângulo amoroso. Nessa altura, teriam tomado contato com um certo Licurgo, que acabaria morto e assassinado pelo ciumento Encólpio.

Como já citamos anteriormente, não fazemos ideia do desfecho do texto petroniano, nem direta, nem indiretamente. O fechamento atual da obra⁶

⁵ Nas citações, faremos referência à obra com o seu título mediante a abreviatura “Sat.”.

⁶ No último capítulo, intitulado “O testamento de Eumolpo”, segundo a tradução utilizada neste trabalho.

apresenta muitas lacunas. Entretanto, com base no texto preservado, sabemos que se trata de um contexto de antropofagia, no qual Eumolpo, com a promessa de uma herança, anuncia: “– Todos os que em meu testamento têm algum direito, à exceção de meus libertos, receberão o que leguei com a seguinte condição: se dividirem meu corpo em pedaços e o comerem diante do povo”. (Sat. 141.2)

De acordo com Aquati (2008, p. 226), pesquisadores da obra petroniana acreditam que, depois do último episódio que se atribui ao texto, referente à antropofagia, Encólpio e Gitão fugiriam de Crotona, pois seriam desmascarados após a morte de Eumolpo, uma vez que este não tinha herança alguma, como havia prometido aos cidadãos daquela cidade. Acredita-se também ser possível que uma terceira personagem se juntasse a Encólpio e Gitão, formando outro triângulo amoroso. Os três provavelmente se dirigiriam a Lâmpsaco, considerada a cidade natal do deus Priapo. Em um possível desfecho, Encólpio tentaria reparar seu erro de haver profanado a cerimônia em honra ao deus, iniciando-se no culto a Priapo, talvez com o envolvimento em outras aventuras.

O *Satíricon* termina, isto é, encerram-se as passagens das quais atualmente se tem conhecimento, integralizando-se 141 capítulos, sem um final concludente ou um desfecho comprovado. Instaure-se um novo questionamento, dessa vez, em razão da quantidade de seus livros, devido à conjectura de que o *Satíricon* teria 24 livros, tal como a *Odisseia*, obra que, sabe-se, exerceu forte influência na escrita de Petronio.

2.3.1. Datação e autoria

Como já se disse, um dos obstáculos que desponta na discussão sobre o *Satíricon* é determinar uma data exata em que a obra foi escrita. Acredita-se que a datação seja posterior a 62 d.C., chegando até 66 d.C., esta como uma data limite, sendo a data mais aceita atualmente aquela que aponta para 63 d.C. Tais datas estão sempre pautadas nos contextos da relação temporal em vista das referências do próprio texto petroniano, tais como nomes de personagens historicamente determinados, aspectos logísticos (construções arquitetônicas, instituições sociais e políticas, aspectos econômicos, etc.), dados históricos, dados literários, menção de outros escritores, costumes, entre outras.

A partir de diversos estudos a respeito das indicações temporais contidas na obra, é possível apreender que a época da história narrada é referente ao principado de Cláudio, que vai de 41 a 54, anterior ao principado de Nero, época suposta da escritura. Para Aquati (2008, p. 243), “tal atribuição de data e autoria, com boa margem de segurança em virtude de seus dados históricos, econômicos, linguísticos, entre outros, baseia-se fundamentalmente no célebre texto do historiador Tácito, *Anais* XVI, 18-19.”.

Anais (*Annales*), obra da historiografia romana, foi escrita por Tácito com o intuito provável de registrar relatos sobre quatro imperadores romanos e sua época: Tibério, Calígula, Cláudio e Nero. Embora vários capítulos dos *Anais* de Tácito tenham se perdido, os capítulos 18 e 19, do livro XVI, foram preservados e chegaram à atualidade. Nos capítulos citados, o historiador romano refere-se a um certo Petrônio como *arbiter elegantiae* (árbitro da elegância⁷) – cortesão e íntimo de Nero – e narra em que contexto se deram os eventos que culminaram com o suicídio (institucionalmente compulsório) do possível autor de *Satíricon*.

Esse Petrônio retratado por Tácito, considerado, pois, como o árbitro da elegância e dotado de bom gosto, recebeu grande estima na corte de Nero e obteve um notório sucesso na política. *Gaius Petronius* (seu nome completo, segundo os registros antigos mais confiáveis) foi, possivelmente, procônsul na Bitínia, na região importantíssima que compreende as cercanias do estreito do Bósforo, nos limites entre a Europa e a Ásia, no noroeste da Turquia. Talvez, por sua notoriedade, Petrônio tenha sido acusado — injustamente, segundo Tácito — pelo ministro neroniano Tigelino como cúmplice de Pisão, envolvido na célebre conspiração de 65 d.C., cujo objetivo, baldado, era o do assassinio do imperador Nero. O que se segue é o fim de Petrônio, que tem sua morte decretada. Sem mais esperanças, o possível autor do *Satíricon* pratica o suicídio a que tinha sido forçado pelo Estado abrindo as veias e esvaindo-se em sangue.

No texto tacitiano, há a referência de que Petrônio, em seu último dia de vida, teria escrito um documento que viria a ser enviado ao imperador. Alguns estudiosos chegaram a acreditar ser este o próprio texto do *Satíricon*, hipótese, no entanto, hoje descartada, uma vez que seria impossível, em tão pouco tempo

⁷ Em termos modernos, equivaleria a um consultor de eventos e relações públicas, algo como um mestre de cerimônias da corte imperial.

escrever uma obra extensa, como se presume ter sido o *Satíricon*, e com tantos detalhes e engenho, como pautaremos no presente trabalho.

Em relação à autoria do *Satíricon*, parece-nos adequado o fato da narração ser em primeira pessoa. É, sobretudo pelos olhos e pela boca de Encólpio, além, é claro, de outras personagens que se expressam por meio de discurso direto, que a percepção e o discurso do entorno nos são apresentados. Esse recurso de narração pode ter sido cuidadosamente utilizado por Petrónio como um artifício para que a obra pudesse circular livremente, tendo em vista que quem faria julgamentos de cunho moral ou ético, por exemplo, seriam as personagens, mormente o narrador, ficcional, portanto, e não o autor empírico, Petrónio. O autor de *Satíricon* teria adotado essa forma de escrever, assim, em vista do período histórico — o principado de Nero — politicamente instável e organicamente brutal em que viveu. Afinal, Petrónio não poderia arriscar a assumir, ainda que disfarçado pela ficção, o posicionamento crítico — uma das leituras possíveis do *Satíricon* — contra o governo de Nero. Da mesma forma que Petrónio não seria poupado por Nero, também Sêneca, um dos intelectuais mais respeitados de sua época, autor de diálogos e tragédias até hoje conhecidos, teve sua morte decretada ao ser envolvido como cúmplice da mesma conspiração de Pisão. Tácito revela que Sêneca tirou a sua própria vida, de forma similar ao autor do *Satíricon*.

A título de elucidação, é importante ressaltar que Petrónio pode ser citado tanto como *Gaius Petronius* (Caio Petrónio), como mencionamos anteriormente, ou *Titus Petronius* (Tito Petrónio). Apesar de não se saber ao certo o prenome, se *Gaius* ou *Titus*, *Petronius* sempre aparece relacionado ao *Satíricon*. Sobre Petrónio ter sido procôsul na Bitínia, há a hipótese de ter sido nessa localidade onde ele provavelmente tivera contato com as obras gregas, tendo em vista a proximidade geográfica da Bitínia, na atual Turquia, da região da Grécia onde circularam os primeiros romances⁸. Petrónio pode se ter beneficiado desse fato, uma vez que há no *Satíricon* referências a obras gregas, como veremos adiante.

De acordo com Gonçalves (2001, p. 514), embora a maior parte dos pesquisadores prefira a datação tacitiana, alguns estudos apontam para a possibilidade de que a autoria seja posterior à do Petrónio descrito por Tácito.

⁸ Aqui o romance deve ser entendido como o romance antigo grego, não como a denominação moderna do gênero literário.

Para o presente trabalho, dentre as muitas teorias em relação ao período em que *Satíricon* foi escrito e quem foi o autor, adotaremos a hipótese mais aceita de que Petrônio do *Satíricon* é o retratado pelo historiador Tácito.

Contudo, embora coloquemos que Petrônio tenha escrito durante o principado de Nero, o referencial narrado — ou o tempo narrado — aponta para características dos tempos do imperador Cláudio (*Tiberius Claudius Caesar Augustus Germanicus*, Tibério Cláudio César Augusto Germânico) entre 41 a 54 d.C., ano de sua morte.

2.3.2. Tempo da narrativa e tempo do narrado

A possibilidade de que o tempo do romance seja referente ao do principado de Cláudio pode ser apontada por características e indícios relativos à ordem social, histórica e econômica. No principado de Cláudio, sabe-se que houve algumas mudanças em relação aos escravos, uma vez que tinham a possibilidade de negociar com a família proprietária no tocante à sua liberdade. Dessa maneira, os escravos podiam trabalhar e comprar, de certa forma, a sua liberdade. De acordo com Guarinello (2006, p. 232):

[...] os escravos urbanos tinham trajetórias mais abertas [que a dos escravos remetidos à zona rural]. Podiam ser treinados em ofícios específicos e, muitas vezes, estabelecer-se independentemente, pagando uma taxa a seu dono. Podiam trabalhar na residência de seu senhor, ganhar sua confiança e passar, por exemplo, a administrar seus negócios, a gerir suas propriedades agrícolas, a comerciar em seu nome. Como ponto final da trajetória, podiam obter sua alforria, tornarem-se libertos e, até mesmo, cidadãos romanos, ainda que carregando a mancha da escravidão, da qual só seus filhos se libertariam plenamente.

É o que acontece com uma das personagens do *Satíricon*, por exemplo, Trimalquião, uma personagem que um dia fora escravo, mas conseguiu tornar-se liberto. Petrônio talvez tenha escrito, com suas sutis artimanhas literárias, o capítulo mais importante do *Satíricon*, o “Banquete de Trimalquião” (em latim, *Cena Trimalchionis*), como uma sátira referente ao principado de Cláudio (mas que também alcança o de Nero), em que acontecia essa situação de dar-se liberdade a determinados escravos muito enriquecidos. Não se deve perder de vista que o narrado contempla uma situação muito comum ao ser humano, que os romanos adotaram com muito prazer, isto é, o banquete, com seu caráter de

reunião, de agrupamento social em que se desenvolve e se preserva a amizade. Esse banquete é significativo, portanto, uma vez que ele pode contemplar características reais ou muito próximas da realidade da convivência social na corte romana, no caso a de Cláudio ou Nero.

Muñoz Morcillo aponta que o *Satíricon* apresenta “um cenário que nos confunde porque parece querer dizer que nada está errado, embora também possamos ler nas entrelinhas e interpretar todo o humor como uma ironia muito fina e pensar o contrário.” (MUÑOZ MORCILLO, 2007, p. 32, tradução nossa)⁹, e ainda questiona: “Estamos diante de uma deformação grotesca [...] que ataca diretamente a corrupção dos costumes em relação ao humor e à paródia?” (MUÑOZ MORCILLO, 2007, p. 32, tradução nossa).¹⁰ Não temos, neste trabalho, a intenção de responder a essa pergunta, mas a de debater, para elucidá-la, a respeito da sátira e da paródia, temas que serão posteriormente abordados.

Sabe-se que os libertos tiveram grande destaque no mundo romano principalmente durante o principado de Cláudio, que inclusive destinou a um grupo de libertos cargos públicos com, por exemplo, Narciso¹¹, na posição de secretário pessoal, ou Políbio¹², na função de bibliotecário. Sobre a escravidão, Trimalquião, em relação ao seu passado de escravo, reconhece:

– Amigos, não só os escravos também são homens como beberam igualmente do mesmo leite, apesar de um mau destino tê-los oprimido. Entretanto, se depender de mim, cedo vão beber a água da liberdade. Em suma: eu liberto todos eles no meu testamento. (Sat. 71.1)¹³

⁹ “un cuadro que nos desconcierta porque parece querernos decir que nada anda mal aunque también podemos leer entre líneas e interpretar todo el humor como una ironía muy fina y pensar lo contrario.”

¹⁰ “¿Estamos ante una deformación grotesca [...] que ataca directamente la corrupción de las costumbres en clave de humor y parodia?”

¹¹ Bunson (2002) descreve Narciso como “um importante homem livre no principado de Cláudio. Narciso ocupou o posto de *ab epistulis*, ou secretário de correspondência, mas exerceu influência muito além de seu cargo.” (BUNSON, 2002, p. 381, tradução nossa).

“Important freedman in the reign of Claudius Narcissus held the post of AB EPISTULIS, or secretary for correspondence, but wielded influence well beyond his office.”

¹² “Liberto a serviço do imperador Cláudio. Além de seus prováveis deveres como um *libellus*, Políbio encabeçou o recém-criado “escritório literário”, a *studiis*, preocupado com todas as questões de importância literária.” (BUNSON, 2002, p. 439, tradução nossa).

“Freedman in the service of Emperor Claudius Aside from his probable duties as A LIBELLUS, Polybius headed the recently created “literary office,” the a *studiis*, concerned with all matters of literary importance.”

¹³ Este comentário de Trimalquião sobre os escravos, é uma paródia de um texto de Sêneca, de uma carta (*epistula*) que ele teria escrito a um certo Lucílio (*epistula ad Lucilium*).

Outra relação que podemos estabelecer entre o ocorrido no principado de Cláudio e o que acontece no *Satíricon* dá-se por causa de um dos inúmeros éditos propostos pelo imperador. Cláudio promove o decreto no qual autoriza as flatulências em público, com a justificativa de melhorar a saúde dos cidadãos. Petrônio nos apresenta uma passagem, ainda no episódio do “Banquete de Trimalquião”, em que, após ter se retirado da presença de seus convidados, Trimalquião volta e diz:

– Me perdoem, amigos: já faz muitos dias que a minha barriga não me obedece. Os médicos não se entendem. O que me adiantou foi romã e uns ramos de pinheiro no vinagre. Mas eu espero que ela retome a sua velha dignidade. Do contrário, tudo em volta do meu estômago vai roncar que nem um touro. Por isso, se alguém quiser fazer suas necessidades, não há por que se acanhar. Nenhum de nós nasceu tampado. Eu acho que não existe tormento tão grande como a gente segurar. Isso é a única coisa que Júpiter não pode impedir. [...] No triclinio eu não impeço que ninguém faça o que lhe agrade. Os médicos não querem que as pessoas segurem. E, se acontecer algo mais urgente, lá fora está tudo preparado: a água, os vasos e outras miudezas. Vão por mim: se os gases vão para a cabeça, dão uma tremedeira no corpo todo. Sei de muitos que morreram assim, já que não quiseram dizer a verdade a si mesmos. (*Sat.* 47.2-6)

Segundo Aquati (2008, p. 271), é possível relacionar o ato e inclusive a fala de Trimalquião com uma deliberação do imperador Cláudio por meio da qual se permitia “que nos banquetes oficiais se eliminassem as flatulências. Menção a essa medida aparece em *Vida dos doze Césares*, de Suetônio, e também na sátira *Apocolocintose*, de Sêneca”.

2.3.3. Língua e linguagem do *Satíricon*

O *Satíricon* apresenta alguns recursos que podem ser vistos como inovação para a época em que foi escrito. Considerando o latim em que vem escrito, revela-nos o acionamento de diversos registros de linguagem, desde a norma culta até variados aspectos do latim vulgar. Considera-se, sobre Petrônio, que “ele possuía um toque tão primoroso que, na *Cena Trimalchionis*, incluiu excelentes exemplos do latim vulgar de sua época, tornando o romance

de grande importância para gramáticos subsequentes.” (BUNSON, 2002, p. 423, tradução nossa).¹⁴

O episódio do “Banquete de Trimalquião” constitui a maior unidade do *Satíricon*, e nele é possível encontrar muitas marcas do latim vulgar. Durante o banquete, quando Trimalquião se ausenta do salão em que acontece a festa, pelo motivo já apresentado, é possível notar a interação entre os convidados, quando sua conversa é representada em discurso direto.

Aquati (2016, p. 253-254) discute sobre essas questões:

Quanto aos iletrados, apresentam-se à festa os libertos convidados de Trimalquião, vários dos quais se expressam na *Cena Trimalchionis* em discurso direto. Exemplos de sua condição se multiplicam à medida que avançam esses próprios discursos, e muitas vezes sua fala sinaliza sua condição. A título de exemplo, Dama, com seu linguajar eivado de barbarismos, chega à grosseria em nível de obscenidade:

[...]

Mas quando bebo um pultário de vinho com mel, digo para o frio se foder. E eu não pude me lavar de jeito nenhum, pois hoje fui num enterro. (*Sat.* 42.2).

Assim, sobre as marcas linguísticas existentes, podemos destacar a divisão entre o latim formal e o latim vulgar. Vale ressaltar que o latim vulgar é uma das modalidades da língua utilizada pelos romanos, sendo, portanto, a variante popular falada. De acordo com Hofmann (1958, p. 6), conforme citado por Bianchet (2002, p. 11), “[...] os libertos conservam tom coloquial e despreocupado da fala cotidiana.”, como de fato, podemos observar nos diálogos no banquete, uma vez que estão em uma conversa entre amigos. Há, em certa medida, uma caracterização das personagens pela linguagem, uma vez que o emprego do latim vulgar particulariza de certa forma, as falas dos libertos, como veremos a seguir.

Rolim de Moura (2008, p. 1) ressalta o fato de que no banquete há muitos libertos de fala popular, e destaca a dificuldade de um tradutor “transpor para o português o sabor do texto latino, misturando expressões coloquiais e construções ‘erradas’ de hoje com marcas linguísticas e culturais que garantem

¹⁴ “He possessed such a masterful touch that in the *Cena Trimalchionis* he included superb examples of his era’s Vulgar Latin, making the novel of great importance to subsequent grammarians.”

a impressão de [...] um discurso vindo de outra época e outra sociedade.”. Rolim de Moura (2008, p. 2) aponta como exemplo um excerto, no *Satíricon*, em que um dos convidados do banquete manifesta a sua opinião a respeito das doações dos ricos oferecidas aos populares:

Mas está me cheirando que o Mameia vai nos dar um banquete público e dois denários [pra cada um], para mim e para os meus. Porque, se fizer isso, vai roubar todo o prestígio do Norbano. É bom que você saiba que o Maméia vai vencer com um pé nas costas. E, na realidade, o que o Norbano fez de bom pra gente? Ele nos arrumou uns gladiadores já caindo aos pedaços, que não valiam mais que um sestércio. Se você soprasse, eles caíam. Já vi bestiários melhores. Cavaleiros iguais aos de adornos de lâmpadas, esses ele matou; pareciam galinhas: um era uma mula derreada, outro não se aguentava nas pernas; o reserva do morto, morto também, acho que tinha os tendões cortados. Um deles, com um pouco mais de resistência, foi um trácio, mas que não fez mais que lutar igualzinho como ensinaram. (Sat. 45.10-12)

De acordo com o excerto apresentado, é possível apreender, pela fala da personagem o pensamento e entendimento de mundo, por exemplo. Rolim de Moura (2008) qualifica, a partir do mesmo excerto, que “a mentalidade da personagem [...] tem seus paralelos nos dias de hoje, é bem caracterizada e dificilmente se apagaria na tradução”. O autor acrescenta que parece fazer falta “algum elemento gramatical não-padrão do português oral contemporâneo”, por isso ressalta a dificuldade da tradução.

Bianchet (2002), estudando mais detalhadamente as questões linguísticas do *Satíricon*, considera os processos linguísticos da fonética e fonologia; da morfologia; da sintaxe e do léxico, presentes no texto petroniano. Não exploraremos essas questões no presente trabalho, mas é importante destacar esse aspecto no *Satíricon*, pois alguns estudiosos atribuem às marcas linguísticas presentes na *Cena Trimalchionis* o fato do capítulo ter sido o mais preservado.

Para Adamik (1990, p. 1, *apud* BIANCHET, 2002, p. 11), Petrônio era conhecedor das “artes da linguagem”, particularmente a retórica, uma vez que teria utilizado as formas do latim vulgar como uma maneira de caracterizar o latim falado por escravos e libertos. De forma similar, Codoñer (1990, p. 57) afirma que Petrônio ter-se-ia utilizado “de diferentes níveis de linguagem: popular para Trimalquião e seus convivas, coloquial culto para os protagonistas

[...] e linguagem própria para criações em verso, utilizada nos pequenos poemas inseridos na *Cena*.” (apud BIANCHET, 2002, p.11).

De qualquer maneira, é importante destacar que Petrônio retrata vários registros do latim. Bianchet (2002, p. 9) aponta algumas fontes literárias que geralmente são utilizadas para o estudo do latim vulgar. Dentre elas, anteriores ao *Satíricon* estão as comédias de Plauto, escritas entre 200 e 180 a.C.; a *fabula togata*, correspondente a uma comédia clássica romana; e as expressões e frases que aparecem nos escritores clássicos, que algumas vezes exploram o latim vulgar de uma abordagem lateral, tais como Cícero (sobretudo em sua correspondência com Ático), Catulo, Horácio (principalmente nos epodos), entre outros. Assim, tendo em vista o latim vulgar, podemos apontar a relação de efeito de sentido causado em um texto. Plauto, por exemplo, escreveu em versos, enquanto, sabe-se, que nada pode resgatar a espontaneidade do registro coloquial preso fortemente às situações concretas de comunicação.

Além da característica das marcas linguísticas, especialmente do latim vulgar, no *Satíricon* há também a diferença da linguagem utilizada pelos personagens. Sabe-se que, diferentemente do conceito de língua, a linguagem é a matéria do pensamento e veículo da comunicação social. Podemos destacar, a título de exemplificação, a passagem em que Encólpio e Gitão, como passageiros clandestinos, encontram-se no navio de Licas junto com seu amigo Eumolpo. Apesar de seus esforços para não serem reconhecidos, Encólpio e Gitão são descobertos, gerando um alvoroço no navio, acusados de levarem mau agouro àquela embarcação. Ao ver Licas e Trifena discutindo se Encólpio e Gitão deveriam ou não ser castigados, Eumolpo intercede e advoga pela absolvição dos jovens, e diz, inclusive, ter sido escolhido embaixador para defendê-los.

Pode-se notar que, nesse episódio, Eumolpo muda o seu registro e utiliza-se de termos jurídicos, imitando a maneira facilmente reconhecível como causídicos se expressam, na tentativa de ajudar Encólpio e Gitão. Como Petrônio gerara na prática de seu texto um discurso em determinado gênero, que se destaque dentre os demais por suas características, podemos considerar, assim, que também haja a mistura de gêneros do discurso no *Satíricon*.

2.4. Substrato literário no *Satíricon*

O *Satíricon* chama a atenção pelos diversos gêneros literários que promove. De acordo com Aquati (2008, p. 228), “Outra questão de máxima importância é a do substrato literário do romance, isto é, o conjunto de obras e gêneros que poderiam ter influenciado seu autor.”. Em *Satíricon* 118.5, por exemplo, é possível ler a alusão a vários autores do máximo valor entre os antigos: “[...] Homero é exemplo, os líricos também; e o romano Virgílio, e as felizes expressões do meticoloso Horácio.”. Podemos apreender, pela referência aos autores, que Petrônio de fato teve contato com suas obras, e pode ter recebido a influência delas.

Horácio e Virgílio, citados apenas nominalmente no exemplo acima, são também discutidos mais profundamente em outras passagens do mesmo *Satíricon*, como é possível ver, por exemplo, na passagem em que Eumolpo conversa com Encólpio e Gitão e faz uma crítica à poesia. Recordando-se de uma frase de Horácio, Eumolpo diz: “É preciso evitar – como direi? – qualquer emprego de palavras vulgares e utilizar expressões distantes do povo, a fim de cumprir-se, como escreveu Horácio, o ‘odeio o vulgo ignorante e dele me mantenho afastado’.” (Sat. 118.4).

Em outra passagem do banquete de Trimalquião, podemos igualmente ler:

Subitamente, eis outra brincadeira. O escravo que estava sentado aos pés de Habinas, acho que sob ordens de seu patrão, de repente recitou com voz bem impostada:

Entrementes Enéias e sua armada já se faziam ao largo.

Jamais um som tão horrível bateu em meus ouvidos. É que lhe faltava cultura: elevava e diminuía seus berros sem nenhum ritmo; além disso, ele misturava versos de atelanas. Dessa forma, pela primeira vez, até mesmo Virgílio me desapontou. (Sat. 68.4-5)

Em vista do excerto citado, no contexto do banquete, Encólpio, tido como letrado, ouve a declamação e identifica os versos de Virgílio. Pode-se dizer que Petrônio constrói uma crítica ao mau uso da literatura. Um poeta como Virgílio — o verso é da *Eneida* — sendo recitado de maneira completamente inadequada por um escravo e ainda com inserções de outros versos, de outra natureza: atelanas, peças escritas em verso, mas ligadas à comédia, não à épica.

Destacamos a variedade de gêneros literários presentes no *Satíricon*, tais como Aquati (2008) elenca: o romance grego, a épica, os contos milésios, a *Priapeia*, a literatura de *symposium*, o mimo, a *fabula tabernaria*, a tragédia, a lírica amorosa e a sátira romana antiga.

Hofmann, por sua vez, considera que “[...] Petrônio expande os limites do gênero romance ao mergulhar constantemente em outros gêneros: o *Satíricon* parece fazer uso de quase todos os gêneros literários conhecidos.” (HOFMANN, 2004, p. 24, tradução nossa).¹⁵ A título de elucidação, abordaremos a respeito da épica, do romance grego, dos contos milésios¹⁶ e do *prosimetrum*¹⁷, importantes para a discussão proposta neste trabalho.

Para Aquati (2008, p. 235), “O valor do *Satíricon* reside na sua concepção intertextual, isto é, o diálogo entre as formas literárias de que Petrônio lança mão, e entre ele e a tradição a que constantemente se opõe e que procura transgredir.”. Podemos dizer que, em contraposição à épica, por exemplo, Petrônio inova como narra. Tendo em vista aquele gênero literário, sabe-se que era comum a viagem do herói, em que a narrativa se enriquecia conforme a passagem do protagonista em um espaço diferente, considerando-se também as figuras mitológicas que podiam auxiliar ou dificultar a sua trajetória.

No conjunto de hipotextos do *Satíricon*, podemos encontrar referências a Eneias, o herói troiano da *Eneida*, que, ao visitar seu pai no mundo dos mortos, depara-se com o cão Cérbero, que guarda a entrada do Hades. No *Satíricon*, Encólpio se assusta ao ver um enorme cão desenhado em mosaico na parede, na entrada da casa de Trimalquião. Em relação à *Ilíada*, a referência pode ser percebida quando Encólpio, assim como Aquiles, chora, este pela perda de Briseida, aquele pelo abandono de Gitão. Outro poema épico, a *Eneida*, é representado parodicamente no conto da Matrona de Éfeso, como será apresentado adiante.

Para Aquati (2017), sobre o romance de amor e aventura proveniente da Grécia, embora sua origem e datação seja um assunto muito debatido, sabe-se

¹⁵ [...] Petronius does expand the limits of the novel genre by constantly dipping into other genres: the *Satyricon* seems to make use of almost every known literary genre.

¹⁶ Sobre os contos milésios no *Satíricon*, atribui-se a influência de Aristides de Mileto, autor grego do final do século II a.C., quem teria escrito novelas de cunho erótico, as quais tornaram-se populares entre os gregos e também os romanos.

¹⁷ Composição de um texto ora por prosa, ora por verso. No *Satíricon* há a predominância da prosa com versos ocasionais intercalados.

que o gênero segue um modelo, mais ou menos pré-estabelecido, uma vez que a história conta o percurso de um casal heterossexual que se apaixona à primeira vista, mas que logo é forçado a se separar. Ainda segundo o autor, a partir da separação, há obstáculos na jornada, aventuras e uma constante busca da pessoa amada. Segundo Aquati (2017), há, por fim, o reencontro do casal enamorado (mas separado) e temos, então, o desfecho da história num procedimento que tanto se repete por todas as obras que parece estarmos frente a frente com um verdadeiro recurso literário: o *happy end*.

O *Satíricon*, por sua vez, parece apresentar a mesma temática grega, isto é, o desencontro do casal apaixonado. No entanto, considera-se que

O diálogo com o romance grego em particular é questão ainda delicada e especulativa. A datação e o surgimento do romance grego são um terreno pantanoso e trazem problemas que precisam ser discutidos: de onde Petrónio tira a idéia do seu casal de homossexuais que viajam pelo sul da Itália, tão coincidente com o casal heterossexual que percorre mundos exóticos no romance grego? O motivo do par homossexual – marcante no *Satíricon*, pelo seu próprio espírito carnavalesco – é uma clara reação ao par amoroso do romance grego, e não o contrário. Se os romances gregos que apresentam um par heterossexual – *Ântia e Habrócomes (As Efesíacas)*, de Xenofonte de Éfeso, e *Quéreas e Calíroe*, de Caríton – de fato podem ser datados, respectivamente, de 50 e 55 d.C., eles seriam anteriores à obra de Petrónio. Contudo, o motivo homoerótico num autor romano mais sugere uma ampla difusão de um tema como o do “par amoroso em viagem”, do que a restrita a uma ou duas obras, embora não seja impossível que o sucesso obtido por Xenofonte e Caríton fosse tão grande que por si só atraísse, como objeto de paródia, a atenção de Petrónio. Além disso, é possível que houvesse mais obras de temática semelhante, perdidas hoje, anteriores a Xenofonte, Caríton e Petrónio, e que já se difundiam com bastante sucesso pelo império, as quais o autor romano pudesse tomar como base para uma paródia. (AQUATI, 2008, p. 232)

É importante ressaltar o fato de que no romance antigo grego, o casal de protagonistas não se corrompe em suas jornadas, isto é, não há traição de nenhuma parte. Já no *Satíricon*, assim como no romance grego, embora haja também a separação dos protagonistas — entre Encólpio e Gitão —, a traição acontece antes ainda de as personagens se separarem, uma vez que Gitão não se recusa a passar a noite com Ascilto, além de preferir abandoná-lo logo em seguida, em vez de permanecer com Encólpio.

A diferença se dá também em relação ao final feliz, pois, diferentemente do romance grego, no *Satíricon* a trama continua, mesmo depois do reencontro de Encólpio e Gitão. Acrescenta-se ainda que, de acordo com o que se mencionou anteriormente, não conhecemos o final do texto petroniano, haja

vista a perda de seu desfecho, sendo impossível afirmar se o final do romance seria em tom de paródia, considerando o *happy end*, ou não.

Hofmann (2014) entende o *Satíricon* como realista, uma vez que, enquanto os romances gregos valorizam os relacionamentos heterossexuais, os heróis da obra petroniana são homossexuais ou bissexuais; o mesmo acontece, segundo Hofmann, com o casamento, enquanto este é valorizado nos outros romances gregos, no *Satíricon* revela-se como objeto de zombaria. Dessa maneira, podemos considerar que Petrônio toma como base os romances gregos e, a partir deles, elabora uma paródia na qual estabelece como personagens apaixonadas uma dupla homoafetiva formada por homens.

No que diz respeito à épica e ao romance grego, Aquati considera que

O que pode ter levado Petrônio a referir-se tanto à épica quanto ao romance grego foi justamente sua percepção das relações que existem entre esses dois gêneros e o desejo de reelaborá-las de maneira cômica. É possível pensar, pois, que a intertextualidade do romance grego e da épica presida a criação do *Satíricon*, processo em que são relevantes o espírito sempre observador de Petrônio e seu realismo característico. O exagero, o absurdo, o cômico, a justaposição de elementos incompatíveis trazem à tona, para o leitor – que, portanto, sempre constrói um sentido peculiar para o *Satíricon* –, a reflexão sobre a realidade. (AQUATI, 2008, p. 233)

Assim, entendemos que, embora Petrônio faça referência à épica, considerada um gênero sério, ao mesmo tempo, utiliza-se, por meio da paródia, do romance antigo grego, tendo em vista a narrativa de amor e aventura, ainda que este fosse considerado como um gênero sem prestígio literário, cujo tema retomaremos posteriormente na discussão sobre a paródia no *Satíricon*.

Sobre os contos milésios ou *fabulae Milesiae*, Aquati (2008, p. 231) os define como “narrativas orientais curtas e bastante coloridas, propositalmente cínicas, de evidente origem popular, como ‘O vidro inquebrável’ ou ‘O garoto de Pérgamo’”; outro conto importante a ser mencionado é “A matrona de Éfeso”, por exemplo. Essas pequenas histórias estão inseridas ou intercaladas na história principal e não mudam a trajetória do herói. No romance antigo aparecerão de igual maneira em *O Asno de Ouro*, de Apuleio.

“A matrona de Éfeso”, que mencionamos, é um conto que Encólpio ouve no navio de Licas, quando Eumolpo narra a história de uma mulher, recém-viúva, que chora no túmulo de seu marido por dias e noites, sem se alimentar.

Um soldado que vigiava, proximamente, alguns corpos crucificados, ao ouvir o choro, vai ver a mulher e fica deslumbrado com sua beleza. Quando percebe do que se tratava, o soldado insiste para que ela coma e beba; esta, incentivada por sua criada, não só se alimenta como também se entrega ao soldado. No entanto, surge um problema: um dos corpos que estava na cruz desaparece, e o soldado deve ser punido por seus superiores por causa de seu desleixo, mas, assim que a matrona descobre o ocorrido, decide tirar o corpo do falecido marido do caixão e colocá-lo na cruz, antes vazia, pois preferia pendurar aquele, o marido que já estava morto, a matar este, o novo amante, vivo.

Além dos contos inseridos no *Satíricon*, sabe-se que, em particular, Petrônio faz uso predominante da prosa, mas recorrentemente insere trechos, longos ou curtos, de versos de sua suposta autoria ou de outros autores, entremeando-os e passando a compor uma nova modalidade: o *prosimetrum*. De acordo com Rolim de Moura (2008):

Exemplar mais extraordinário do *prosimetrum* antigo, o livro de Petrônio alterna a variedade do universo da prosa descrita há pouco com idêntica riqueza no registro versificado: há numerosos trechos poéticos em diversos metros e tons, na boca de diversas personagens, trechos por vezes justificados pelo enredo (por exemplo, um poeta recita sua composição), outras vezes introduzidos subitamente na narrativa.

No episódio da Matrona de Éfeso, é possível apreender uma referência à *Eneida*:

O jovem não parecia nem feio, nem desprovido de belas palavras à casta viúva, enquanto a criada, conciliadora, dizia repetidamente:

“Pois também repugnas ao grato amor? Nem onde estás reflectes?” (Sat. 112.2, grifo nosso)

Virgílio, no livro IV, é citado *ipsis litteris*. A princesa Ana, irmã da viúva Dido, tentava convencer a rainha a entregar-se à paixão por Eneias. No *Satíricon*, a criada da também e recente viúva Matrona de Éfeso tem a sua fala constituída pelos versos de Virgílio, buscando persuadir a patroa a juntar-se com o soldado que surge no sepulcro de seu falecido marido.

No texto petroniano também é possível ler vários poetas, como Lucílio, Sêneca, Horácio. Contudo, os versos de Virgílio são os preferidos. Acrescentando versos de autores como esses, Petrônio os retira do contexto

original e promove uma resignificação. Um dos trechos em que ocorre tal artifício está em *Sat.* 118-124.¹⁸ O poema épico que se apresenta é declamado por Eumolpo, quando da entrada em Crotona.

A personagem faz uma crítica a um poema: “Eis uma obra imensa como *A Guerra Civil*: qualquer um que a abordar, a não ser um especialista em literatura, sucumbirá sob sua carga.” (*Sat.* 118.6). Em vista disso, Eumolpo propõe-se a declamar alguns versos que diz serem seus. Antes de iniciar a declamação, diz: “Vocês querem ver? É o caso deste improvisado, ainda que não tenha recebido os últimos retoques.” (*Sat.* 118.6). O poema declamado por Eumolpo remete à *Guerra Civil*, de Lucano, o que indica o visível diálogo, sempre considerado pela crítica, entre o *Satíricon* e a *Farsália*, de Lucano. Os versos declamados por Eumolpo são longos e avançam por várias páginas, constituindo-se no mais extenso poema encontrado no *Satíricon*.

A carta também aparecerá inserida no *Satíricon*. No episódio em que Encólpio mantém um relacionamento com Circe (*Sat.* 126-130), esta, por intermédio de sua escrava, envia uma carta para aquele, como podemos ler em: “Crísida, porém, entrou em meu quarto e deu-me uns bilhetinhos de sua patroa, nos quais estava escrito o seguinte: ‘CIRCE PARA ENCÓLPIO. SAUDAÇÕES. [...]’” (*Sat.* 129.3). O gênero textual da carta apresenta-se por meio do remetente e destinatário, Circe e Encólpio, respectivamente. O conteúdo da carta segue, após as saudações, e há uma despedida, em tom irônico: “[...] Passe bem, se puder.” (*Sat.* 129.9). Encólpio lê a carta e responde em seguida, seguindo os mesmos moldes da que fora escrita por Circe. A escrava de Circe leva a carta de sua patroa até Encólpio, e vice-versa, e lhes servirá de mediadora em seu relacionamento.

Sobre o episódio apontado, é importante ressaltar que Circe substituirá o nome de Encólpio por Polieno: “Nem é sem motivo que Circe ama Polieno: entre esses nomes sempre brota a velha chama.” (*Sat.* 127.7). Aquati (2008, p. 188) recorda que “na *Odisseia*, Ulisses é chamado de Polieno pelas sereias, e a feiticeira Circe devota-lhe ardente interesse.”. De acordo com Avellar (2014, p. 172), “[...] os amores de Circe e Polieno irão se desenrolar em um ambiente

¹⁸ No capítulo intitulado “*A Guerra Civil*, de Eumolpo” (p. 171-181), de acordo com a tradução que estamos utilizando para o presente trabalho.

rural [...] que muito se aproxima da tradição bucólica.”. Como podemos ver, organizado em versos, Encólpio descreve um lugar perfeito para o amor:

Derramara sombras estivais o oscilante plátano,/ também Dáfnis coroada de bagas e os tremulantes ciprestes;/ também, com seu trêmulo vértice, o pinheiro de aparada fronde./ Entre as árvores, um espúmeo regato de águas erradias/ brincava, e os seixos fazia rolar com sua água murmurante./ Local perfeito para o amor:/ testemunham-no o silvestre rouxinol e a cidadina Prócne,/ aves que, espalhadas em torno dos prados/ e das delicadas violetas,/ alegravam os campos com seu canto. (Sat. 131.8).

Para Avellar (2014, p. 172), os elementos citados no poema, como os vários tipos de árvores, pássaros, riacho, por exemplo, são elementos que contribuirão para compor um cenário bucólico. Contudo, se, por um lado, o tom da passagem é bucólico e amoroso, por outro, Circe mostra-se furiosa com Encólpio, uma vez que o membro viril do amante não funciona como esperava. Circe sente-se ultrajada e desabafa por meio de uma carta enviada a Encólpio que, inserida na narrativa, podemos ler: “Quanto a mim, na verdade, não tenho medo de encontrar alguém a quem agrade menos. Nem espelho, nem fama mentem.” (Sat. 129.9).

Assim, entendemos que o *Satíricon* apresenta o sublime, tendo em vista o relacionamento de Encólpio/Polieno com Circe em cenário idílico, mas no cenário da realidade rebaixa-se à relação carnal entre ambos, que inclusive sequer se efetiva.

2.5. O humor no *Satíricon*

De maneira oposta ao que podemos encontrar na épica, em relação às narrativas heroicas e gloriosas retratadas em cenários deslumbrantes, ou ainda ao que podemos ler no romance antigo romano, sobre a descrição de terras longínquas e exóticas, no *Satíricon* o espaço em que ocorrem as aventuras será diversificado; as camadas mais baixas da sociedade, como o bordel, os albergues e o antro de Quartila, por exemplo, aparecerão na narrativa como plano de fundo para as aventuras das personagens.

De acordo com Azevedo (1962, p. 66):

A arte, quase pictural, com que em quadros cheios de colorido e movimento, recria a atmosfera e sacode de vida o ambiente e as figuras,

alia-se a uma observação psicológica, rica de malícias sutis e profundas, de que o autor do *Satyricon* guarda o segredo, entre os latinos. Sentindo-se bem na perfídia, e movendo-se entre os vícios com uma destreza tranquila que nunca outrem atingiu, na antiguidade, é implacável na condenação do ridículo, que sabe surpreender, com olhar vigilante, ainda nos seus aspectos fugitivos. O que, no entanto, empresta ao *Satyricon* um caráter de fino humorismo e de ironia penetrante, é a impagável ingenuidade com que Petrônio narra as coisas mais torpes e ridículas.

É a partir desse viés que Petrônio nos oferece um parâmetro sobre a cultura romana. Podemos considerar que, embora Petrônio nos ofereça o panorama dos vícios da sociedade, é por meio da sutil ironia e do humor que nos faz conhecedores disso.

Relativamente ao espaço em que a história se passa, diferentemente da visitação a lugares (no sentido geográfico, topográfico), como ocorre no romance antigo grego, o *Satíricon* visita lugares (dir-se-iam setores) diferentes, como a religião, a economia e a escola, por exemplo. Dessa maneira, podemos pensar que a viagem no romance antigo grego exerce função de elemento estruturador, uma vez que o espaço geográfico, e principalmente a troca de lugares, tendo em vista as narrativas dos heróis em terras longínquas, é uma condição para a aventura. Já no caso do romance antigo romano, especialmente o *Satíricon*, com a troca de espaço, dá-se também a troca de lugar social, no tocante aos ambientes sociais mais diversos retratados na obra.

Enquanto o romance grego serve-se da troca de espaço como uma motivação para a continuação da aventura, podemos considerar no *Satíricon* uma oposição paródica, considerando-se a troca de lugar social, como se mencionou anteriormente. Tendo em vista a paródia presente na obra, o *Satíricon* desperta um novo questionamento, pois se abre em duas possibilidades: primeiramente, ao inserir os espaços sociais em sua narrativa, com o objetivo de fomentá-la, Petrônio utiliza-se do recurso dos gregos; em uma segunda hipótese, o autor, por meio da ironia, visa a denunciar e criticar a sociedade, narrando a história a partir da camada mais baixa para chamar a atenção dos leitores. A julgar pela perspicácia do autor, acreditamos na segunda perspectiva, isto é, Petrônio pode ter se aproveitado parodicamente da técnica narrativa grega para denunciar os valores e costumes da própria época, a partir da classe social desprezada pela literatura.

Considerando-se o *Satíricon* como uma forma de paródia aos modelos literários dos gregos, como apontamos, podemos assumir que a imagem da personagem Encólpio também seria uma paródia em relação ao corpo perfeito, idealizado e fortemente retratado no mundo grego. Embora haja a descrição do corpo de Encólpio e da aparência de Ascilto e Gitão, como belos e fortes, tais características, principalmente as de Encólpio, serão postas à prova.

De igual maneira, o atributo de Encólpio revela uma possível subversão do belo e do corpo simétrico, proposto pelos gregos. Encólpio tem o membro viril avantajado, que o caracteriza e, inclusive, é reconhecido por ele, como podemos ver em:

Licas, que me conhecia muito bem, como se ele próprio ouvisse minha voz, chegou perto de mim e não examinou nem minhas mãos, nem meu rosto, mas, os olhos baixos, sem hesitar, levou a mão diligente até as minhas partes e disse:

– Oi, Encólpio. (*Sat.* 105.9)

Para Aquati (2008), Petrônio rebaixa o *Satíricon* ao contrapô-lo à literatura “séria” da épica, derivando assim, outras aproximações que vão constituir fontes humorísticas. No *Satíricon* é possível apreender a referência à *Odisseia*, por exemplo, tendo em vista que, na obra de Homero, Ulisses, passa vinte anos distante de sua terra natal, lutando na Guerra de Troia e depois tentando voltar a Ítaca. Quando finalmente consegue retornar ao lar, o protagonista se disfarça como um mendigo, mas é reconhecido por Euricleia, sua antiga ama, por meio de uma cicatriz que este tinha em sua perna. Já no *Satíricon*, como pudemos ver no exemplo apresentado anteriormente, Encólpio é reconhecido pelo seu membro característico.

No que diz respeito à paródia, Bóriev (*apud* PROPP, 1992, p. 84) propõe que “A paródia consiste num exagero cômico na imitação, numa reprodução exageradamente irônica das peculiaridades características individuais da forma deste ou daquele fenômeno que revela sua comicidade e reduz seu conteúdo”.

Assim, podemos lembrar a referência de Aquiles e Ulisses de forma paródica no *Satíricon*. Quanto a Aquiles, em *Sat.* 129.1,¹⁹ Encólpio diz para

¹⁹ No capítulo intitulado “Circe” (p. 185-198), de acordo com a tradução que estamos utilizando para o presente trabalho.

Gitão que “Está morta e enterrada aquela parte do corpo que outrora fazia de mim um Aquiles.”; o que vemos é, portanto, Encólpio comparando-se a um Aquiles sexual. Já em relação a Ulisses, são várias as passagens que podemos encontrar a paródia, como por exemplo, no episódio em que Encólpio esconde de Ascilto, Gitão, de maneira similar ao engenho de Ulisses, este que esconde a si e seus amigos para escaparem de Polifemo, um ciclope que os havia aprisionado:

Mandei Gitão se esconder debaixo da cama e prender os pés e as mãos às correias com as quais a armação da cama sustentava o colchão, e assim como Ulisses outrora se havia colado a um carneiro, Gitão, estirado sob a cama, enganaria a mão de quem o procurasse. (Sat. 97.4)

Podemos considerar também a paródia em relação à *Odisseia*: enquanto na obra de Homero, Netuno, um deus do alto panteão, pune Ulisses, perseguindo-o e retardando a sua volta a Ítaca, no texto petroniano, em oposição, por meio da sátira, é Priapo, um deus menor, quem pune Encólpio, castigando-o por meio daquilo de que a personagem mais se orgulhava de ter, o grande membro, o qual permanece abatido. Não sabemos ao certo qual teria sido o motivo da punição imposta a Encólpio, mas acredita-se que a personagem teria violado um ritual em honra a Priapo.

Grimal (1991, p. 46) descreve Priapo:

Originário de Lâmpsaco, na Ásia Menor, esse deus também era um gênio da fecundidade, como atesta sua imagem, caracterizada por um falo enorme. Os camponeses italianos escolheram-no para proteger seus campos e suas vinhas [...]. Cada jardim tinha seu Priapo, grosseiramente entalhado num tronco de árvore. Pintado de vermelho, afastava os malefícios, mas também servia de espantalho para os pássaros [...]. Raramente esse deus obsceno era levado a sério nos jardins, e as homenagens que lhe dirigiam em geral tinham marca da ironia. Entretanto verificamos que apesar de seu ridículo, Priapo às vezes era objeto de um culto quase místico.

Portanto, também podemos ver o rebaixamento da divindade no *Satíricon*, como menciona Grimal, uma vez que Priapo não era levado a sério e as respectivas homenagens podiam ter um tom irônico.

Sabe-se que, no *Satíricon*, destaca-se a questão do cômico. Jaeger (2001, p. 415) afirma que:

A comédia visa as realidades do seu tempo mais do que qualquer outra arte. Por mais que isso a vincule a uma realidade temporal e histórica, é importante não perder de vista que o seu propósito fundamental é apresentar, além das efemeridades das suas representações, certos aspectos eternos do Homem que escapam à elevação poética da epopeia e da tragédia.

O viés do burlesco no *Satíricon* é característico e refere-se a seu tom satírico, jocosos e irônicos, próprio de Petronio que, por sua vez, adota esse estilo de narrativa, aliando-o à paródia, como já vimos anteriormente. A partir da técnica e da composição propostos por Petronio, podemos apreender antíteses e inversões de valores da sociedade romana.

Se são muitas as passagens cômicas no *Satíricon*, várias delas se darão no “Banquete de Trimalquião”, centradas na figura excêntrica e ridícula do anfitrião da festa, assim como o próprio evento do extravagante banquete oferecido.

No que concerne ao cômico, Aquati (2003, p. 174) entende que o humor caracteriza um recurso altamente persuasivo no discurso de Petronio. Assim, o burlesco é representado, no *Satíricon*, por meio de rebaixamentos, de tal forma que o autor romano “parece querer provar que é possível escrever literatura, e obter bons resultados, às expensas unicamente de sua articulação. O riso [...] torna-se por si só um forte recurso literário” (AQUATI, 2003, p. 174).

São várias as passagens que nos proporcionam o riso no *Satíricon*, como podemos ver em:

Filomela era uma matrona das mais honestas. Extorquira muitas heranças com o auxílio de sua juventude, mas agora, velha e sem encantos, cedia o filho e a filha aos velhos sem herdeiros e, por meio desse legado, insistia em conservar sua arte. (*Sat.* 140.1)

No trecho apresentado, é possível ver, além do tom jocosos, a sutil ironia petroniana, pois há a descrição da prostituta, já velha, como “uma matrona das mais honestas”, mas, em seguida, a informação de que esta havia extorquido muitas heranças quando jovem.

Bakhtin (2002, p. 54-55), por sua vez, considera que o “alimento, vinho, virilidade, corpo, estão presentes nas imagens que passam a ter sua natureza positiva subordinada à finalidade negativa de ridicularizar, através do ponto de vista distorcido da sátira e da condenação moral.”. Tendo em vista que a

virilidade de Encólpio é rebaixada e ridicularizada, é nesse contexto em que o *Satíricon* está inserido, pois é por meio do exagero que Bakhtin defende aspectos como o excesso, o hiperbolismo e a profusão como os sinais característicos do estilo grotesco.

Ao pensarmos na relação entre o grotesco e o corpo, Bakhtin (2002, p. 275) aponta:

[...] na base das imagens grotescas, encontra-se uma concepção especial do conjunto corporal e dos seus limites. As fronteiras entre o corpo e mundo, e entre os diferentes corpos, traçam-se de maneira completamente diferente do que nas imagens clássicas naturalistas.

Também, no que tange ao rebaixamento, Encólpio, como já foi mencionado, é descrito como um rapaz de boa aparência, forte e dotado de um grande membro sexual que, no entanto, não lhe serve de nada, pois sua potência é intermitente.

Para Victor Hugo (1998, p. 34), no prefácio de *Cromwell*, sua obra teatral, o grotesco perpassa, ao nascer, a literatura latina, como Petrónio, por exemplo. De acordo com Calazans (2009), o grotesco revela um sistema de imagens associadas ao baixo corporal, opondo-se ao clássico canônico (que retrata o corpo harmonioso), “[...] o corpo grotesco será sempre representado em seu devir, em seu inacabamento, nas múltiplas protuberâncias [...]”. Novamente, podemos conceber a ideia de que é possível que Petrónio tenha feito uma paródia do corpo perfeito, em relação aos gregos.

Devido ao seu atributo físico, ao contrário do que se espera, Encólpio acaba por ter experiências negativas. Podemos perceber o valor modificado e subvertido, quando nos atentamos para o fato de que é por causa de seu falo que a personagem passa por muitas aventuras, principalmente amorosas.

Em relação à sátira, Hofmann (2004) relembra que o sistema de gêneros literários foi desenvolvido por estudiosos que, trabalhando na famosa biblioteca de Alexandria

havam fixado o cânon de gêneros literários de uma vez por todas e desde então não haviam sido feitos novos acréscimos. A única exceção era a sátira romana que ainda era desconhecida dos filólogos gregos em Alexandria, e da qual Quintiliano orgulhosamente comentava: *satura quidem tota nostra est*. “a sátira, de qualquer forma, é completamente nossa”, isto é,

a sátira como um gênero literário é inteiramente uma conquista romana. (HOFMANN, 2004, p.3, tradução nossa)²⁰

A sátira enquanto gênero pode ser relacionada ao humor, geralmente grosseiro, que, por sua vez, era associado ao povo romano. Dessa maneira, a sátira apresenta características que podem se associar ao próprio humor da comédia antiga romana, principalmente com Plauto, autor romano que contribui para esse gênero.

Brandão (1999) afirma que a origem da comédia é incerta, tanto para os estudiosos antigos quanto para os pesquisadores contemporâneos, pois inclusive Aristóteles se refere à comédia, cuja gênese, o filósofo grego considera que possivelmente esteja vinculada aos cantos fálicos, atribuindo, ainda, a invenção do gênero aos dórios, povo anterior aos gregos. Brandão (1999, p. 71) discorda dessa ideia, pois defende que a etimologia da palavra "comédia" poderia ter vindo também do grego "komoidía". A partir dessa etimologia, seria possível recuperar o significado, proposto por Brandão (1999, p. 71): "canto de um grupo de foliões.". Vale lembrar que também Aristóteles tinha incertezas a respeito da origem da comédia, como podemos ver na *Poética* (1984, p. 245): "[...] se as transformações da tragédia e seus autores nos são conhecidas, as da comédia, pelo contrário, estão ocultas, pois que delas não se cuidou desde o início."

A comédia, em seu princípio, segundo Brandão (1999), tendia para a mitologia. No entanto, com o passar do tempo, mudou de trajes e espírito e, apesar de a paródia ter sido um tema nela muito explorado, não durou muito, uma vez que, segundo o estudioso, em sua condição de maioria literária, a comédia passou a refugiar-se na sátira dos costumes e condições da sociedade. De acordo com o que nos propõe Brandão, é possível fazer um paralelo com o *Satíricon*, uma vez que encontramos a comédia justamente como sátira, tendo em vista que Petrônio retrata os vícios e costumes sociais de Roma.

É possível afirmar que Petrônio reúne o alto e o baixo, de modo a satirizar as situações; invoca o alto, mas o rebaixa. O alto é invocado pelo banquete,

²⁰ These scholars had fixed the canon of literary genres once for ever, and since then no new additions had been made, the only exception being Roman Satire which was still unknown to the Greek philologists in Alexandria and of which Quintilian proudly remarked *satura quidem tota nostra est*, 'satire, at any rate, is completely our own', i.e., satire as a literary genre is entirely a Roman achievement.

considerado tradição romana e, portanto, de prestígio; em vários momentos, contudo, é rebaixado, como na fala de Trimalquião sobre o seu sofrimento com as flatulências. Ainda no banquete, o mesmo se dá na menção à alta literatura, mas a total confusão entre as referências de que é capaz de se lembrar o rico liberto.

Considerando-se o título atribuído ao texto petroniano, a denominação *Satíricon* nada tem a ver com a figura mitológica, o sátiro. Proveniente da mitologia grega, os sátiros eram caracterizados por terem o corpo metade humano e metade bode. Etimologicamente, o *Satíricon* está ligado à sátira enquanto gênero.

É possível apreender também a dupla função da sátira, uma vez que o *Satíricon* mescla elementos sublimes com grotescos. Em relação ao tom grotesco, por exemplo, podemos destacar a passagem em que, a caminho de Crotona, Encólpio, Gitão e Eumolpo estão acompanhados de um empregado, Córax, que além de se queixar do peso que carrega, começa a soltar flatulências. Como se não bastasse, Gitão, por sua vez, começa a imitar com a boca o som emitido por Córax: “[...] ele de repente erguia bem alto um dos pés, e enchia a estrada ao mesmo tempo com um ruído indecente e um cheiro ruim. Gitão ria desse desaforo e imitava cada traque dele com um ruído semelhante.” (*Sat.* 117.12-13). A partir de tal passagem, podemos dizer que além das críticas sociais presentes no texto petroniano, há também a tendência ao cômico e ao burlesco.

Tendo em vista a sátira no *Satíricon* e o rebaixamento, como já mencionamos anteriormente, além da degradação, o texto petroniano também admite outro procedimento literário: a união dos contrários, uma espécie de antítese interna, como se pode ver, por exemplo, no episódio em que Circe, mulher nobre, com sentimentos perversos e atitudes violentas, que só se deita com escravos. Também com Crísida, escrava que só se deita com nobres.

Ainda em relação a união dos contrários, na qual o alto é rebaixado e o baixo, elevado, podemos ver outro exemplo em:

[...] É que o caipira certamente nem tivera a curiosidade de meter as mãos nas costuras, mas, com uma certa repugnância, vendia o retalho como fossem despojos de um mendigo. (*Sat.* 13.1)

[...] Aquela lá é a nossa pequena túnica. Dá para ver que ela está cheia de moedas de ouro intactas. (*Sat.* 13.3)

Com base no excerto proposto, deparamo-nos com a imagem de um manto velho e rasgado e, por isso, sem valor algum. Dessa maneira, podemos considerar o rebaixamento do objeto. No entanto, costuradas em seu interior, no forro do manto, há moedas, o que o torna valioso e útil a Encólpio e Ascilto. Em outro episódio, há igualmente a inversão do alto e baixo em relação a Trimalquião, liberto e rico, mas com gostos peculiares, como podemos ver em:

Estávamos nesse luxo todo quando Trimalquião em pessoa foi trazido ao som de música e, acomodado entre pequenos travesseiros, arrancou riso aos menos avisados. De fato, do manto escarlate escapava a cabeça raspada, e ao redor do pescoço tolhido pela roupa estava um guardanapo de largas bordas de púrpura, com franjas pendentes de um lado e de outro. No dedo mínimo da mão esquerda havia ainda um grande anel dourado; na falange maior do dedo seguinte também havia, todo de ouro – é o que me parecia –, um anel menor, mas inteirinho incrustado com algo como estrelas de ferro. E para não mostrar apenas essas riquezas, descobriu o braço direito, adornado por um bracelete de ouro e uma braçadeira de marfim fechada por uma lâmina brilhante. (*Sat.* 32.1-4)

Nessa entrada pomposa e nas descrições que a seguem, Trimalquião é descrito como extravagante e rico. No entanto, ao longo do banquete oferecido pela personagem, podemos notar, por meio de suas ações e discursos, o quão acentuado é o seu mau gosto e o seu total desconhecimento a respeito dos mais variados assuntos, como podemos ver em: “Sou louco por prata. Tenho mais ou menos umas cem taças daquelas feito urnas, de treze litros; o alto-relevo mostra como Cassandra matou seus filhos; as crianças mortas jazem de tal forma que parecem vivas.” (*Sat.* 52.1). A partir da passagem citada, podemos constatar a confusão que Trimalquião faz em relação a Medeia e Cassandra, esta uma profetisa, segundo a mitologia, enquanto aquela, a figura mítica que matara seus filhos por vingança a Jasão.

O banquete, no *Satíricon*, é oferecido por Trimalquião, que recebe como convidados alguns de seus amigos e pessoas que julga importantes, como é o caso do mestre de retórica, Agamêmnon e seus “alunos” Encólpio e Ascilto; Gitão os acompanha, possivelmente como se fosse um escravo dos dois moços. Acerca desse banquete (ficcional), aponta Guarinello (2006, p. 241):

Os participantes do banquete possuem diferentes condições sociais: a maioria é composta por libertos, muitos deles co-libertos de Trimalcião, uns são ricos, outros pobres; Agamenon é o único livre convidado, mas vai ao banquete com três amigos, Encópio (o narrador) e Ascilto, ambos livres, e Gíton, que aparece na cena como escravo do último. Por fim, a casa de Trimalcião e o próprio banquete são povoados por escravos, que servem aos convivas segundo suas diferentes especialidades.

É possível apreender Trimalquião como a representação do novo rico na sociedade romana. A crítica se dá por meio do exagero e ostentação a que procede o anfitrião e da total falta de requinte que se verifica. Trimalquião é desmesuradamente rico, mas, também, dono de um extremo mau gosto; é dotado de muita terra e escravos, mas é ignorante no que tange a assuntos escolásticos, principalmente no que se diz respeito à literatura. O anfitrião do banquete se equivoca, em muitos momentos, quando o assunto é a mitologia ou a alta literatura, por exemplo; inclusive sobre Homero, cuja referência, é totalmente distorcida, como podemos ver na passagem em que Trimalquião, em um momento do banquete, com voz de orador se põe a ler um libreto em latim. Após a sua leitura, Trimalquião pergunta aos convidados:

– Vocês sabem de que lenda eles estão tratando? Diomedes e Ganimedes foram dois irmãos. Helena era irmã deles. Agamêmnon raptou-a, e no lugar dela sacrificou uma corça em honra a Diana. De modo que agora Homero conta como troianos e parentinos lutam entre si. Agamêmnon venceu, é claro, e entregou sua filha Ifigênia como esposa a Aquiles. Por isso Ajax enlouquece, o que logo a seguir vai mostrar a trama da história. (*Sat.* 59.3-5)

O que lemos é completamente risível, uma vez que Trimalquião confunde-se e mistura várias histórias da literatura e da mitologia da *Ilíada*. Se para a nossa experiência como leitores de um tempo tão distante em que *Satíricon* foi escrito o excerto é cômico, certamente o foi, e ainda mais, para os contemporâneos de Petrônio, que tinham muito vivas as referências das narrativas contadas, muito mal, por Trimalquião, que, em outro momento chega a se confundir também em relação aos números mais básicos (embora fosse comerciante de sucesso): “e não pense que eu despreze os estudos: tenho três bibliotecas, uma grega e uma latina.” (*Sat.* 48.4).

Considerando-se a sátira e a sátira menipeia, é necessário explicitar as diferenças fundamentais entre esta e aquela. A sátira é conhecida por ser uma composição literária de grande liberdade de expressão que manifesta uma burla

e ironiza um determinado assunto ou indivíduo. Já a sátira menipeia, tem a característica de se apresentar em prosa, geralmente com extensão semelhante a de um romance.

Segundo Silva (2014, p. 2), “[...] a *Satura Menippeae* (sátira menipeia) [...] recebeu o nome por influência de Menipo, filósofo cínico do século III a.C. cuja obra perdeu-se.”. A autora lembra que, em Roma, a sátira menipeia tem Varrão, Sêneca, Petrônio e Apuleio como autores representativos. Assim, a sátira menipeia tem relação com a composição da obra, que possibilita a mistura de gêneros e pode ser caracterizada também pela crítica moral, a partir da sátira, tal como vemos no *Satíricon*.

Um exemplo dessa sátira se dá no episódio em que Encólpio, Gitão e Eumolpo chegam a Crotona e se deparam com os caçadores de herança, como eram conhecidos os habitantes daquela região, que associavam-se aos ricos, desejosos de receberem uma herança quando os mais afortunados morressem.

Podemos igualmente considerar a última parte do *Satíricon* que conhecemos, na qual Encólpio nos narra a respeito do testamento que Eumolpo deixara: só receberiam sua herança, à exceção de seus libertos, aqueles que devorassem seu cadáver. Após a efetiva morte de Eumolpo, possivelmente um dos habitantes de Crotona, também caçador de herança diz:

– Não tenho nada que temer com a relutância do teu estômago. Ele seguirá as tuas ordens se você lhe prometer, pelo fastio de uma única hora, a compensação de muitos bens. Cerre um pouco os olhos e pense que não está comendo vísceras humanas, mas dez milhões de sestércios. E além de tudo, encontraremos alguns temperos para mudar o sabor dele. É que, na verdade, nenhuma carne agrada só por si, mas por uma certa arte ela se transforma e se amolda a um estômago nauseado. Porque se você quer também comprovar essa ideia por meio de exemplos, os saguntinos, oprimidos por Aníbal, comeram carne humana, e não tinham uma herança em vista. (*Sat.* 141. 6-9).

Com base no excerto apresentado, podemos considerar que possivelmente Petrônio estaria fazendo uma crítica moral, no que concerne à ganância e os limites do ser humano, uma vez que uma das personagens está disposta a comer a carne de Eumolpo, desejoso de receber a herança. Assim, podemos considerar que é por meio da sátira que podemos apreender elementos de crítica no texto petroniano sobre a moral romana.

Dessa forma, podemos pensar que o humor no *Satíricon* não seja desinteressado, no sentido de oferecer divertimento para o leitor, mas um artifício do qual Petrônio parece ter se apropriado para denunciar os costumes da Roma de sua época.

3. O VIÉS DA AMIZADE

O objetivo deste capítulo é apresentar um panorama sobre o tema da amizade. Apresentamos, em um primeiro momento, uma breve investigação sobre a etimologia da palavra “amizade” e, a partir desse mesmo vocábulo, algumas definições propostas por diferentes dicionários.

Em seguida, retratamos a questão da amizade na literatura, e algumas obras em que os amigos, formados por duplas, tornaram-se conhecidos e populares no âmbito literário. Afinal, se entendemos a amizade como uma condição social humana, é natural que tal relação seja representada na literatura, e aqui o verificamos desde a Antiguidade até em obras contemporâneas.

O conceito da amizade é discutido, evidentemente, desde há muito, seja na concepção dos antigos, como as de Platão, Aristóteles, Cícero e Sêneca, seja no pensamento mais moderno, como o de Montaigne, Kant e Nietzsche, e mesmo na reflexão de filósofos contemporâneos como Arendt, Derrida e Foucault. Neste trabalho, embora entendamos que há muito a amizade é objeto de estudo, não a tomaremos pelo viés somente filosófico, senão pelo literário, o que não implica descartarmos as considerações do pensamento antigo, como o de Aristóteles e Cícero, que escreveram obras representativas acerca desse assunto, bem como considerações mais recentes que fazem uma leitura hodierna acerca da amizade, como as de Ortega e de Konstan.

Dessa maneira, partimos das postulações de Aristóteles em *Ética a Nicômaco*, escrita por volta de 335 a.C. a 323 a.C., que trata sobre a sua concepção da amizade com base da palavra *philia*. Cícero, por sua vez, aborda a amizade em *De amicitia*, um tratado em que relata uma conversa entre três amigos, a partir das considerações de Lúlio, que havia perdido seu grande amigo Cípião.

De acordo com as proposições de Aristóteles e Cícero, foi possível notar que ambos compartilham um mesmo ponto de vista a respeito da amizade, uma vez que concebem a virtude como fundamental para se ter e, principalmente, para se preservar uma relação entre amigos. Cícero retoma algumas considerações propostas por Aristóteles, assim como outros autores farão ao discutir a amizade.

Os estudiosos Ortega e Konstan, em obras mais recentes, 2002 e 2005, respectivamente, trazem suas observações sobre a amizade sempre pautados nas reflexões propostas por Cícero e Aristóteles. Ambos convergem para o estudo da amizade, tomando como base o percurso dos discursos dessa relação humana.

Nessa perspectiva, após termos pautado o tema da amizade, sem o objetivo de apontar para uma definição, mas de apresentar os diferentes modos sobre os quais esse conceito pode ser interpretado, passamos a observar a amizade no *Satíricon*. Detivemo-nos, primeiramente, na consulta acerca da palavra *amicitia*, “amizade”, no texto petroniano, que ocorre dez vezes. Saliente-se que essa palavra ocorre, em específico, numa passagem em versos, que é característica da sátira menipeia e ressalta a questão do interesse na amizade.

Verificamos, ainda, em outros momentos da obra estudada, passagens que se referem à amizade, e pudemos averiguar que o vocábulo é recorrente quando está em evidência a relação entre Encólpio e Gitão. A partir dessa constatação, passamos a nos deter nas personagens, nas suas características e nos seus relacionamentos. Com essa análise, foi possível notar que, a cada vínculo formado pelas personagens, afetava a relação de amizade entre Encólpio e Gitão, nosso objeto de estudo.

Discutimos também a respeito de Ascilto e Eumolpo, no que se diz respeito à interferência dessas personagens no relacionamento entre Encólpio e Gitão. É possível fazermos uma divisão do *Satíricon* em dois momentos: o da primeira tríade, formada por Encólpio, Gitão e Ascilto; e depois, o da tríade formada por Encólpio, Gitão e, dessa vez, Eumolpo. Nossa discussão está pautada no questionamento de como essas personagens – Ascilto e Eumolpo – alteram a dinâmica da relação mantida por Encólpio e Gitão.

Em seguida, abordamos a questão do comportamento de Encólpio e Gitão, de suas características físicas e psicológicas, e observamos como cada personagem atua individualmente. Da mesma forma, verificamos o traço de anti-herói presente nas personagens quando Encólpio e Gitão estão juntos, ainda que essa não seja uma condição para que ambos sejam considerados como anti-heróis, como apontaremos na discussão.

De acordo com os questionamentos levantados a respeito das características de Encólpio e Gitão, individualmente, passamos a analisar como se dá a relação dessas personagens. Para tanto, selecionamos dois momentos da narrativa, sobre os quais nos deteremos, com o intuito de apreender o relacionamento de Encólpio e Gitão, uma vez que acreditamos que essas sejam as passagens que mais revelam a real intenção da amizade entre a dupla. Passamos, portanto, ao estudo do episódio em que se dá a separação de Encólpio e Gitão e, posteriormente, seu reencontro.

3.1. A amizade na literatura clássica

Em diversas culturas, tanto antigas quanto contemporâneas, e em diferentes etapas da vida humana, experimenta-se a relação afetiva da amizade, seja com uma ou mais pessoas, tendo em vista a condição social do indivíduo. Com a literatura, tal sentimento passa a ocupar, entre outros, os textos narrativos e a caracterizar personagens, aproximando ficção e realidade. E, evidentemente, esse fenômeno reflete-se na linguagem.

Acredita-se que a palavra “amizade” deriva do latim: *amicitia*. De acordo com o Dicionário escolar latino-português, organizado por Ernesto Faria, *amicitia* é definida como “amizade, simpatia”, e ainda: “aliança, boas relações (entre povos)”. Por sua vez, *amicitia*, teria derivado do termo latino *amicus*, que na língua portuguesa dará origem à palavra “amigo”.

Também no *Dicionário escolar latino-português* é possível encontrar *amicus* como substantivo e também como adjetivo. Em relação à definição de *amicus* como substantivo, encontramos: “1. Amigo; 2. Confidente, favorito; 3. Aliado. Já em relação a sua definição como adjetivo, o dicionário propõe: 1. Amigo de, que ama; 2. Devotado, afeiçoado; e na linguagem poética, 3. Agradável”.

Ainda sobre a questão etimológica, destacamos também a origem do vocábulo *amicus*, uma vez que tal palavra teria derivado do verbo *amare*, correspondente à primeira conjugação latina, que, segundo o Dicionário escolar latino-português, pode significar: “1. Amar, querer bem, estimar, gostar de (usado com referência as pessoas, aos deuses ou as coisas); 2. Estar

apaixonado por, ter uma amante, ter uma namorada”; ou ainda “na linguagem poética: 3. Amar, gostar de”.

A palavra amizade, em diversos dicionários, tem as seguintes definições: no Houaiss, sentimento de grande afeição, simpatia, apreço entre pessoas ou entidades; no Caldas Aulete, sentimento de estima ou de solidariedade entre pessoas, grupos etc.; no Aurélio, afeição, estima, dedicação recíproca entre pessoas; no Cândido de Figueiredo, amizade é definida como um sentimento de quem é amigo; no Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, sentimento de afeição que une uma pessoa a outra; no Raphael Bluteau (1728), recíproco amor de benevolência, fundada em boa razão e em virtude; no Moraes (1789), amor, benevolência, que sentimos em favor de alguém; e por fim, no Luiz Maria da Silva Pinto (1832), amor, benevolência.

As definições nos mostram que a palavra “amizade” possui significados próximos e que evocam, quase sempre, os sentimentos relacionados à estima e a benevolência. E, de acordo com essas acepções, podemos entender que a figura de um amigo pauta-se em sentimentos mútuos entre as pessoas individualmente ou entre pessoas e um grupo.

Como, segundo Grimal (1991, p. 3), “para cada época há um estilo amoroso, como um estilo de mobiliário ou de vestimenta”, podemos entender que, assim como o amor, a amizade e a maneira como a concebemos hoje foram diferentes em tempos anteriores ao nosso, pois o termo “amizade”, enfim, acompanha o sentimento apontado desde os tempos mais remotos. Ainda segundo esse autor (1991, p. 3), entende-se que

Ocupando grande parte da vida pessoal, sob uma forma ou outra o sentimento amoroso encontra ecos em vários setores: não existe literatura que não lhe dedique amplo espaço; até as epopeias heroicas dos tempos antigos conhecem os amores dos heróis, e mesmo os dos deuses.

Assim, se muitas narrativas amorosas há, de igual maneira elas também existem em relação à amizade. Conforme apontou Grimal, em relação aos amores dos heróis e deuses nas epopeias heroicas, a amizade também será abordada desde a literatura antiga. Para Konstan (2005, p.11), “o conhecimento da amizade na Grécia e Roma clássicas baseia-se quase que exclusivamente na interpretação de fontes textuais.”. Apoiando-nos em Konstan, é possível

dizer, portanto, que passamos a conhecer como se davam as relações interpessoais antigas, como a amizade, a partir principalmente da literatura.

Na literatura grega, por exemplo, destacamos a dupla Aquiles e Pátroclo, cuja amizade é retratada na *Ilíada*. O relacionamento entre essas personagens se dá no contexto da Guerra de Troia. Aquiles, irado por ter sido desonrado por Agamêmnon – este que lhe tomou Briseida, despojo de guerra do herói grego –, decide não participar da batalha. Pátroclo, no entanto, não só convence Aquiles para que o deixe lutar em seu lugar, como também, que fosse trajado com sua armadura. Pátroclo vai à batalha, mas, embora tenha combatido bravamente, foi morto por Heitor. A morte de Pátroclo é um momento importante nos estudos de seu relacionamento com Aquiles, como podemos ver no livro XVII:

Morto o amigo inda Aquiles não sabia.
Sendo ao longe a contenda e junto aos muros;
São das portas cuidava que voltasse,
Pois subverter a Tróia não podia,
Sem ele nem com ele: a mãe por vezes
Descobriu-lhe de Júpiter o arcano.
Ele então lhe ocultava o caso horrível
Ao seu mais caro sócio acontecido
(HOMERO, 2008, p. 315)

Pereira (1993, p. 8) considera que “[...] o tema da amizade vai ter um valor fundamental, pois é essa, afinal, a razão última do sacrifício da vida de Aquiles”. A estudiosa lembra também que, após a morte de Pátroclo, Menelau é advertido por Ájax, pois precisava avisar Aquiles de que o companheiro que ele mais estimava havia morrido. Na tradição dos estudos homéricos, discutem-se outros sentimentos que se misturam no relacionamento entre Aquiles e Pátroclo, pois, enquanto o herói grego é arrogante com os demais, mantém um convívio gentil com Pátroclo.

Na literatura latina destacam-se personagens como Júpiter e Mercúrio, da peça *Anfitrião*, de Plauto. Júpiter, em uma conversa com Mercúrio, expõe o seu desejo por Alcmena, uma humana. Mercúrio, por sua vez, lhe diz que não é preciso sofrer para conquistar o que deseja, e propõe-lhe um plano: tomar a forma de Anfitrião, marido de Alcmena, para que ela nada percebesse. E sugere, ainda, para que consiga realizar esse plano, acompanharia Júpiter disfarçado de criado de Anfitrião. Também, ao chegarem a Tebas, Anfitrião diz a Júpiter que poderia colocar o plano em prática, pois ficaria vigiando o bairro.

Mercúrio ainda vai enganar o criado de Anfitrião, quando este volta da guerra. Destacamos, assim, que Mercúrio não age em seu benefício, mas protege os interesses de Júpiter.

Ao considerarmos a *Eneida*, de Virgílio, temos Eneias e Palante, Niso e Euríalo, que, de certa forma, atuam em duplas. Sobre Eneias e Palante, no canto XII, vemos o episódio em que Eneias mata Turno:

O impetuoso Eneias deteve-se, imóvel sob suas armas, volvendo os olhos, e reteve sua destra já hesitava mais e mais e as palavras de Turno começavam a dobrá-lo quando no alto do ombro de Turno apareceu o boldrié funesto e brilhou o cinturão com as bulas bem conhecidas do jovem Palante, que Turno prostrara com golpe mortal e cujas insígnias ele trazia nos ombros. Eneias [...] que lhe reavivara uma dor cruel, inflamou-se de furor e de terrível cólera.
(VIRGÍLIO, 1983)

Sobre esse mesmo episódio, Medeiros (1982, p. 92) considera que Eneias

tinha visto tombar guerreiros de uma parte e de outra, e muitos eram jovens; tinha visto tombar Palante, único enlevo de seu pai, Evandro [...] Olhando o corpo de Palante, branco de neve, com uma grande ferida no peito, semelhante a uma flor calcada [...], Eneias chora, impreca a Fortuna e manda cobrir o cadáver com duas colchas, bordadas a oiro e púrpura, que Dido lhe oferecera no tempo do amor. E é por amor de Palante que Eneias vai cometer o acto brutal que encerra o poema e contradiz toda a *pietas*, toda a *humanitas* que o herói havia laboriosamente adquirido.

Dessa maneira, podemos apreender que, embora Eneias tivesse a intenção de matar Turno, é por lealdade ao seu amigo Palante que logra fazê-lo.

No que se diz respeito à relação de Niso e Euríalo, podemos dizer que mantinham um vínculo já no canto V, quando os amigos participaram dos jogos fúnebres. Nesse episódio, vemos que Niso, que liderava a corrida, caiu e, mesmo assim, impediu Sálvio de tomar a dianteira, contribuindo para a vitória de seu amigo Euríalo. No canto IX, cansados de esperar notícias de Eneias, Niso propõe abrir caminho pelo acampamento inimigo e encontrar-se com o herói troiano. Ao ouvir essa ideia, Euríalo manifesta-se: “Como assim, Niso! Recusas-me por companheiro em projeto de tal grandeza? Enfrentares sozinho tamanhos perigos?”. Apesar da oferta de Euríalo, Niso se mostra resistente, e responde: “Jamais duvidei do teu ânimo forte. Nem me seria possível. Prouvera que Jove ou um dos deuses que nos amparam me traga ao teu lado e sem dano”. Euríalo,

apesar de ouvir essas palavras de Niso, manifesta seu desejo de acompanhá-lo: “Não me convences; inutilmente repisas nos mesmos dizeres; de nada te servem”. Dessa maneira, Niso e Euríalo executam o plano.

A dupla de amigos entra no campo inimigo e mata aqueles que encontravam, dormindo, sem esperar qualquer ataque. No entanto, Euríalo, ao ver um elmo de ouro e plumas, toma para si como um prêmio. Este mesmo elmo, reluzente, chama a atenção de uma tropa, que pergunta para Niso e Euríalo de onde vinham. Sem saber o que responder, os amigos fogem para a floresta, mas Niso, ao ver que estava fora de perigo, percebe que Euríalo não tivera a mesma sorte, e volta para procurá-lo. Niso vê Euríalo cercado pelos inimigos e questiona-se se conseguiria libertar Niso, ou se seria melhor morrer com ele. Sabe-se que o que ocorre em seguida é a ação de Niso, em socorro ao amigo, que mata dois homens da tropa. O líder, irado, sem saber de onde vieram os ataques, disfere a espada sobre Euríalo. Ao ver essa cena, Niso revela-se e mata o assassino de seu amigo. Inevitavelmente, acaba morto também pelos inimigos.

De acordo com os exemplos citados anteriormente (Aquiles e Pátroclo; Júpiter e Mercúrio; Eneias e Palante; Niso e Euríalo), e no que diz respeito à amizade e literatura, sabe-se que várias narrativas têm, em algum momento, personagens que se organizam em duplas e são compostas, geralmente, por uma personagem que recebe a ajuda da outra da dupla, isto é, constituem-se um líder e um seguidor (ou, ainda, uma personagem principal e uma auxiliar). Tais duplas podem estar formadas desde o princípio da trama ou podem estabelecer-se durante seu próprio desenvolvimento. Frequentemente, a personagem auxiliar acompanha a principal ao longo de toda a trama, formando-se entre elas vínculos de parceria e amizade.

3.2. *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles

Aristóteles, em *Ética a Nicômaco*, discute questões acerca dos fundamentos básicos de valores éticos, e inclui como tema a amizade. Acredita-se que *Ética a Nicômaco* tenha sido escrita por volta de 335 a.C. a 323 a.C., período referente, também, à fundação do Liceu, a escola filosófica por ele instituída, na Grécia.

Em relação à Ética, sabe-se que há três diferentes obras de Aristóteles: *Ética a Nicômaco*, *Ética a Eudemo*, e a *Grande Ética*. Embora haja a discussão da época em que cada uma tenha sido escrita, considera-se a *Ética a Nicômaco* como a principal obra sobre a Ética, a qual contempla também o tema da amizade. Dividida originalmente em dez livros, nos atentaremos ao Livro VIII, o qual se refere integralmente à amizade. Uma vez que Aristóteles dedica-se a essa reflexão em sua obra, podemos considerar a importância da discussão da amizade para o mundo antigo.

Em *Ética a Nicômaco*, o filósofo antigo propõe o conceito de *philia*. Embora a tradução mais usual de *philia* seja para designar “amizade”, a palavra também pode ser traduzida como “amor”. É importante lembrarmos que o grego tem outros termos para o “amor”, tais como “*philia*”, que designa o sentimento de amizade e afeição familiar; “*ágape*”, atribuído ao carinho, afeição e devoção a Deus; e “*eros*”, ligado ao desejo e a atração sexual. A partir do termo *philia*, Aristóteles expõe sua concepção a respeito da amizade como uma virtude, uma vez que é indispensável à vida. Para o filósofo antigo, “[...] sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens.” (Livro VIII.1).

Mas o que Aristóteles entende por virtude, se é assim que ele concebe a amizade? O filósofo antigo considera três espécies de coisas que se encontram na alma, a saber: as paixões, as faculdades e as disposições de caráter. A virtude, como ressalva o autor, deve pertencer a uma dessas três categorias.

Dentre as paixões, Aristóteles aponta a amizade como um dos sentimentos que podem ser acompanhados de prazer ou dor. Em relação às faculdades, o autor destaca os sentimentos que nos advêm, tais como a ira, a mágoa ou a compaixão. Por último, em relação às disposições de caráter, Aristóteles se refere a nossa posição em relação às paixões.

Para o filósofo, “[...] “nem as virtudes nem os vícios são paixões, porque ninguém nos chama bons ou maus devido às nossas paixões, e sim devido às nossas virtudes ou vícios”. (Livro II, 5). Aristóteles considera, em relação à virtude, que esta deve se manifestar na boa vontade, recíproca, entre duas pessoas. Assim, podemos depreender que a virtude é uma das características fundamentais que o filósofo antigo propõe no que se refere à amizade.

Aristóteles considera algumas questões pertinentes ao debate sobre a amizade, como, por exemplo, a definição atribuída por alguns à amizade como

afinidade, partindo do princípio de que pessoas semelhantes são amigas. O filósofo antigo ainda cita alguns aforismos como “igual com igual” e “cada ovelha com sua parêlha”. Para iniciar as discussões a respeito da amizade, Aristóteles propõe-se examinar, por exemplo, “se a amizade pode nascer entre duas pessoas quaisquer, se podem ser amigos os maus, e se existe uma só espécie de amizade ou mais.” (Livro VIII.1).

Aristóteles acredita que, para averiguar as espécies de amizade, deveria começar por conhecer o objeto do amor: “ora, nem tudo parece ser amado, mas apenas o estimável, e este é bom, agradável ou útil. Mas o útil, em suma, é aquilo que produz algo de bom ou agradável, de modo que são o bom e o útil que são estimáveis como fins.” (Livro VIII, 2). O filósofo passa a discutir questões sobre a utilidade ou não da amizade, tema que será abordado posteriormente, no capítulo de análise.

No que se refere à amizade permanente, Aristóteles considera que é aquela na qual os amigos encontram um no outro as qualidades que deveriam possuir. Quase como uma síntese, o autor antigo expõe:

Dividindo-se, pois, a amizade nestas espécies, os maus serão amigos com vistas na utilidade ou no prazer, e a esse respeito se assemelharão um ao outro; mas os bons serão amigos por eles mesmos, isto é, em razão da sua bondade. Esses, pois, são amigos no sentido absoluto do termo, e os outros o são acidentalmente e por uma semelhança com os primeiros. (Livro VIII.4)

Outras considerações de *Ética a Nicômaco* relativas à conceituação da amizade serão retomadas ao longo do trabalho.

3.3. De *amicitia*, de Cícero

Além de Aristóteles, outro autor antigo teceu importantes considerações sobre a amizade: o romano Cícero. Em *De amicitia* (“Sobre a amizade” ou “Diálogos sobre a amizade”), escrita aproximadamente em 44 a.C., Cícero desenvolve um diálogo entre três amigos: Lélcio, Fânio e Cévola. O diálogo se dá sob o seguinte contexto, apontado por Cícero: ele ouvira a conversa entre os três amigos, poucos dias antes da morte de Cipião, o Africano, e a partir do que se lembrava, teceu considerações a respeito do que ouvira, no tratado, a seu modo. Para tanto, recorreu à seguinte técnica narrativa: “fiz calar os

personagens mesmos, para não entrecortar continuamente o discurso com estas palavras: eu disse ele disse e para que se possa crer na presença dos interlocutores.” (capítulo I). Assim, a partir do segundo capítulo, o narrador passa a ser Lélío, cujo discurso concerne à amizade.

De acordo com o diálogo proposto por Cícero, considera-se, assim como Aristóteles, que as amizades são formadas e conservadas na virtude, uma vez que nesta se encontram a harmonia e a estabilidade. Em um tom quase lírico, Cícero descreve que a virtude “se mostra e faz brilhar a sua luz; logo que ela percebe e reconhece em alguém esta mesma luz, imediatamente se aproxima e os clarões se confundem, e nessa chama comum as almas se inflamam de amor e de amizade.” (capítulo XXVII). Para o autor antigo, os dois sentimentos — o amor e a amizade — são as duas maneiras de amar; e amar é “querer aquele que se ama, sem cálculo e sem interesse”, Cícero complementa, no intuito de destacar a importância da amizade no mundo romano.

Cícero ainda considera a amizade como a harmonia no âmbito divino e humano, com benevolência e amor. Em seguida, afirma a grandeza de tais dons e que os deuses não teriam concedido, com exceção da sabedoria, algo maior aos mortais. E complementa, afirmando que, para que se tenha uma amizade, é necessária a semelhança entre ambos, pois “[...] se não existe alguma coisa de semelhante na amizade, não se achará nunca um verdadeiro amigo; porque um amigo é um outro nós mesmos.” (capítulo XXI). Tomando como base a mesma concepção, em outro momento do diálogo é possível ler: “porque o verdadeiro amigo vê o outro como a uma imagem de si mesmo.”. Novamente podemos ver a relação de diálogo que se estabelece entre a *Ética a Nicômaco* e *De amicitia*, de acordo com Aristóteles: “uma tal amizade é, como seria de esperar, permanente, já que eles encontram um no outro todas as qualidades que os amigos devem possuir.” (livro VIII, 3), fica evidente que ambos consideram importantes as semelhanças entre os amigos.

Ainda sobre as semelhanças que deve haver entre os amigos, Cícero propõe:

Sem a maturidade da razão, não há [...] amizade durável. A diversidade dos gostos desune as amizades, e, se os bons não podem amar os maus, nem os maus amar os bons, é unicamente a dissemelhança dos seus costumes e gostos que o determina. (capítulo XX)

Cícero destaca que não há a possibilidade de a amizade ocorrer sem que esta se dê entre homens de bem, tendo em vista que “nada é fingido, dissimulado, tudo quanto nela [a amizade] há é verdadeiro e tudo provém da vontade.” (capítulo VIII). Portanto, a verdade deve prevalecer entre os amigos. Cícero ainda acrescenta que é possível entender que “a vida sem a amizade nos pareceria inculta, deserta e desnudada de toda alegria.” (capítulo XV). Dessa forma, podemos considerar que Cícero concebe a amizade em vista da virtude, uma vez que só entre os homens bons poderia existir a amizade verdadeira.

Na obra ciceroniana, também se destaca o interesse na amizade, como podemos ver não só em: “[...] do mesmo modo na amizade não cremos que se tenha de desejar por nenhuma esperança de interesse, mas porque no amor consiste o seu maior proveito.”, como também em: “porque se fosse o interesse que unisse às amizades, quando viesse a faltar, desfá-la-ia.” (capítulo IX). Retomaremos o conceito de interesse entre os amigos no capítulo da análise, a partir das personagens selecionadas do *Satíricon*. *De amicitia* é praticamente uma releitura da obra de Aristóteles, é bem verdade, mas também é significativo que Cícero tanto ressalte a importância da amizade no mundo romano.

Destacamos que tanto Aristóteles como Cícero ponderam sobre a amizade sob o viés filosófico, senão metafísico, cujo tema nos exigiria uma permanência maior nesse campo teórico, pois vale lembrar que este trabalho tem como objetivo a análise literária da amizade, motivo pelo qual valer-nos-emos dos conceitos apresentados por Aristóteles e Cícero. Nesse sentido, ressaltamos que, diferentemente desses pensadores antigos, nossos contemporâneos Konstan e Ortega, por sua vez, além de refletirem sobre o tema da amizade, também consideram tal relação como constituinte da convivência humana, entendendo a amizade de maneira mais factual.

3.4. Genealogias da amizade, de F. Ortega

Francisco Ortega, em *Genealogias da amizade* (2002), faz uma abordagem histórico-genealógica da amizade, na qual analisa não só o percurso dos discursos da amizade, como também as suas práticas sociais no Ocidente,

desde os gregos, considerando os conceitos propostos por Aristóteles, e os romanos, baseado em Cícero, até o século XX.

Em uma tentativa de descrever a amizade, Ortega (2002, p. 23) concebe que “[...] a amizade não aparece definida de uma forma clara, existindo numerosos tipos e noções.”. Nesse sentido, o autor espanhol entende que a amizade não se comporta do mesmo jeito no que se refere ao tempo e espaço. Ortega indica que, embora exista uma tradição mais ou menos constante, a qual denomina aristotélico-ciceroniana,

as práticas e o significado social da amizade mudam constantemente, estabelecendo-se, a partir de Aristóteles, uma distância mais marcada entre os discursos filosóficos e as práticas sociais da amizade. (ORTEGA, 2002, p.11-12)

Nesse sentido, Ortega aborda, em sua obra, o percurso da amizade, partindo desde os discursos antigos até questionamentos mais modernos. Com esse estudo, afirma que é possível apreender algumas mudanças em relação ao que se considera sobre a amizade, como por exemplo, a amizade vista pelo Cristianismo. Para tanto, Ortega (2002) aponta alguns autores como Ambrósio de Milão (340-397), Agostinho (354-430), Paulino de Nola (354-431), e Aelredo de Rievaulx (1110-11167), que, para ele, possuem uma visão da amizade muito próxima ao conceito dos antigos, uma vez que consideram motivos fundamentais de Aristóteles e Cícero.

O conceito de *philia* abordado por Aristóteles aparece, no século V a.C., de acordo com Ortega (2002), com Heródoto. O adjetivo *phílos*, o verbo *philein* e o substantivo *philotès* despontam nos poemas homéricos, embora Ortega (2002) esclareça que *phílos* foi utilizado em um duplo sentido, por Homero, com acepção de possessivo e afetivo ao mesmo tempo.

De acordo com Ortega (2002), *phílos*, no sentido de posse, não designa uma relação de amizade, mas funciona como “um adjetivo possessivo sem acepção de pessoa, referido à primeira, segunda ou terceira pessoa: ‘seu’ ou ‘meu’ (filho, braço) em referência a pessoas, animais, objetos, partes corporais, etc.” (ORTEGA, 2002, p. 17).

Ao consideramos Aristóteles e seus estudos sobre a amizade, devemos levar em conta o contexto histórico da época. Em uma análise de caráter

temporal, isto é, dos gregos até a atualidade, Ortega (2002) tece algumas considerações a respeito da amizade, mas inclui, também, algumas observações sobre os relacionamentos gregos:

A ausência de fortes vínculos maritais e de amor conjugal, assim como a separação estrita dos sexos – designando lugares específicos para cada um –, levou na *pólis* clássica a concentrar a paixão e a ternura nas relações entre homens. O baixo estatuto da mulher e sua reclusão na esfera privada e doméstica (o *oîkos*), teve como consequência o privilégio do culto da amizade e do amor masculino.

Nesse sentido, Ortega (2002) descreve que os homens possuíam relações pautadas na afeição e significado emocional. O autor ainda considera a sociedade em que estavam inseridos os gregos, e dá ênfase para a condição das mulheres, “afastadas da esfera pública, relegadas ao espaço doméstico [...], os rapazes eram substitutos das mulheres ao possuírem semelhança física com elas, sendo considerados objetos de desejo.” (p. 26). A partir da consideração de Ortega, é possível dizer que, ao considerarmos a sociedade e como ela se comporta, ou se comportou, como foi o caso dos gregos, apreendemos a relação de proximidade entre os homens e a relação de amizade entre eles.

Ainda segundo o autor,

[...] entre um homem e um rapaz que estão em posição de independência recíproca e entre os quais não existe constrição institucional, mas um jogo aberto (com preferências, escolha, liberdade de movimento, desenlace incerto), o princípio de regulação das condutas deve ser buscado na própria relação, na natureza do movimento que os leva um para o outro, e da afeição que os liga reciprocamente.

Dessa maneira, podemos apreender como se dava o relacionamento entre os homens, que tinham a liberdade de escolha, no sentido de que podiam decidir com quem gostariam de se relacionar; diferente das relações entre homem e mulher, que estavam baseadas principalmente na moral matrimonial, a qual impedia as mulheres de terem uma escolha, pois sua função era, segundo Ortega (2002), satisfazer a sexualidade masculina. Como a mulher deveria permanecer submissa ao marido e manter-se no caráter de procriadora, tal fato impossibilitava a proximidade entre marido e esposa, excluindo a possibilidade de uma relação de amizade. Por isso, há bem poucas descrições, e também na literatura, sobre a amizade entre homem e mulher na Grécia Antiga.

No que tange à vida social dos romanos, Ortega (2002) expõe que a amizade se manifesta de modo semelhante àquela da Grécia. Segundo o estudioso, “a *amicitia* é, por um lado, uma relação baseada na afeição livre, o que exclui associações econômicas, comunidades religiosas e jurídicas e relações de parentesco”. (p. 47). Embora Ortega explicita que a amizade apresenta características similares àquela encontrada na Grécia, o autor faz uma ressalva: “[...] a amizade não possui a importância que tinha na Grécia. Ela não foi em Roma tão idolatrada como na Grécia nem teve o mesmo significado cultural e o forte investimento erótico e emocional.” (p. 48). Outro ponto que Ortega (2002) destaca é que, ao contrário do que vemos nas relações entre os gregos, há a valorização do matrimônio, e a pederastia deixa de constituir um problema.

Nesse sentido, podemos considerar que a amizade assume papéis diferentes na vida social dos gregos e dos romanos. Por isso, sobre a diferença entre Aristóteles e Cícero, Ortega (2002, p. 12) considera que, no texto ciceroniano, “[...] o discurso filosófico não se reflete mais nas práticas sociais. Ao mesmo tempo, esse discurso adquire o caráter mais personalizado do luto e da dor pela perda do amigo [...]”. De acordo com Ortega, podemos dizer que, para os pensadores antigos, Aristóteles e Cícero, a discussão sobre a amizade não se baseia na amizade como uma relação comum à convivência humana, mas se elevam ao plano da filosofia.

Analisando vinte e quatro séculos de cultura ocidental — por isso o nome “genealogia”—, Ortega propõe-se a discutir a respeito da amizade. Para o autor, a amizade “tinha uma função fundamental na organização sociopolítica e cultural da *civitas* da Antiguidade greco-romana, e que continuou sendo um elemento significativo no tecido social e relacional da modernidade”. (ORTEGA, 2002, p.15). Assim, diferente das discussões propostas por Aristóteles e Cícero, Ortega considera, sob a ótica social e cultural, a relação de amizade desde a Antiguidade, portanto os gregos e romanos, até os tempos atuais.

3.5. A amizade no mundo clássico, de D. Konstan

Para fomentar as discussões a respeito da amizade, utilizaremos também as considerações propostas por David Konstan, em *A amizade no Mundo*

Clássico (2005). Nesse trabalho, Konstan expõe reflexões sobre a amizade que se iniciam em suas considerações acerca da Grécia Antiga, cruzam com os conceitos da amizade no mundo ocidental, até chegar aos dias de hoje. Ao comentar sobre o percurso dessa relação humana, Konstan propõe-nos olhar para a amizade e sua modificação no que se refere ao tempo e ao espaço.

Konstan (2005) discute que o conhecimento que possuímos hoje em relação à amizade na Grécia e em Roma está baseado nas fontes textuais e em sua interpretação. Nesse sentido, consideramos a importância da literatura como forma de preservação da memória da cultura de um povo, pois temos conservadas, de forma textual, as considerações sobre a amizade, feitas por Aristóteles, mas também as referências no texto petroniano, como é o caso do *Satíricon*.

O conceito da amizade não pode ser definido, segundo Konstan (2002), como uniforme nas mais variadas culturas, ou ainda dentro de uma cultura específica, em um período estabelecido. Em uma tentativa de definir a essência da relação amizade, Konstan (2005, p.1) propõe que pode ser caracterizada como “um vínculo mutuamente íntimo, leal e amoroso entre duas ou algumas pessoas”, sendo que tal relação difere da parental ou étnica. Ainda de acordo com o autor, a amizade é uma relação adquirida, não atribuída, e não necessariamente precisa ser definida como uma escolha livre ou pessoal.

Na definição de Konstan, a amizade pode ser estabelecida por acaso, ou ainda, os amigos podem ser atraídos por motivos misteriosos, pois essa relação, segundo o autor, não tem correspondência com tomadas de decisão. Konstan (2005, p. 2) acredita que “a amizade é ‘modelada socialmente’ por numerosos fatores, tais como a classe social ou a idade.”. Konstan (2002) ainda vai considerar o viés antropológico da amizade, tendo em vista que, em qualquer sociedade, o relacionamento conhecido como amizade pode estar predeterminado por um conjunto de relações alternativas que, segundo o autor, demarcam a sua dimensão e propriedades específicas.

Konstan, na tentativa de definir *phílos*, considera como um substantivo que se utilizava para se referir às pessoas que se associavam voluntariamente com base na afeição mútua. Se o autor menciona a palavra *phílos* e propõe sua definição, de igual maneira fará com *amicitia*, considerada por Cícero, como mencionado anteriormente. Assim, Konstan (2005) expõe que a amizade, em

Roma, apresentou algumas mudanças em relação à conhecida entre os gregos da Antiguidade.

Como pudemos notar, tanto Aristóteles quanto Cícero consideram a virtude como uma das características sobre a qual está ancorada a amizade. Sobre o conceito de virtude, segundo Fantinel e Pereira (2010), há duas palavras a serem consideradas: *areté*, em grego, e *virtus*, em latim.

Segundo o autor, um dos significados da primeira palavra, *areté*, é o de “cumprir de forma mais perfeita possível a função que a natureza atribui a um ser” (p. 40), enquanto o vocábulo em latim, *virtus*, além de ter derivado a palavra virtude, tem, dentre seus significados o de “aptidão, capacidade, potencialidade, vigor.” (p. 40). Ambas as palavras, de origem grega e latina, apontam para o significado que temos hoje para “virtude”.

Fantinel e Pereira (2010) propõem uma definição para a virtude humana, caracterizada, portanto, a partir da realização do que é específico do homem, e da constituição do seu melhor. De acordo com Lear (1988, p. 190, *apud* FANTINEL; PEREIRA, 2010, p. 40), as virtudes

são estados da alma que permitem a uma pessoa uma decisão correta acerca de como atuar segundo as circunstâncias e as motivações que a levam a agir assim. São também esses estados estáveis da alma que consideramos constituintes do caráter de um indivíduo.

Podemos retomar, portanto, que nas definições de Aristóteles e Cícero, quando se referem à virtude como inerente à amizade, é possível considerar que uma pessoa virtuosa deve buscar relacionar-se com outra que também possua virtudes, pois ambas desejam desviar-se do mal e possuir, aliadas ao caráter, qualidades morais.

Diferentemente do que lemos em Aristóteles e Cícero, que apontam para os conceitos filosóficos, Konstan e Ortega passam a não considerar a virtude como característica fundamental no que se diz respeito à amizade, mas refletem tal relação a partir do meio social e seu entorno.

4. A AMIZADE NO *SATÍRICON*

A partir de um levantamento no texto petroniano, encontramos dez ocorrências da palavra “amizade”. Para realizarmos tal procedimento, verificamos o texto em latim e localizamos as passagens em que o termo ocorre. Além de trazer alguns excertos em que há a palavra “amizade”, discutiremos as passagens com o objetivo de ressaltar o contexto em que se dá a relação das personagens no que diz respeito à amizade.

A primeira passagem, localizada em 77.1, é uma fala de Trimalquião, durante o banquete:

“Você está de prova, Habinas – se não me engano você estava junto: ‘Tu conquistaste tua senhora à custa daquelas coisas... Tu és pouco feliz nas amizades. Nunca ninguém retribui o que tens para dar.’”.

Trimalquião, nesse momento, conta que foi consultar Serapa, um conselheiro dos deuses, próximo ao que entendemos como vidente. O conselheiro fez previsões e contou a vida de Trimalquião, dizendo, inclusive, que era “pouco feliz nas amizades.”. Nota-se que, embora Trimalquião considere Habinas como amigo, este que esteve presente no momento das previsões, não hesita em confirmar que, de fato, é infeliz nas amizades.

O excerto: “Vocês têm sob o seu olhar jovens súplices. São bem nascidos, honrados, e — mais importante que tudo isso — já estiveram unidos a vocês por laços de amizade.” (*Sat.* 107.5) está localizado no momento em que Eumolpo faz um discurso ao tentar defender Encólpio e Gitão de Licas e Trifena. O velho poeta tenta convencer os donos da embarcação, apelando pelo emocional, quando evoca a amizade iniciada em um momento anterior à confusão do navio de Licas.

No entanto, é importante ressaltar que, ao usar como pretexto a amizade para tentar safar Encólpio e Gitão, notamos um tom de ironia, pois sabemos que as personagens entraram na embarcação por engano, uma vez que não sabiam que era tripulado por Licas. Além disso, destacamos que, quando Encólpio e Gitão descobrem o problema em que estão envolvidos, tentam se esconder, e cogitam, inclusive, planos para fugirem do barco, uma atitude não esperada por velhos amigos que se reencontravam.

Se neste trabalho não temos como objetivo definir o que é a amizade, colocamos em evidência um excerto do *Satíricon* que diz respeito ao que seria a amizade, sob a ótica de Licas, personagem que juntamente com Trifena, discute se condena ou não Encólpio e Gitão por terem invadido sua embarcação e cortado os cabelos a bordo, ato considerado de mau agouro. Licas propõe: “De fato, eles [Encólpio e Gitão] foram nossos amigos: por isso merecem os maiores suplícios, pois quem lesa desconhecidos é chamado de ladrão; quem lesa os amigos é pouco menos que um parricida” (*Sat.* 107.11).

De acordo com essa passagem, podemos notar que Licas considera a amizade a partir da lealdade, partindo do princípio que os amigos devem sempre ajudar os amigos, e não o contrário. Do ponto de vista de Licas, quem lesa os amigos deve ser considerado como um criminoso, tendo em vista que a personagem coloca esse ato no mesmo nível do parricídio, considerado um crime hediondo, tanto naquela época como nos dias atuais.

Sobre a palavra “amizade” no texto petroniano, pudemos notar que o vocábulo é usado com mais frequência quando se trata da relação entre Encólpio e Gitão. Os excertos que se referem a esse relacionamento, apresentaremos mais adiante, para podermos analisar mais detalhadamente, ao discutirmos sobre a amizade entre essas personagens.

Destacamos, ainda, uma passagem em versos, característica da sátira menipeia, referindo-se à amizade:

A palavra amizade, assim,/ perdura apenas enquanto interessa;/ pedra num tabuleiro/ toma uma trajetória inconstante./ Enquanto a sorte permanece,/ vós, amigos, conservais inalterado o semblante;/ quando cessa ela, em fuga infame voltais os rostos. (Sat. 80.9)

Nota-se a menção direta, já no início do poema, à “palavra amizade”. O eu-lírico descreve a amizade e usa a metáfora da pedra num tabuleiro. Destacamos ainda, a questão do interesse na amizade, tal como verificaremos na relação mantida por Encólpio e Gitão. É importante salientar que o poema foi inserido na narrativa logo após Ascilto e Gitão haverem abandonado Encólpio. Nesse episódio, os moços decidem dividir todas as suas coisas, para cada qual se haver sozinho. Mas Ascilto vai além, e quer dividir também Gitão, ao qual,

enfim, foi dada a oportunidade de escolher com quem gostaria de ficar. E, sem titubear, Gitão decide partir com Ascilto.

Opondo-se ao conceito de amizade, ao considerarmos a principal figura divina que se apresenta no *Satíricon*, o deus Priapo, percebe-se que seu relacionamento com Encólpio dá-se por meio da inimizade, a qual pode se apreender na base da punição a que o deus o submete.

Ao retomarmos o conceito de dupla, composta por um líder e um seguidor, no *Satíricon*, podemos considerar que agem em dupla as personagens Encólpio e Ascilto; Encólpio e Gitão; Ascilto e Gitão; Trimalquião e Habinas; Fortunata e Cintila; Encólpio e Eumolpo; Licas e Trifena. Vale ressaltar que, para este estudo, focalizaremos Encólpio e Gitão em nossas discussões a fim de apontar para questionamentos a respeito da amizade. Além disso, na narrativa petroniana desenvolvem-se principalmente as aventuras e desventuras vividas pela dupla Encólpio e Gitão à qual se juntam ora Ascilto, num primeiro triângulo de personagens, ora, depois, numa segunda tríade, Eumolpo, que substitui Ascilto.

Por meio de uma fala de Ascilto, é possível apreender um vínculo anterior entre ele e Encólpio, revelando-se que mantinham uma relação semelhante àquela que, no momento dessa mesma fala, ligava Encólpio a Gitão: “[...] Você [Encólpio], de quem fui irmãozinho lá no parque, na mesma condição desse garoto agora no albergue...” (Sat. 9.8).

No entanto, no momento da narrativa, tal relação já havia deixado de existir, e Encólpio e Ascilto portavam-se como adversários, tendo em vista que há, então, um triângulo amoroso instaurado. Em um primeiro momento, composto por Encólpio, Gitão e Ascilto, o triângulo inaugura um impasse. Focalizamos a amizade entre Encólpio e Gitão e as configurações das duas tríades que se constituem no *Satíricon*: Encólpio-Gitão-Ascilto e Encólpio-Gitão-Eumolpo.

4.1. Ascilto

Embora o foco deste trabalho não seja Ascilto, para abordar Encólpio e Gitão é imprescindível falar sobre aquela personagem, tendo em vista que Ascilto — assim como Eumolpo — exerce um papel importante na narrativa e no

relacionamento entre Encólpio e Gitão, apesar de que desaparece aproximadamente na metade da trama.

Em relação às características físicas de Ascilto, é possível percebê-las a partir do relato que ele faz para Encólpio: “mal a cafetina recebeu o dinheiro do quarto, o velhote veio com a mão para cima de mim e, *se eu não fosse mais forte*, teria me ferrado.” (Sat. 8.4, grifo nosso). Posteriormente, é Eumolpo que fala dele, que havia encontrado nos banhos:

Numa outra parte, um rapaz nu, que perdera as roupas, chamava por Gitão aos gritos com uma indignação não menor. E se com uma imitação muito da petulante uns escravos zombaram de mim, como se eu estivesse louco, a ele uma enorme platéia o circundou, admirada, aplaudindo-o com todo o respeito. É que o volume que ele levava no meio das pernas era tão grande que daria para acreditar que o próprio homem era o cabo de um amuleto. Como dá trabalho esse moço! Acho que ele começa num dia e termina no outro. (Sat. 92.7-9)

Sobre suas outras características, sabe-se que Ascilto considera a si e Encólpio como instruídos, como podemos ver em: “– Já que foi como pessoas instruídas que aceitamos um convite para um jantar – disse ele –, não vamos perder a noite hoje.” (Sat. 10.6), quando propõe uma trégua à discussão com o amigo. Igual opinião tem Encólpio, que nesse mesmo episódio diz a Ascilto:

Você conhece as letras, eu também. Para que eu não atrapalhe os seus negócios, vou me dedicar a outras coisas, em outro lugar; do contrário, vamos nos bater todos os dias por mil motivos, e assim, graças aos boatos, ficaremos desmoralizados na cidade inteira. (Sat. 10.5)

Aquati (2016, p. 252) considera que, ao mesmo tempo em que há pessoas incultas no banquete de Trimalquião, há também pessoas letradas, entre as quais se encontram Ascilto e Encólpio, que assim se declaram. Para o pesquisador, “embora dizer conhecer as letras não significa para eles, exatamente, ser letrado, o que pode apontar para uma farsa de Encólpio e Ascilto [...]”. Do mesmo modo, podemos questionar se Ascilto e Encólpio realmente participavam das aulas de Agamêmnon, ou se fingiam ser escolásticos. Ainda que levantada essa hipótese, não há como ter uma comprovação efetiva.

Faz-se a primeira menção a Ascilto quando Encólpio percebe que ele havia fugido da aula de retórica do mestre Agamêmnon:

Eu ouvia muito pacientemente tudo aquilo e não reparei na fuga de Ascilto... E enquanto no calor desses debates eu zanzava pelo jardim, chegou ao pórtico um numeroso bando de estudantes, ao que parece, vindos de uma declamação de improviso não sei de quem, que havia respondido ao discurso de Agamêmnon. Então, enquanto os jovens riam das sentenças, e depreciavam o plano de todo o discurso, aproveitei a chance de escapar e fui correndo atrás de Ascilto. (Sat. 6.1-2)

No tempo do narrado, embora Ascilto e Encólpio não sejam mais amantes, eles se tratam de maneira aparentemente (mas também ironicamente) cordial:

Tarde, muito tarde, entendi que eu havia sido levado para a zona. Assim, tendo amaldiçoado as patifarias da velhinha, cobri a cabeça e, pelo meio do lupanar, tentei fugir para outra parte, quando eis que chega a esse mesmo lugar Ascilto, morto de cansaço como eu: dava a impressão de que tinha sido guiado pela mesma velhinha. Assim, quando eu, rindo, o saudei cordialmente, perguntei o que fazia ele em local tão impróprio. (Sat. 7.4-5)

A evolução das relações entre essas duas personagens alterará completamente sua forma de tratamento na última vez que Ascilto e Encólpio se veem, como verificaremos.

4.2. A amizade entre Encólpio e Ascilto

Sobre a amizade entre Encólpio e Ascilto, é possível dizer que ela começa a desfazer-se por causa do interesse de Ascilto por Gitão. Já no início do texto preservado, podemos notar que Encólpio não perde Ascilto de vista e, quando não o vê mais por perto, não hesita e corre a procurá-lo. É possível que Encólpio já estivesse desconfiado de Ascilto e Gitão e, considerando-se o ciúme como uma de suas características, não perde tempo. Talvez essa questão já estivesse clara na parte perdida no começo, mas a procura de Ascilto é um indício de que as relações entre eles já não andassem assim tão cordiais.

Podemos verificar que a relação entre Encólpio e Ascilto está abalada também em outro momento do texto, no episódio em que Encólpio encontra-se com Gitão e este acusa Ascilto de ter tentado violá-lo: “– Esse teu irmãozinho aí – ou companheiro – veio agora há pouco à casa que alugamos e ficou querendo

tentar-me o pudor à força. Como acabei gritando, ele puxou o gládio e disse: ‘Se és Lucrecia, encontraste um Tarquínio’.”²¹ (Sat. 9.4).

Essa e as demais investidas de Ascilto sobre Gitão fazem com que as brigas entre Encólpio e Ascilto fiquem cada vez mais frequentes e violentas. O ápice das discussões entre eles dá-se depois que Ascilto dorme com Gitão, o que é inaceitável para Encólpio: “[...] Ascilto, capaz de conceber qualquer ultraje, roubou-me o menino durante a noite, levando-o para seu leito?” (Sat. 79.9).

Encólpio fica furioso, acusa Ascilto de ter praticado um crime contra ele, e ainda solicita que o rapaz, depois de pegar suas coisas, vá embora:

Mas quanto a Ascilto, encarando-o com um olhar ameaçador, eu disse:
– Uma vez que você, com esse crime, violou a *confiança* e *nossa amizade mútua*, pegue as suas coisas o mais depressa possível e procure outro lugar para cometer suas infâmias.” (Sat. 79.11, grifo nosso)

Motivado por essa discussão, Ascilto não se opõe ao que Encólpio sugere; ambos dividem seus pertences “com a maior boa-fé” (Sat. 79.12), mas Ascilto vai além, quer dividir também o garoto: “– você não há de desfrutar sozinho dessa presa com quem está se deitando. Ainda que desprezado, quero a minha parte, nem que seja preciso cortá-la fora com este gládio.” (Sat. 80.1).

Como a discussão se agrava, tendo em vista que Ascilto puxa o seu gládio e, em resposta, Encólpio enrola um manto em volta do braço para enfrentá-lo em uma luta corporal, Gitão intervém:

No meio da loucura desses infelizes, na mais completa tristeza, o menino se arrastava chorando aos pés dele e pedia – suplicava – que aquela humilde hospedaria não divisasse novos irmãos tebanos²², nem que maculássemos com sangue mútuo a santidade de *tão nobre amizade*. Gritava ele:
– Se é inevitável um crime assim, eis aqui minha garganta nua; levai até ela as mãos, cravai nela as espadas. Sou eu que devo morrer, eu, que destruí essa *santa amizade*. (Sat. 80.3-4, grifo nosso)

²¹ Referência a uma das paradigmáticas e edificantes lendas romanas. Em geral, essas lendas tornaram-se modelos ensinados nas escolas. A narração do estupro de Lucrecia por Sexto Tarquínio, filho do último rei de Roma, traz o exemplo da mulher romana absolutamente casta e honrada. (AQUATI, 2008, p. 21).

²² A atitude trágica de Gitão lembra Etéocles e Polinices, filhos de Édipo e Jocasta, os irmãos que mataram um ao outro em luta pelo trono de Tebas. (AQUATI, 2008, p. 109).

O episódio que se segue é um dos mais significativos para o nosso estudo em relação à amizade de Encólpio e Gitão, como verificaremos. Ascilto, ao perceber que nunca chegariam a um acordo, propõe: “– Eu é que darei um fim ao desacordo. O próprio garoto que siga quem ele quiser. Que pelo menos lhe seja garantida a liberdade de escolher o companheiro.” (Sat. 80.5). Confiante, Encólpio aceita tal proposta, mas fica surpreso quando Gitão escolhe ir embora com Ascilto: “Ele nem sequer refletiu: na verdade, para não dar a impressão de hesitar, mal ouviu a última sílaba, ergueu-se e escolheu Ascilto como companheiro.” (Sat. 80.5).

A narrativa se desdobra e, durante alguns capítulos, não temos notícia de Gitão ou Ascilto, até o dia em que Encólpio reencontra casualmente Gitão e o leva consigo. Por essa razão, Ascilto oferece uma recompensa para a pessoa que soubesse do paradeiro de Gitão: “não longe do pregoeiro vinha Ascilto. Vestindo um manto todo colorido, levava numa bandeja de prata a recompensa prometida.” (Sat. 97.3). Note-se que esta é a última vez que Encólpio e Ascilto se veem:

Enquanto isso, Ascilto, tendo percorrido todos os quartos acompanhado de um oficial de Justiça, chegou ao meu. E o que certamente lhe deu uma esperança maior foi que encontrou portas muito cuidadosamente aferrolhadas. O escravo público, porém, introduzindo um machado nas fissuras da porta, afrouxou os ferrolhos, que eram firmes. Quanto a mim, atirei-me aos joelhos de Ascilto e, em nome de nossa *amizade* e dos sofrimentos que nós dois já havíamos suportado, pedi que ao menos deixasse ver meu irmãozinho. Além disso, para que minhas preces fingidas tivessem uma aparência de verdade, acrescentei:

– Ascilto, sei que você veio para me matar. Afinal, para que trouxeste o machado? Vai, satisfaz a sua raiva, que eu te ofereço meu pescoço: derrama o sangue que você procurou a pretexto dessa busca.

Ascilto rebateu aquela idéia de rancor, garantindo que não estava à procura de outra coisa senão do garoto que fugira dele. Ele nunca desejara a morte de um homem, nem de um súplice como eu, de quem, sobretudo, ele conservara tanta afeição, mesmo depois daquela discussão que acabara com tudo entre nós. (Sat. 97.7-10, grifo nosso)

Tendo em vista o episódio supracitado do último encontro de Encólpio e Ascilto, destacamos a palavra “amizade”. Examinaremos qual o sentido empregado nesse contexto, e se corresponde à *philia* e a *amicitia* definidas por Aristóteles e Cícero, respectivamente.

Em *Sat.* 97.7-10²³, com medo de novamente ficar sem Gitão, Encólpio, ao ver Ascilto entrando em seu quarto, suplica, aos seus pés, em nome da amizade que tinham, para que ele ao menos deixasse ver Gitão. Ora, sabemos que Encólpio já havia se encontrado com Gitão, o qual, naquele momento, inclusive, estava estrategicamente escondido, embaixo da cama.

Dessa maneira, percebemos o quão dissimulado Encólpio é, pois usa o pretexto da amizade para tentar distrair Ascilto. Se Encólpio mente ao pedir para ver Gitão, de igual maneira mente quando lhe fala sobre a sua amizade, e, por isso, sabemos que seus sentimentos não são verdadeiros. Encólpio ainda menciona e confirma seu comportamento enganador: “para que minhas preces fingidas tivessem uma aparência de verdade”. (*Sat.* 97.7)

De acordo com o excerto citado, podemos pensar, em relação ao nascimento do romance, que, quando temos uma narrativa em primeira pessoa, talvez haja uma tendência em acreditarmos numa inocência, numa verdade de quem está narrando, considerando-se a questão de credibilidade (ou de sugestão de credibilidade). No entanto, Petrônio é hábil em desfazer, sem grande alarde, essa impressão, pois mostra Encólpio traindo, mentindo (e, além disso, confessando-o), o que dá chance ao leitor formar sua própria opinião. Isto é, Petrônio, com o romance, liberta completamente o leitor tradicional, pois livra-o da 3ª pessoa (da épica) que é onisciente, dona da verdade universal e, ainda, da 1ª pessoa (da lírica), dona de uma verdade unilateral.

Já no que tange à amizade, ao considerarmos o trecho citado (*Sat.* 97.7), destacamos o que Cícero (capítulo VIII) pondera: “[...] na amizade nada é fingido, nada dissimulado, tudo quanto nela há é verdadeiro e tudo provém da vontade.”. Assim, a amizade de Encólpio e Gitão não corresponde a essa característica apontada pelo filósofo, uma vez que a amizade não é verdadeira; ao contrário, a relação da dupla está baseada em falsidade e em desafetos; é por causa de Gitão que se rompe a relação de ambos.

Quando, acompanhado de Gitão, Ascilto vai embora, a este Encólpio se refere como: “[...] ele, para quem a expressão ‘*velha amizade*’ não faz sentido [...]” (*Sat.* 81.5-6, grifo nosso). Nesse momento, constata-se que Encólpio já não mais tem em vista a amizade de Ascilto. Também, considerando o cinismo de

²³ No capítulo “Gitão”, segundo a tradução utilizada neste trabalho.

Encólpio, nas mentiras que conta, das quais somos testemunhas, podemos pensar que “velha amizade” aqui pode ser uma expressão irônica, denotando a revelação do baixo caráter de Encólpio, isto é, de sua hipocrisia e de sua inabilidade de lidar com as derrotas. Para Leão (2011, p. 88), no que se refere ao mesmo episódio,

[...] Encólpio, ferido no orgulho e no coração, abandona a contragosto a locanda onde se encontrava com os outros dois companheiros, optando por hospedar-se num albergue situado à beira-mar, a fim de carpir sozinho as mágoas. Aí recorda, com ressentimento crescente, os responsáveis por aquele estado de prostração emocional: Ascilto, companheiro de aventuras múltiplas, que a inveja transformara em inimigo [...].

Por isso, podemos dizer que Encólpio, além de desconsiderar a amizade de Ascilto, o toma por inimigo.

Aristóteles considera que a amizade dos jovens visa ao prazer, uma vez que são guiados pela emoção e buscam o que lhes é agradável e o que têm diante dos olhos, no entanto, segundo o filósofo antigo, com o passar dos anos os seus prazeres tornam-se diferentes, “e por isso que fazem e desfazem amizades rapidamente: sua amizade muda com o objeto que lhes parece agradável, e tal prazer se altera bem depressa.” (ARISTÓTELES, 1962, livro VIII, 3).

De modo semelhante, Cícero atribui motivos para a amizade se desfazer: “ou por aspirarem ambos um mesmo casamento ou por qualquer outro proveito que os dois ao mesmo tempo não podem conseguir.” (CÍCERO, 2006, capítulo X). De acordo com o que propõem Aristóteles e Cícero, tendo em vista o rompimento da amizade de Encólpio, podemos conceber que a amizade da dupla Encólpio e Ascilto muda (e se acaba), porque ambos interessam-se por Gitão.

Dessa maneira, podemos atribuir a Encólpio e Ascilto uma amizade pautada na utilidade, conceito que nos propõe Aristóteles. O filósofo considera que “os que se amam por causa de sua utilidade não se amam por si mesmos, mas em virtude de algum bem que recebem um do outro.” (ARISTÓTELES, 1962, livro VIII, 3).

Encólpio e Ascilto eram amigos, antes da chegada de Gitão, como se verifica, na fala de Ascilto: “Você [Encólpio], de quem fui irmãozinho lá no

parque, na mesma condição desse garoto agora no albergue...” (Sat. 9.8). De acordo com a palavra “irmãozinho”, que foi traduzida do texto latino “frater”, podemos entender que se refere à questão da relação sexual que havia entre Encólpio e Ascilto, e que agora está deslocada para Gitão. Nesse sentido, Ascilto vê repetir-se a relação que mantinha com Encólpio.

Aristóteles considera:

Logo, os que amam por causa da utilidade, amam pelo que é bom para eles mesmos, e os que amam por causa do prazer, amam em virtude do que é agradável a eles, e não na medida em que o outro é a pessoa amada, mas na medida em que é útil ou agradável. (Livro VIII, 3).

A partir do momento em que a atenção de Encólpio volta-se para Gitão, Ascilto perde a utilidade. Do mesmo modo acontece com Ascilto, que tem o seu interesse voltado para Gitão. Ainda segundo Aristóteles, pautado nas amizades baseadas no útil ou agradável, o filósofo elucida que

[...] são apenas acidentais, pois a pessoa amada não é amada por ser o homem que é, mas porque proporciona algum bem ou prazer. Eis por que tais amizades se dissolvem facilmente, se as partes não permanecem iguais a si mesmas: com efeito, se uma das partes cessa de ser agradável ou útil, a outra deixa de amá-la. (Livro VIII, 3).

Ao considerarmos a amizade da dupla Encólpio e Ascilto correspondente à utilidade, também podemos considerar que tal amizade seja acidental, bem como Konstan (2005) pondera, uma amizade estabelecida por acaso. Ambos se relacionam um com o outro, mas a relação, do mesmo modo que começa acidentalmente, termina.

4.3. Eumolpo

Assim como Ascilto, Eumolpo não é o objeto desta pesquisa. No entanto, exerce um papel muito importante na narrativa, pois forma uma tríade com Encólpio e Gitão, influenciando, portanto, no relacionamento da dupla neste trabalho estudada. Enquanto Ascilto desaparece do *Satíricon* quase na metade da narrativa, Eumolpo é apresentado na narrativa também a partir da metade.

As características físicas de Eumolpo são descritas por Encólpio na primeira vez em que este o vê, em uma pinacoteca:

Acontece, porém, que, enquanto eu falava aos quatro ventos, entrou na pinacoteca um velho de cabelos brancos e de aparência atormentada. Adivinhava-se nele um ar de grandeza, não sei bem, mas pela maneira de se vestir ele não era exatamente elegante, a ponto de passar-se com facilidade por um desses homens da categoria dos intelectuais, desses que costumam odiar os ricos. (Sat. 83.7)

Eumolpo é um homem mais velho que ele, de cabelos brancos, e, a julgar por suas roupas, nada elegante. O texto fragmenta-se, mas percebe-se que Eumolpo estabelece uma conversa com Encólpio, e explica-se, talvez por causa do olhar deste, que é poeta, e, por isso, está tão malvestido, uma vez que “o amor pelo talento nunca deu riqueza a ninguém”. (Sat. 83.9).

Eumolpo ao se descrever como poeta, diz que acredita não ser “dos piores”, porém, o que vemos a seguir é o oposto disso, pois sempre que declama versos em público, atiram-lhe pedras, como podemos ler em: “Quem passava pelos pórticos atirou pedras em Eumolpo enquanto ele recitava. Mas ele, que já conhecia a homenagem ao seu talento, cobriu a cabeça e fugiu do templo.” (Sat. 90.1).

Também podemos considerar outras características de Eumolpo: um esperto pederasta, como se verifica na história que conta a Encólpio, na *fabula Millesia* conhecida como “O garoto de Pérgamo”, em Sat. 85.4-87.9. Encólpio anima-se a conversar com Eumolpo e, após ter ouvido Eumolpo discutir sobre a crise da arte, em especial a pintura, decide segui-lo. É importante ressaltar que, nesse momento, o texto apresenta algumas lacunas, mas sabe-se que, apesar de ainda desolado pelo abandono de Gitão, Encólpio convida Eumolpo para jantarem juntos.

4.4. A amizade entre Encólpio e Eumolpo

Embora o texto seja fragmentário, sabemos que Encólpio e Eumolpo provavelmente passam mais tempo em companhia um do outro, pois ambos vão para os banhos. O que ocorre a seguir é o reencontro de Encólpio com Gitão, justamente nos banhos em que Eumolpo também se encontrava. Gitão, “emocionado”, chora copiosamente, tentando convencer Encólpio, este que na tentativa de disfarçar, pede para o outro parar com o choro. Ambos saem sorrateiramente, Gitão sendo guiado por Encólpio por uma saída suja e escura.

Na fuga, Encólpio deixa para trás Eumolpo, como podemos ler em: “tendo abandonado Eumolpo – bem... ele recitava um poema ali nos banhos” (*Sat.* 91.3).

Ainda que Eumolpo tenha conhecido Encólpio em seu pior momento, isto é, depois de Gitão ter ido embora com Ascilto, o velho e decadente poeta também é abandonado nos banhos. Dessa vez, é Encólpio quem abandona, e age conscientemente ao ir embora com Gitão. Nota-se que mesmo tendo sido abandonado por Gitão antes, Encólpio não hesita em fazer o mesmo com Eumolpo. Encólpio é abandonado e abandona por Gitão.

Depois de ter voltado para o albergue, juntamente com Gitão, Encólpio preocupa-se, temendo haver sido seguido por Ascilto. Porém, como vê seu hóspede, Eumolpo, sozinho, Encólpio abre a porta e permite a sua entrada. No entanto, nota-se, a partir desse momento, que a relação que havia entre Encólpio e Eumolpo começa a cambiar, uma vez que este, logo ao entrar no quarto, faz um elogio a Gitão, e Encólpio desgosta do comentário:

– Lindo, o teu Ganimedes! Hoje promete!

Não me agradou muito uma indiscrição dessas logo de cara, e fiquei com medo que eu estivesse recebendo em casa um sujeito igual ao Ascilto. Eumolpo insistiu e, como o menino lhe desse uma bebida, ele disse:

– Prefiro você a todos lá dos banhos. (*Sat.* 92.3-5)

Ora, podemos considerar certa ingenuidade de Encólpio, pois já tinha ouvido as histórias em que Eumolpo lhe havia narrado que se aproveitara de meninos em seu passado, como no episódio de “O garoto de Pérgamo”. Assim, Eumolpo já havia contado suas preferências, e Gitão se enquadrava nelas: rapaz mais jovem e atraente. Encólpio permite, de certa forma, que Eumolpo entre em seu quarto e em sua relação com Gitão; inicia-se, portanto, a segunda tríade da narrativa.

Podemos notar que, até o reencontro com Gitão, Encólpio e Eumolpo mantinham certa camaradagem. Se não podemos considerá-los aqui como amigos, como define Aristóteles ou Cícero, pelo menos consideramos que mantinham uma relação próxima. No entanto, essa configuração muda a partir do retorno de Gitão. Primeiramente, como já destacamos antes, o abandono de

Eumolpo nos banhos, quando Encólpio vai embora, às escondidas, com Gitão. Em seguida, já no albergue, podemos notar que o ponto de virada na relação de Encólpio-Eumolpo é quando Eumolpo elogia Gitão, uma vez que Encólpio certamente se sente ameaçado com a presença do velho poeta.

Não vemos Encólpio dirigir-se a Eumolpo ou referir-se a ele como “amigo”, pelo menos a considerar o texto remanescente do Satíricon. Parece-nos que ambos haviam seguido o caminho juntos por estarem sozinhos, mas não por gostarem da companhia um do outro. A única menção que temos é de Encólpio ponderando sobre Eumolpo: “Fiquei animado com essas palavras e pus-me a conversar com aquele homem, que se mostrava muito entendido.” (Sat. 88.1), enquanto este expunha sua opinião sobre a arte, na pinacoteca em que haviam se conhecido. Assim, se não se consideram amigos, o que se segue é ainda mais revelador, pois no momento em que Eumolpo mostra-se interessado em Gitão, Encólpio considera aquele como seu inimigo, como podemos ler em:

À medida que Eumolpo dizia essas coisas, eu ia mudando de fisionomia, ora feliz com os vexames do meu *inimigo*, ora desanimado com seu êxito. Fosse como fosse, fiquei quieto e mandei servir o jantar, como se não soubesse nada daquela história. (Sat. 92.12, grifo nosso).

Se Encólpio não considera Eumolpo como seu amigo, agora mostra características opostas à amizade, pois não quer ver o bem de Eumolpo, alegra-se com suas derrotas e desanima com suas vantagens.

De acordo com Konstan (2005), a lealdade é, geralmente, um requisito esperado entre amigos e, por isso, pode ser considerada como um indício ou uma condição para a amizade. O autor também pondera que a lealdade é “com frequência interpretada como a obrigação de prestar assistência a um amigo em tempos de crise. A incapacidade de oferecer essa ajuda, por sua vez, é a marca de um falso amigo.” (p. 16).

Dessa maneira, é possível pensar na relação de Encólpio e Eumolpo como assimétrica. Ao tomarmos como base o que Konstan propõe, notamos que Eumolpo acolhe, de certa forma, Encólpio no seu período mais difícil, isto é, o abandono de Gitão é o seu tempo de crise. Porém, Encólpio recuperado de seu

mau momento, não nutre nenhum sentimento de benevolência para com Eumolpo, e o trata, inclusive, asperamente, como podemos ver em:

Gitão, que era a delicadeza em pessoa, censurou-me por falar assim. Disse que não era correto fazer isso, porque eu tinha injuriado uma pessoa mais velha e, ao mesmo tempo, esquecido do meu dever: a mesa que eu havia oferecido com boa vontade eu tirara com grosseria. Disse muitas outras palavras de moderação e respeito, que convinham muito bem à sua beleza. (Sat. 93.4)

A relação, até então unilateral, como descrevemos anteriormente, passa a ser equivalente, isto é, Encólpio sente inimizade por Eumolpo e vice-versa. Sem temer Encólpio, seu hospedeiro, Eumolpo tece elogios a Gitão: “[...] Meus poemas te encherão de louvores. Serei teu mestre e teu homem de confiança, vou te seguir, mesmo até onde você não me ordenar.” (Sat. 94.2), e ainda, em tom de provocação: “Encólpio nem se importa: é a outro que ele ama.” (Sat. 94.2).

De acordo com Konstan (2005), o uso do termo *phílos* deriva da tendência grega de relacionar esse substantivo com seu oposto: *ekhthrás*, que significa “inimigo”. Para o autor, “inimigos buscam prejudicar-se mutuamente e [...] podemos chamar de inimigo um parente que causa algum dano ou, o que é a mesma coisa, abandona os parentes em tempo de necessidade”, e ainda “[...] a deslealdade entre as relações de parentesco transforma os envolvidos em inimigos”.

No caso de Encólpio e Eumolpo, é incontestável a questão da lealdade, pois, de fato, ela não existe em nenhum momento, uma vez que ambos tentam prejudicar um ao outro. É importante ressaltar que essa característica na relação entre essas duas personagens só ocorre após o aparecimento de Gitão, motivo pelo qual podemos considerar que é ele quem desestabiliza a relação entre Encólpio e Eumolpo, ainda que não fosse de amizade como definida por Aristóteles ou Cícero.

Em meio às provocações de Eumolpo, Encólpio se declara como um “sujeito nervoso”, enquanto o outro é “um lascivo”. E diz mais: “veja como nossos gênios não combinam” (Sat. 92.12). No entanto, nota-se que Encólpio parece se incomodar com essa característica de Eumolpo somente quando este corteja Gitão. Em um primeiro momento, Encólpio finge não se importar com os

elogios de Eumolpo a Gitão: “Fosse como fosse, fiquei quieto e mandei servir o jantar, como se não soubesse nada daquela história” (*Sat.* 92.12). Depois, como as investidas não diminuíram, Encólpio diz a Eumolpo: “dê o fora o mais rápido que puder” (*Sat.* 92.12). Eumolpo, por sua vez, não hesita em trancar seu hospedeiro no quarto e ir atrás de Gitão.

Mais adiante, Encólpio já livre do quarto onde estivera preso, vê Eumolpo envolvendo-se em uma briga, na qual leva a pior:

Eu, porém, aproveito a ocasião para me vingar e deixo Eumolpo para fora. Tendo assim devolvido todas as desfeitas àquele velho brigão, ponho-me a desfrutar não só de meu quarto, como também da noite, desta vez sem um rival, é claro. (*Sat.* 95.7)

Para Encólpio, era satisfatório ver o velho poeta apanhando por dois motivos: primeiramente porque estaria se vingando por ter cortejado Gitão, e, em segundo lugar, porque não entraria em uma briga física com Eumolpo, embora o ameaçasse verbalmente, com promessa de que avançaria contra ele. Para Encólpio, medroso do jeito que era, como veremos mais adiante, era vantajoso que outras pessoas batessem em Eumolpo, ainda que por um motivo diferente do seu. Encólpio afirma: “O que me interessava era a surra que ele estava levando.” (*Sat.* 96.1), e em outro momento: “Quanto a mim, ora pregava um olho à fresta, ora outro, e me fartava com a situação de Eumolpo, como se fosse uma fina iguaria, e recomendava que fosse pedir ajuda.” (*Sat.* 96.4).

Ascilto reaparece, procurando por Gitão, e então, as duas tríades se cruzam. Eumolpo, que ouve de Ascilto e do pregoeiro a recompensa oferecida por Gitão, não hesita em entregar o garoto para poder receber as mil moedas prometidas: “Eumolpo, por sua vez, entra exaltado, já que a porta do quarto, quebrada, não pudera manter ninguém do lado de fora: – Achei mil moedas! – diz ele.” (*Sat.* 98.2). Assim, podemos notar que Eumolpo pouco se importa com Gitão ou com Encólpio, contrariando a característica da amizade, a lealdade, como vimos anteriormente. Eumolpo continua: “– Vou já atrás do pregoeiro que saiu, e te entregando como você bem merece, vou mostrar que Gitão está em teu poder.” (*Sat.* 98.2). Nessa passagem, a respeito da inimizade, podemos retomar a definição de “prejudicar um ao outro”. Assim, se Encólpio riu de

Eumolpo e não foi ao seu encontro para ajudá-lo, agora é Eumolpo quem tenta vingar-se.

A atitude que Encólpio toma não nos surpreende, pois tenta convencer Eumolpo, do mesmo modo que fizera há pouco com Ascilto. Encólpio tenta enganar Eumolpo dizendo não poder entregar o garoto, pois este havia desaparecido:

Suplicando que abandonasse a idéia de matar quem já estava morrendo, eu abracei os joelhos dele. Mas ele permanecia inflexível, e eu lhe disse:

– Você teria razão de ficar nesse entusiasmo todo se pudesse apresentar o denunciado. Agora, o garoto se esgueirou pela multidão, e não consigo nem suspeitar para onde foi. Por favor, Eumolpo, encontra o garoto e devolve pro Ascilto.

Eu já estava quase convencendo-o disso quando Gitão, que tinha prendido o fôlego ao máximo, soltou três espirros seguidos, com tanta força que fez a cama balançar. Eumolpo, tendo se voltado na direção desse abalo, recomenda a Gitão:

– Saúde! (*Sat.* 98.3-5)

Nota-se que Encólpio serviu-se da mesma estratégia que utilizara com Ascilto, uma vez que Gitão ainda estava escondido embaixo da cama. No entanto, na segunda vez seu plano não deu certo, pois quando estava quase convencendo Eumolpo, Gitão revelou-se, em três espirros, chamando a atenção para si.

Encólpio atua com ardis semelhantes contra os dois inimigos. Primeiramente contra Ascilto: “Quanto a mim, atirei-me aos joelhos de Ascilto” (*Sat.* 97.9), depois com Eumolpo: “[...] eu abracei os joelhos dele” (*Sat.* 98.3). A atitude adotada é quase idêntica nos dois casos: tentar mostrar-se inferior e vulnerável. Do mesmo modo, o discurso empregado por Encólpio é o mesmo, sempre exagerado, escandaloso, teatral, melodramático: “Ascilto, sei que você veio para me matar. Afinal, para que trouxeste o machado? Vai, satisfaz a sua raiva, que eu te ofereço meu pescoço: derrama o sangue que você procurou a pretexto dessa busca.” (*Sat.* 97.7); enquanto com Eumolpo: “Suplicando que abandonasse a ideia de matar quem já estava morrendo” (*Sat.* 98.3-5). Com esse discurso dramático, sempre encenado, Encólpio tentava distrair Ascilto e Eumolpo, chamando a atenção para si, dizendo ora que não havia visto Gitão – e então implorando para vê-lo, ora que Gitão havia fugido e não sabia para onde

o garoto tinha ido, implorando para Eumolpo procurá-lo e devolvê-lo para Ascilto.

Na sequência, se Ascilto não mais reaparece na narrativa, Eumolpo permanece. Após toda confusão, quando Gitão é descoberto enquanto se escondia embaixo da cama, Eumolpo se enfurece com Encólpio. O texto se perde, lacunar, e a passagem seguinte é a de Gitão cuidando de Eumolpo, na qual este diz a Encólpio: “– Nas suas mãos, paizinho querido – disse ele –, nas suas mãos estamos. Se você ama o teu Gitão, a primeira coisa a fazer é procurar conservá-lo.” (Sat. 98.8). A partir dessa passagem, notamos que a relação Encólpio-Eumolpo começa a abrandar-se.

Encólpio tenta se desculpar com Eumolpo:

Quanto a mim, com lágrimas profusas peço e imploro que ele volte também às graças comigo: os amantes não têm o poder de controlar a fúria de seus ciúmes. Doravante eu haveria de me empenhar para nada dizer nem fazer com que ele pudesse ficar ofendido. Bastava que ele, como um expert das belas-artes, apagasse de seu espírito toda aquela lepra sem deixar marcas. (Sat. 99.2)

No entanto, ao conhecer as artimanhas da personagem, não há como saber se tais palavras são verdadeiras ou se Encólpio age, novamente, em vista de seu próprio benefício. Eumolpo, por sua vez, aceita as desculpas: “– E para você mesmo comprovar que é verdade o que disse [...], toma lá: com um beijo, acabo com a ira.” (Sat. 99.4). Então, a tríade formada por Encólpio, Gitão e Eumolpo, entrando na embarcação de Licas, parte para outra aventura.

A relação entre Encólpio e Eumolpo, que parecia estar de volta à tranquilidade, volta a ter problemas, pois Encólpio percebe que Eumolpo novamente está interessado em Gitão. Dessa vez, Encólpio tenta ignorar, e procura pensar que, embora Eumolpo tente qualquer coisa com Gitão, o poeta é um só e, além disso, já é velho, motivo pelo qual, então, não manteria o fôlego para a tarefa com o rapaz. Nota-se que Encólpio tenta se convencer disso, o que fica evidente em: “Assim que meti essas coisas nas idéias – mas não adiantava, não era de coração –, fui fingindo que pegava no sono com a cabeça enfiada na capa.” (Sat. 100.2).

O que se segue é a narração de como Encólpio e Gitão são descobertos na embarcação de Licas, quando dá-se outro importante acontecimento: Eumolpo é quem vai defendê-los da sanha de Licas e Trifena, como se verifica:

– Foi a mim que *meus amigos* escolheram como um embaixador para essa tarefa; afinal, penso que não sou um homem desconhecido para vocês. Eles me pediram que eu os reconciliasse com alguns de seus melhores amigos de outrora. (Sat. 107.1, grifo nosso)

Nota-se que Eumolpo utiliza a expressão “meus amigos” para referir-se a Encólpio e Gitão. Se antes se manifestavam como inimigos, agora são amigos e Eumolpo tenta protegê-los defendendo-os formalmente. Depois de muita confusão e até mesmo violência, os ânimos se acalmam no navio. Encólpio descreve a cena: “No entanto, Eumolpo, nosso advogado na hora do perigo e responsável pelo atual entendimento, para que a alegria não silenciasse por falta de histórias [...]” (Sat. 110.6). Podemos considerar que Eumolpo ajudou, em certa medida, Encólpio e Gitão, mas não devemos nos enganar, e classificar como uma benevolência, ou uma atitude digna de um amigo, uma vez que Eumolpo também estava envolvido na confusão, e tentava livrar-se de qualquer julgamento.

Quando tudo parecia bem, naufraga o navio em que viajavam as personagens. A tríade sobrevive e une forças para dirigir-se à cidade mais próxima ali no sul da Itália, em Crotona. Para nela manterem-se, Eumolpo propõe um plano de ação: Encólpio, Gitão e Córax (um empregado que os acompanhava) fingiriam ser seus escravos — sendo ele próprio um velho riquíssimo sem herdeiros — para atrair a atenção dos muitos caçadores de herança existentes naquela cidade:

Ninguém quis ir contra aquele plano que não custaria nada. Assim, para que a mentira fosse mais consistente entre todos nós, fizemos um pacto, de acordo com o juramento proposto por Eumolpo: sermos queimados, presos, surrados, mortos a ferro e tudo aquilo que Eumolpo ordenasse. Como legítimos gladiadores, solenemente oferecemos ao senhor o nosso corpo e as nossas almas.

Nesse momento, eles se reconciliam em vista de um bem comum. É possível notar que, novamente, o estratagema que eles formulam é mentir e trapacear. O plano de Eumolpo não só dá certo, como

Durante um bom tempo, essas coisas foram acontecendo em Crotona, e Eumolpo, na maior felicidade, esquecera-se de sua antiga situação a ponto de gabar-se aos seus de que ninguém ali podia resistir à sua simpatia e que, se eles praticassem algum delito nessa cidade, ficariam impunes, graças ao favor dos amigos. (Sat. 125.1)

Nesse excerto, podemos ver que Eumolpo orgulha-se de seu plano e chama de “amigos” aqueles que o bajulam. Ora, se a personagem considera que os amigos lhe concederiam favores, tal “amizade” pode ser entendida somente como uma relação de interesse. Aliás, interesse mútuo, pois Eumolpo desejava ser bem tratado na cidade, enquanto os caçadores de herança almejavam receber suas recompensas quando aquele morresse.

O texto se perde, sempre lacunar, outras peripécias ocorrem e Eumolpo só volta a aparecer no episódio com Filomela, uma prostituta já velha que cedia os filhos aos “velhos sem herdeiros”, como era o caso suposto de Eumolpo. Novamente, podemos perceber as redes de interesse formadas nas relações do texto petroniano. Enquanto Eumolpo beneficiava-se com a filha de Filomela, Encólpio, que acompanhava o velho poeta, tentava tirar proveito da situação, com investidas sobre o filho de Filomela.

O texto apresenta lacunas; por isso, não sabemos de fato como se deu a morte de Eumolpo. O que conhecemos é que Eumolpo morre e deixa em testamento uma herança que só seria recebida por aqueles que devorassem seu cadáver. Embora o texto petroniano que conhecemos hoje termine sem nos dar pistas do que aconteceria com Encólpio e Gitão, é possível considerar que a morte de Eumolpo teria surtido efeito na relação de Encólpio-Gitão, pois seria a primeira vez que não estariam compostos por uma tríade.

4.5. A dupla de anti-heróis: Encólpio e Gitão

Sabe-se que Encólpio é o protagonista e também o narrador do *Satíricon*; ou seja, é sob a sua ótica que apreendemos tudo o que acontece. Entendemos que Encólpio seja conhecedor das letras e versado em retórica, tendo em vista não só sua declamação no início da obra como também a partir de uma fala sua, durante um diálogo com Ascilto, quando diz: “Você conhece as letras eu também.” (Sat. 10.5).

Sobre suas características físicas, destacam-se em:

[CRÍSIDE, ESCRAVA DE CIRCE, PARA POLIENO] – Você fica cheio de orgulho e vende os seus abraços em vez de dá-los de graça porque conhece a sua sensualidade. Para que servem, afinal, esses cabelos ondulados com o pente? Para que esse rosto todo maquiado? E para que, além disso, esses olhares insinuantes e lânguidos? Para que o andar ensaiado com arte, e também os passos, a ponto de nem sequer uma vez divergirem da medida dos pés, se não for para exhibir a sua beleza, a fim de vendê-la? (Sat. 126.1)

A passagem supracitada refere-se a uma fala de Crísida, escrava de Circe, destinada a Encólpio. Em outro momento, no navio de Licas, após o plano de rasparem os cabelos e as sobrancelhas ter dado errado, Encólpio relata o que sentiu estando nessa situação e como o ajudaram a recuperar sua confiança e autoestima:

Embora estivesse contente de que o rapaz houvesse recuperado o antigo aspecto, a cada momento eu escondia o rosto, e compreendia que minha horrível aparência não se devia a uma deformidade corriqueira, a ponto de Licas nem sequer julgar-me digno de conversar. Mas aquela mesma escrava socorreu-me nessa triste situação e, depois de me chamar de lado, enfeitou-me com cabelos não menos belos; ao contrário, meu rosto ganhou um brilho ainda mais encantador, porque era uma peruca de cachos loiros. (Sat. 110. 4)

Sobre seu caráter, consideramos o ciúme uma de suas principais características. Por causa de seu ciúme, em relação a Gitão, pode irritar-se muito e transformar-se em uma pessoa violenta, chegando até mesmo a fazer ameaças para um confronto físico, como faz com Ascilto: “tendo escutado essas coisas, cerrei os punhos contra os olhos de Ascilto e falei [...]” (Sat. 9.6).

Segundo Aquati (2008, p. 22), “Encólpio aparentemente não dá maior importância às investidas do companheiro sobre Gitão, mas, pelo que segue, percebe-se que não é capaz de dividir o objeto de seus amores com Ascilto.”. Outra passagem sobre o ciúme, podemos ver em:

– Eumolpo, fale em versos, mas não faça propostas desse tipo, eu prefiro. Se eu sou um sujeito nervoso, você é um lascivo: veja como nossos gênios não combinam. Então, imagine que eu tenha enlouquecido: cede à minha demência, isto é, dê o fora o mais rápido que puder. (Sat. 94.5)

Sob a mesma circunstância, depois que Encólpio e Eumolpo haviam brigado, aquele tenta se desculpar, com o pretexto de que ele não pudera controlar seu ciúme:

Quanto a mim, com lágrimas profusas peço e imploro que ele volte também às graças comigo: os amantes não têm o poder de controlar a fúria de seus ciúmes. Doravante eu haveria de me empenhar para nada dizer nem fazer com que ele pudesse ficar ofendido. Bastava que ele, como um expert das belas-artes, apagasse de seu espírito toda aquela lepra sem deixar marcas. E ainda acrescentei:

– Nas regiões rudes e agrestes perpetuam-se as neves, mas onde, domada pelo arado, a terra torna-se fecunda, a leve geada se dissolve em breve instante. O mesmo se dá com a ira que invade o peito: toma por completo as mentes menos cultivadas, dissolve-se nas bem cuidadas. (Sat. 99. 2)

Apesar de vermos que Encólpio relaciona-se com Ascilto, Gitão e mesmo com Eumolpo e o filho de Filomela, também podemos assistir a seu relacionamento com mulheres, como Circe e Crísida, o que parece marcar sua natureza bissexual.

Outra característica concernente a Encólpio é o fato de ele, embora seja esperto para algumas coisas, é completamente parvo em outras. Novamente se encontra em uma situação semelhante que vivera com Ascilto:

Logo que ele [Eumolpo] se deitou no pequeno leito do quarto e deu de cara com Gitão arrumando tudo, meneou a cabeça e disse:

– Lindo, o teu Ganimedes!

Hoje promete! Não me agradou muito uma indiscrição dessas logo de cara, e fiquei com medo que eu estivesse recebendo em casa um sujeito igual ao Ascilto. Eumolpo insistiu e, como o menino lhe desse uma bebida, ele disse:

– Prefiro você a todos lá dos banhos. (Sat. 92.3)

Eumolpo investiu contra Gitão, mas também, após ter sido confrontado por Encólpio, o velho poeta o trancou no quarto:

[...] Eumolpo, que embora não procurasse saber o motivo de minha raiva, saiu logo em seguida, depois de puxar repentinamente a porta do quarto. Tirando escondido a chave, ele me deixou inesperadamente trancado e correu à procura de Gitão. Quanto a mim, preso, decidi acabar com minha vida enforcando-me. E eu já havia amarrado o cinto à armação da cama que estava em pé junto à parede, e ia passando o nó no pescoço [...] (Sat. 94.7)

Ao contrário da atitude de um herói, em que se espera que se comporte brava e corajosamente frente a uma situação adversa, Encólpio não tenta impedir o pior, mas cogita o suicídio, muito embora nos pareça que Encólpio, em sua covardia característica, não teria coragem para tanto. Podemos lembrar, em relação à covardia, do episódio que Encólpio foge do soldado ladrão, por exemplo:

Como então eu entregasse a mentira pelo meu semblante e também pela própria *tremedeira*, ele mandou-me baixar as armas e precaver-me contra o que pudesse ocorrer de mau. Então, esbulhado e, além disso, com a vingança atalhada, voltei para a hospedaria. O *medo* foi diminuindo aos poucos, e *acabei agradecendo a petulância do assaltante*. (Sat. 82.4, grifo nosso)

Ou no episódio em que Encólpio espia, de longe, Eumolpo apanhando, mas não tem coragem para ir ajudá-lo (Sat. 96.1). Embora, nesse momento, também possamos pensar que Encólpio prefere deixar Eumolpo apanhar, por vingança.

Quanto a Gitão, sabemos que é escravo de Encólpio e, por causa de sua beleza, é muito disputado por homens e mulheres. Essa personagem tem cerca de dezesseis anos, como indica o discurso do pregoeiro, cujo anúncio nos faz conhecer essa característica: “– desapareceu há pouco, nos banhos, um rapaz com cerca de dezesseis anos, cabelos cacheados, delicado, bonito, de nome Gitão. Quem estiver disposto a devolvê-lo ou apontar seu paradeiro receberá mil moedas.” (Sat. 97.2).

Comentada em diversas passagens da obra, a beleza de Gitão parece se destacar, como se vê quando Eumolpo tenta dissuadir o jovem a ficar com ele, não com Encólpio:

[Eumolpo para Gitão] – Feliz mãe, a sua, que teve um rebento como você: vá em frente, garoto! A beleza aliada à sabedoria constitui uma rara mistura. Por isso, não pense que você perdeu seu latim: você encontrou alguém que te ama. Meus poemas te encherão de louvores. Serei teu mestre e teu homem de confiança, vou te seguir, mesmo até onde você não me ordenar. Encólpio nem se importa: é a outro que ele ama. (Sat. 94.1)

Ainda sobre as características físicas de Gitão, podemos avaliá-las no episódio em que a tríade formada por ele, Encólpio e Eumolpo encontra-se na embarcação de Licas:

Gitão, graças à sua beleza admirável, logo desarmara os marinheiros e pusera-se, mesmo sem falar nada, a implorar aos furiosos, quando as escravas gritaram em coro: – É o Gitão, o Gitão! Essas mãos, parem com tamanha brutalidade! É o Gitão, senhora, socorro! (Sat. 105.7)

Em um episódio anterior ao que se passa no navio de Licas, Encólpio sofre de ciúmes por ver Gitão sempre chamando a atenção de outros:

– Que droga! O Eumolpo de olho no Gitão! Mas e daí? Não é de todo mundo o que a natureza fez de melhor? O sol brilha para todos. A lua, com sua comitiva de incontáveis astros, leva também as feras ao pasto. E as águas? Alguém pode dizer que exista algo mais belo que elas? E, no entanto, elas brotam para todos. Só o amor, então, será antes um furto que um prêmio? No fundo, no fundo, não quero possuir bens a não ser aqueles que todos invejam. Um só – e velho – não será um peso; mesmo que ele queira aproveitar alguma coisa, não vai ter fôlego para a tarefa. (*Sat.* 100.1)

Assim, de acordo com esse episódio, também podemos ver que Encólpio está sempre evitando conflitos e, mesmo sabendo que Eumolpo deseja Gitão, nada faz para impedir uma aproximação, no entanto.

Gitão é sempre desejado: bonito como é, causa paixões e, por isso, é com frequência muito disputado, o que leva não somente à própria separação entre ele e Encólpio, como também ao atraso no reencontro. Encólpio e Gitão, formando um casal homoafetivo, enquadram-se nas características de um par amoroso principal nos moldes daquele que há no romance grego de amor e aventura, este que é, contudo, heteroafetivo, o que remete, com grande possibilidade, a um procedimento paródico no *Satíricon* em relação ao mesmo romance grego de amor e aventuras.

Ainda sobre Gitão, podemos destacar sua volubilidade, tendo em vista que nunca faz qualquer objeção àqueles que demonstram interesse por ele: “por último, nem sequer Gitão conteve o riso, principalmente depois que a mocinha agarrou-lhe o pescoço e deu-lhe uma série de beijinhos, sem qualquer relutância por parte dele.” (*Sat.* 20.8); ou ainda: “o garoto não fizera nenhuma objeção, não resta dúvida, e a menina nem sequer se surpreendera ou se assustara com a palavra ‘casamento’.” (*Sat.* 26.3).

Em sua condição de escravo, podemos ver: “mas logo que nos demos por satisfeitos com a refeição preparada pelo dedicado Gitão, uma pancada insistente fez soar a porta.” (*Sat.* 16.1); “então esquecemos tudo que nos afligia. Vestimo-nos cuidadosamente e mandamos Gitão, que até ali desempenhava com tanta boa vontade o serviço de escravo, acompanhar-nos ao banho.” (*Sat.* 26.10) e quando Encólpio vê Gitão, ao longe:

Tive a impressão de ver, em meio à névoa, Gitão parado na calçada de uma viela, e me lancei para lá. Como eu perguntasse se o irmãozinho havia nos preparado algo para o almoço, o garoto sentou-se no leito e, com o polegar, enxugou as lágrimas que brotavam. (*Sat.* 9.1)

Em nossas discussões sobre a amizade entre Gitão e Encólpio, retomaremos a situação do menino e sua condição como escravo.

Também, considerando-se o universo corrupto em que se encontram Encólpio e Gitão, a dupla depara-se com diversas aventuras, principalmente amorosas. Hofmann (2004) considera que Encólpio e seus companheiros vivem à margem da sociedade, não trabalham, mas adulam os ricos e enganam os ingênuos.

Para Medeiros (1997, p. 172), o *Satíricon* é assumidamente anti-heroico, um romance da canalha, no estado fragmentário em que se encontra. Na obra petroniana, podemos ver que os (anti) heróis trocam de espaço, de companhia, mas não têm ganho nenhum: nem de matéria nem de espírito.

González (1994) conceitua o anti-herói como a personagem que lança mão de uma série de expedientes, lícitos ou ilícitos, para viver ou atingir ainda outras finalidades. Assim, ao contrário da épica, que não visita o baixo, no *Satíricon*, é justamente a partir do rés do chão que os protagonistas vão viver, pois não se encaixam nos ambientes sociais. E tal não acontece somente com os protagonistas, como aponta Aquati (2008, p. 223):

Entre as personagens que povoam o enredo desse romance, ou proto-romance como querem alguns, nenhuma há que tenha bons princípios morais, qualquer que seja sua extração social. Com elas, Petrônio constrói um universo miserável e corrupto, atravessado por jovens devassos, estudantes vagabundos, homens de letras aproveitadores, inoportunos, incompetentes, velhas e velhos viciosos, detestáveis homens de negócios, religiosos impudentes, novos-ricos vulgares, libertos daninhos, mulheres de alta classe e de desejos vulgares, proxenetas, cidadãos sequiosos de herança e dispostos a tudo.

Tendo em vista o herói clássico que, como vimos anteriormente, o *Satíricon* parodia, Arantes (2008, p. 24) propõe que, canonizado pela literatura, o herói (e suas características imitadas à exaustão) já não era representativo para o romance antigo romano. O que acontece é uma resignificação dessa figura, uma vez que as personagens não se encaixavam no estereótipo do modelo clássico. Assim, a figura do herói aos poucos se desconstrói, e a personagem passa inserir-se no seu próprio tempo; como o que acontece no *Satíricon*, por exemplo.

Em uma tentativa de definição ao conceito de anti-herói, Arantes ressalta:

Essa postura paradoxal, às vezes, provocativa contribuiu para que esses personagens fossem chamados de “anti-herói”. Quanto ao significado da palavra anti-herói (do grego, anti, oposição, contra; heros, chefe, nobre, semideus), convém fazer algumas ressalvas. O sentido do termo, em si mesmo, poderia dar a falsa impressão de que se refere à personagem que, numa ficção, funciona paralelamente ao herói como sua contrapartida, o que seria equivalente a chamá-lo de antagonista. No entanto, quando o anti-herói se instala claramente como eixo estrutural de um texto ficcional, seu sentido anti-heróico não lhe advém de ser a contrapartida de nenhuma outra personagem desse texto. Ele é, na verdade, anti-heróico à luz dos heróis clássicos modelares vigentes. O seu aparecimento resultou da progressiva desmitificação do herói, ou seja, da sua crescente humanização: o homem substitui os seres de eleição, semidivinos, que antes povoavam as tragédias e as epopéias. (ARANTES, 2008, p. 25)

Segundo Aguiar e Silva (1993), “[...] o herói assume o estatuto de um anti-herói quando perspectivado e julgado segundo a óptica dos códigos sociais maioritariamente prevalentes.”. Assim, de acordo com as considerações de Medeiros e Aguiar e Silva, podemos dizer que, no *Satíricon*, é o protagonista Encólpio a personagem que pode ser apreendido como anti-herói, uma vez que se apresenta com características desprezadas pelos romanos, como por exemplo, o enganador, o trapaceiro e o mentiroso, como se verifica:

[...] várias vezes levava a mão ao cabo da espada, que eu oferecera aos deuses infernais, um soldado reparou em mim. Talvez fosse um vagabundo ou um assaltante, desses que agem à noite.

– E aí, colega – disse ele –, de que legião você é? Qual é a sua centúria?

Como ficou evidente que eu estava mentindo, não só a respeito do centurião como também da legião, ele replicou:

– Ora, vamos! No seu exército os soldados andam de chinelas? Como então eu entregasse a *mentira* pelo meu semblante [...] (*Sat.* 82.1-4, grifo nosso).

E tais características frequentemente afloram a Encólpio quando, em mais um episódio, Eumolpo propõe o plano de se passar por um rico proprietário de terras sem herdeiros na cidade de Crotona: “ninguém quis ir contra aquele plano que não custaria nada. Assim, para que a mentira fosse mais consistente entre todos nós, fizemos um pacto, de acordo com o juramento proposto por Eumolpo [...]” (*Sat.* 117.4). Mais adiante, com a mesma predisposição ao ardil, Encólpio preocupa-se com a mentira, mas não para eliminá-la, senão mantê-la: “– O que acontecerá – dizia eu – se um caçador esperto enviar um espião para a África e descobrir nossa mentira?” (*Sat.* 125.3).

De acordo com esses excertos, nota-se que Encólpio, mentiroso e sem escrúpulos, está frequentemente envolvido com truques e ardis, mas nem sempre tem sucesso com eles, pois falta-lhe inteligência e, de um jeito ou de outro, acaba descoberto. A pouca esperteza de Encólpio faz com que, por exemplo, mantenha o convite de Eumolpo para jantar com ele, ainda que este já lhe houvesse contado sobre como havia se aproveitado sexualmente de um garoto, isto é, Encólpio já sabia que Eumolpo gostava de meninos e jovens, mas, mesmo depois de ter recuperado Gitão, mantém o jantar com Eumolpo no mesmo local onde estava hospedado. É evidente que Eumolpo se interessa pelo jovem, que novamente é disputado.

Mas, diferentemente de Encólpio, na dupla Gitão é esperto e supre a carência do amigo, sempre se utilizando de artimanhas para resolver os problemas, como podemos ver em:

Lá [na casa de Trimalquião], um cachorro preso numa corrente nos pregou um susto tamanho que Ascilto até caiu no viveiro de peixes. E comigo não foi diferente: eu, que também estava embriagado e que havia me assustado até com um cachorro numa pintura, fui dar-lhe uma ajuda, mas nesse movimento fui puxado para aquele mesmo turbilhão. O atriense, no entanto, intervindo e acalmando o cachorro, nos ajudou e nos tirou para o seco. Tremíamos. Gitão, por sua vez, há muito já havia se livrado do cachorro por meio de uma saída brilhante: tudo, tudo o que de nós havia recebido do banquete ele jogara para aquele ladrador que, interessado na comida, tinha sossegado. (Sat. 72. 7-9)

Em outra passagem é possível observar a atuação inteligente de Gitão:

Assim, depois de ficarmos arrastando por quase uma hora inteira os pés ensanguentados por tudo quanto era cascalho e cacos de vaso cheios de pontas, foi a esperteza de Gitão que nos tirou daquela embrulhada. Por cautela, porque receava perder-se até mesmo à luz do dia, ele na véspera havia marcado com giz todas as pilastras e colunas. Essas marcas venciam a noite mais cerrada e, perdidos como estávamos, nos mostravam o caminho por meio de sua notável luminosidade. (Sat. 79.3-4)

Quanto a Encólpio, é pelo membro avantajado e inteligência diminuta que se destaca, características que não são consideradas em vista das características do que se espera dos heróis. Nesse sentido, podemos dizer que Encólpio é uma paródia de Aquiles e Ulisses, por exemplo, não só em relação ao corpo, como mencionamos anteriormente, pois Encólpio era um “Aquiles sexual”, mas também em relação psíquica e intelectual, tendo em vista que

Ulisses é o mais inteligente e sagaz herói da Guerra de Troia (tanto no que tange à *Ilíada* quanto à *Odisseia*). Encólpio, por seu lado, nada tem de esperto ou corajoso, beirando a condição da imbecilidade e covardia.

De acordo com Arantes (2008), “fica evidente que, mesmo o gênero épico sendo considerado, no tempo de Petrônio, como elevado, o poeta rebaixa os argumentos que motivam as ações típicas dessa modalidade.”. No que tange à relação entre Encólpio e os heróis épicos, além de Aquiles, como elucidamos, Arantes (2008) compara Encólpio com Ulisses, no sentido dos valores subvertidos em relação ao herói grego, “Assim, Encólpio poderia ser considerado um anti-Ulisses, ou melhor, um anti-herói”.

É importante ressaltar que “a noção de anti-herói só é possível numa tradição que já representou heróis reais.” (BROMBERT 2004, p. 1, *apud* ARANTES, 2008, p. 60), tendo em vista que os heróis da épica, por exemplo, e suas características estavam ainda muito presentes na época da escrita do *Satíricon*. Os conceitos aqui apresentados serão também retomados na discussão sobre a amizade entre Encólpio e Gitão.

4.6. A amizade entre Encólpio e Gitão

De acordo com o que colocamos anteriormente, pautados nos estudos dos filósofos antigos Aristóteles e Cícero, e dos estudiosos Ortega (2002) e Konstan (2005), e tendo também em vista a descrição das personagens Encólpio e Gitão, analisaremos sob o viés da amizade o relacionamento da dupla. Para tanto, dividiremos a investigação em dois momentos: o episódio em que se dá a separação entre Encólpio e Gitão, e o reencontro.

Acreditamos ser esses os dois momentos principais em que podemos discutir a relação de amizade mantida pela dupla de personagens, uma vez que há, em um primeiro momento, a tomada de decisão de Gitão, em relação a sua amizade com Encólpio; e depois, a retomada do relacionamento, quando essas personagens se reencontram.

4.7. Separação e reencontro: a escolha de Gitão

O episódio que culmina com Encólpio e Gitão separados se inicia no momento em que Encólpio percebe que este dormira com Ascilto. Segue-se uma discussão na qual Ascilto propõe a Encólpio não só a divisão de seus pertences, mas também a de Gitão. A Gitão foi dada a liberdade de escolher com quem queria ficar:

– Eu [Ascilto] é que darei um fim ao desacordo. O próprio garoto que siga quem ele quiser.

Que pelo menos lhe seja garantida a liberdade de escolher o companheiro. Julgando que nossa antiquíssima relação já houvesse se transformado num pacto de sangue, nada temi. Na verdade, até aceitei a proposta com uma precipitação temerária e deixei a disputa para aquele juiz. Ele nem sequer refletiu: na verdade, para não dar a impressão de hesitar, mal ouviu a última sílaba, ergueu-se e escolheu Ascilto como companheiro. Fulminado por essa sentença, caí sobre o leito assim como estava, sem o gládio e, condenado, teria lançado a mão sobre mim mesmo se não me fosse odiosa a vitória do inimigo. (Sat. 80.5-7)

Com base nesse excerto, podemos questionar por que Gitão escolhera partir com Ascilto em vez de permanecer com Encólpio, este que acredita que a relação, por ser já antiga, teria preferência e seria escolhido. De maneira oposta àquilo que Encólpio pensava, Gitão parte com Ascilto. Devemos nos atentar também para o fato de que ofereceu-se a Gitão a escolha sobre com quem gostaria de ficar, mas a personagem, como bem descreve Encólpio, não hesita, e toma sua decisão sem titubear

Tendo como base esse episódio da separação, consideramos que Gitão opta por aquele que mais há de favorecê-lo; age, portanto, em seu benefício próprio, evidentemente. Nesse sentido, Cícero considera que quem deseja com ansiedade os amigos é aquele que possui menos coragem e força. É importante lembrar que, segundo Encólpio, antes mesmo de ouvir a última sílaba dita por Ascilto, Gitão já o havia escolhido, sem hesitar; isto é, essa personagem deseja tão ansiosamente partir com Ascilto, que responde de imediato.

De acordo com Cícero, “as benfeitorias da amizade serão mais procuradas pelas mulheres que pelos homens, pelos pobres que pelos ricos, pelos infelizes que por aqueles que passam por afortunados.” (capítulo XIII). Assim, considera-se que Gitão, na sua condição de escravo, procura com ansiedade a amizade e a proteção daqueles que podem ser seus benfeitores.

Guarinello (2006, p. 240) considera Gitão “[...] aparentemente escravo e objeto sexual dos demais protagonistas”. Nesse sentido, podemos pensar que nesse momento de divisão de “bens”, Gitão foi visto tal como um objeto.

Em relação à amizade de Gitão para com Encólpio, podemos considerar o interesse que aquele demonstra, acresce que só quando lhe convém. Segundo Cícero, “porque se fosse o interesse que unisse as amizades, quando viesse a faltar, desfá-las-ia.” (capítulo IX), o que, de certo modo, acontece com Gitão, pois uma vez que prefere ir embora com Ascilto, não havendo mais interesse em Encólpio, a amizade, ou ainda, o relacionamento entre o garoto e Encólpio se desfaz momentaneamente.

Já no que tange ao reencontro, recorreremos à narrativa, para evocar o contexto. Encólpio vê Gitão “com panos e escovas, encostado a uma parede, triste e abatido. Via-se: era a contragosto que fazia papel de escravo. Assim, para me certificar daquilo que eu estava vendo...” (*Sat.* 91.1-2). A sequência se perde, mas por meio do trecho citado, nota-se que Gitão se encontra em uma situação fastidiosa. Quando este reconhece Encólpio, abre-se num sorriso e diz:

– Desculpe, irmãozinho. Quando não há armas, eu falo francamente. Arranque-me das mãos desse bandido sanguinário, e castigue com a crueldade que quiser o arrependimento deste teu juiz. Será um alívio muito grande para um ser desprezível como eu ter perecido por tua vontade. (*Sat.* 91.2)

Percebemos o tom de infelicidade de que Gitão se utiliza, pois pede a Encólpio que lhe arranque das mãos de Ascilto, descrito como “bandido sanguinário”. Gitão se refere, ainda, ao episódio da separação, quando menciona que havia escolhido ir embora com Ascilto porque este estava em posse de um gládio, enquanto Encólpio só tinha um manto enrolado nas mãos para lutar. No entanto, sabendo-se da postura traiçoeira de Gitão, não devemos nos deixar levar por esse argumento que a personagem utiliza.

Dessa forma, Gitão revela a Encólpio que o deixara porque temia que Ascilto, mais forte, fizesse-lhe mal. Vemos, nessa passagem, que Gitão diz declarada e depreciativamente que Encólpio é um fraco perante Ascilto e, nem assim, Encólpio percebe nada. Gitão se justifica e conta que agora fala francamente. Ora, tendo em vista a situação em que se encontrava Gitão, que

“a contragosto fazia papel de escravo”, convém-lhe estar com Encólpio, sob sua proteção.

Para Cícero, o fundamento da estabilidade e da constância na amizade é a confiança, pois, sem ela, nada é estável. Ainda segundo o autor romano,

escolhemos, pois, um amigo de costumes simples e fáceis, que pense e sinta como nós; tudo isto conserva a fidelidade. *Uma alma dissimulada e tortuosa não pode ser fiel.* Aquele que não tem o mesmo gosto, nem os mesmos sentimentos nossos, não pode ser um amigo certo e constante. (Capítulo XIII, grifo nosso).

Parece-nos evidente o quanto Gitão é dissimulado, uma vez que, além de tentar convencer Encólpio com as palavras, utiliza-se também de suas ações:

Então, a portas fechadas, atirei-me em cima dele [Gitão], cheio de abraços, cobrindo com meu rosto sua boca banhada em lágrimas. Durante um bom tempo, nem um nem outro encontrava palavras. O garoto mesmo tinha o peito encantador sacudido por muitos soluços.
– Que injustiça! Que vergonha! – disse eu. – Porque, mesmo abandonado, eu te amo. Neste peito meu não há mais cicatriz, apesar de ter recebido uma profunda ferida. Que é que você tem a dizer, você, que cedeu a um amor alheio? Será que eu mereci essa afronta? (Sat. 91.4-6)

Segundo Encólpio, Gitão chora copiosamente, mas não podemos nos deixar enganar, pois “depois que [Gitão] se percebeu amado, ele ergueu um pouco mais a sobrancelha...” (Sat. 91.7). A partir de tal constatação, é possível que haja dissimulação entre as ações e os sentimentos de Gitão, já que podemos assumir que o garoto levanta um pouco mais a sobrancelha, ao perceber que Encólpio acredita nele.

Em seguida, comovido pelo choro e pelas palavras de Gitão, Encólpio decide perdoá-lo:

Tendo beijado repetidas vezes aquele peito pleno de sabedoria, enrosquei meus braços em torno de seu pescoço. E para que ele entendesse facilmente que eu o perdoava e que a amizade ressurgia com confiança ainda maior, estreitei-me todo contra seu peito. (Sat. 91.9)

Destacamos o trecho “[...] que eu o perdoava e que a amizade ressurgia com confiança ainda maior”. De acordo com Encólpio, além de perdoar, sente que a amizade é retomada com ainda mais confiança. A personagem despreza o abandono e as justificativas um pouco duvidosas de Gitão, e não se questiona

mais sobre isso. Ao afirmar que a confiança ressurgia ainda maior, podemos apreender que Encólpio confiava, portanto, em Gitão; mas vale lembrar que este foi embora, sem ao menos titubear, quando Ascilto lhe fez a proposta.

Konstan (2005) cita o tratado “Como discriminar um lisonjeador de um amigo”, de Plutarco, no qual podemos apreender a relação entre os amigos e os lisonjeadores. Sob a perspectiva do filósofo antigo, o lisonjeador possui a habilidade em imitar o comportamento de um amigo verdadeiro. Konstan (2005) retoma a passagem de Plutarco:

assim como o ouro falso e a moeda falsificada imitam apenas o brilho e o lustro do ouro, o lisonjeador, que imita a maneira agradável e a gentileza do amigo, parece sempre se mostrar alegre e radiante e nunca se opõe ou faz objeções a alguma coisa (50a-b)

Nesse sentido, podemos considerar a personagem Gitão, que nunca fez nenhuma crítica diretamente a Encólpio enquanto estavam juntos, e sempre comportou-se bem, isto é, não havia motivos para ter abandonado Encólpio. No entanto, na primeira oferta de deixá-lo, Gitão não hesita. Konstan (2005) ainda retoma Plutarco: “poder-se-ia dizer que é difícil discriminar o lisonjeador do amigo (50c).” Então como discriminá-los? Konstan (2005, p. 141) refere-se a Plutarco, que “deixa claro que não está falando sobre os parasitas descarados, como eram chamados, que cercavam os ociosos e as mesas dos ricos e eram [...] caricaturados por seus apetites ilimitados.”.

Ao pensarmos na relação de Gitão e Encólpio, fica evidente que Gitão não acompanha Encólpio motivado pelo desejo de participar de mesas fartas, uma vez que a única menção da participação de um banquete é a do banquete de Trimalquião; no entanto, o convite foi feito por Agamêmnon, isto é, Encólpio não tinha uma relação direta com pessoas de alto nível, que poderiam chamá-lo para um banquete e, conseqüentemente, Gitão passaria a desfrutar desse contato. Plutarco, ainda retomado por Konstan (2005, p. 141), revela que “esses comilões, que estão interessados em suas barrigas e nada mais, são fáceis de reconhecer”. Se Gitão não faz parte desse tipo de interesseiros, será por outra característica.

Definida por Plutarco, e retomada por Konstan (2005), a característica que se aproxima das atitudes de Gitão é a bajulação. O estudioso refere-se que

“em oposição ao glutão lisonjeador, o tempo de pessoa contra a qual se deve estar seriamente em guarda é ‘aquele que parece não bajular e diz que não o faz’” (p. 143). Após o momento que a dupla de personagens se reencontra, Gitão parece querer agradar e bajular Encólpio, e em nenhum momento discorda de suas ações.

Konstan (2005, p. 143) retoma Plutarco ao considerar que a lisonja pode coincidir com a amizade, e chama a atenção para o fato, pois um lisonjeador imita a franqueza, cuja característica é entendida como a “voz da amizade”. No entanto, Konstan (2005) aponta que há maneiras de se detectar um charlatão: “Como o lisonjeador não tem um centro estável em seu caráter, mas está sempre se adaptando aos estilos dos outros, ele pode ser identificado por sua inconstância”. O estudioso considera a proposição de Plutarco, isto é, mudar os próprios pontos de vista para ver se o amigo se adapta, e, se verificado, comprova que a pessoa está se comportando como bajuladora.

Apontamos também que, durante a narrativa, a relação de Encólpio e Gitão sempre foi permeada por uma terceira pessoa, seja Ascilto, seja Eumolpo. Como vimos, apesar de Encólpio almejar Gitão, este se adaptava de acordo com a situação e com a pessoa, e escolhia quem o favoreceria mais.

Ao questionarmos a amizade que Encólpio nutre por Gitão, podemos notar que Encólpio vê Gitão como algo que lhe pertence. Consideremos o excerto, quando Encólpio percebe que Eumolpo está de olho em Gitão novamente: “No fundo, no fundo, não quero possuir bens a não ser aqueles que todos invejam.” (*Sat.* 100.1). Importa ressaltar aqui que é sobre Gitão que Encólpio está refletindo; por isso, quando este utiliza a palavra “bens”, é no sentido de poder sobre o outro, da amizade em sentido de posse. Podemos pensar na questão material, já que Encólpio pode considerar Gitão como posse, objeto, não como pessoa.

No entanto, ele quer possuir Gitão não porque nutre por ele um sentimento verdadeiro, mas para que todos o invejem. Podemos considerar que nas relações que vimos estabelecidas, seja entre Encólpio e Gitão ou entre Gitão e Encólpio, não há vínculos verdadeiros, mas interesse de ambas as partes, que, para se manterem, podem fazer uso mentiras e enganações.

Se entendermos a relação de Encólpio e Gitão baseada no interesse, podemos dizer que a amizade, em seu sentido pleno, não se deu na dupla. A

amizade entre essas personagens era frágil e de forma interesseira, de parte a parte. Gitão queria alguém que o protegesse, tendo em vista sua condição de escravo, enquanto Encólpio queria Gitão para que os outros o invejassem. Tudo isso constitui, pois, uma amizade utilitária.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, nosso objetivo principal foi o de oferecer uma análise do relacionamento mantido pela dupla de personagens Encólpio e Gitão. A relação entre ambas as personagens foi estudada pelo viés da amizade, partindo de considerações propostas por pensadores antigos, como Aristóteles, que possui influente estudo sobre esse tema, na qual propõe a discussão da *philia*; igualmente Cícero, que discorre sobre uma relação entre amigos, a partir de um discurso entre Lúlio e seus amigos. De igual maneira, os estudiosos Ortega e Konstan discutem a respeito da amizade considerada pelos antigos Aristóteles e Cícero, mas também ponderam sobre a amizade vista como uma relação de cunho mais sociológico.

Propusemos um estudo descritivo sobre o *Satíricon*, ao considerarmos um panorama sobre o nosso corpus literário, sobre o qual discutimos sobre os aspectos históricos – levando em conta a questão petroniana, como a datação e a autoria; a organização da obra, o tempo em que se passa a narrativa e o momento que esse romance antigo foi escrito; a língua e a linguagem, quando apresentamos a questão sobre o uso do latim vulgar; também o substrato literário, e ainda, o humor no *Satíricon*, ao pautarmos temas como a paródia, o burlesco e a sátira.

No que diz respeito à amizade, consideramos essa relação, presente nas diferentes etapas da vida humana, como sendo afetiva e uma condição social à qual o homem está predisposto, conforme Ortega (2002) pontua, por exemplo, no sentido de que, além da presença de um amigo provocar felicidade, é também necessária, pois o homem é um ser social. Conforme a literatura, desde a antiga, como a dos gregos e dos romanos, perpassando os anos e as mais diversas localidades geográficas, até os dias atuais, sabe-se que a amizade ultrapassa o limite da realidade, pois se transpõe para as obras literárias e, portanto, instaura a possibilidade de verificarmos como essa relação se dá enquanto prática social ao longo dos séculos.

Ainda de acordo com o viés desse relacionamento, discutimos a respeito da palavra “amizade” e de cada ocorrência no texto petroniano, sobre o qual fizemos breves análises de seus contextos e apontamos questionamentos de por que a palavra teria sido utilizada no fragmento em questão. Também, ao

examinarmos o texto do *Satíricon* em latim, foi possível ver a raiz dos vocábulos utilizados para definir amizade. Para nós, o estudo da amizade nessa obra antiga foi pertinente, uma vez que possibilitou-nos reflexões acerca de um sentimento, tendo em vista sua universalidade.

Considerando-se o objetivo inicialmente proposto neste trabalho, ao analisarmos a relação entre Encólpio e Gitão, diferentemente do que esperávamos, uma questão se instaurou, pois ao invés de tratarmos somente da amizade entre a dupla de personagens, tivemos que observar também Ascilto e Eumolpo. O relacionamento de Encólpio e Gitão não era pautado entre os dois, mas durante toda a narrativa, havia uma tríade formada, inicialmente, com Encólpio, Gitão e Ascilto; depois, Encólpio, Gitão e Eumolpo. Dessa maneira, para estudar a amizade entre Encólpio e Gitão, tivemos que caracterizar, ainda que brevemente, as duas outras personagens, pois ambas exercem um papel importante no relacionamento entre elas, que são os objetos de análise no presente trabalho.

Após fazermos as devidas considerações sobre Ascilto e Eumolpo, debatemos como interferem no relacionamento de Encólpio e Gitão. De acordo com a formação das duas tríades, em dois momentos diferentes da narrativa, ao consideramos Encólpio, podemos dizer que houve uma relação mais próxima com Ascilto, principalmente, e Eumolpo. No entanto, tendo em vista a descrição desses momentos em que Encólpio considera-os, notamos que não há a presença de Gitão. O relacionamento de Encólpio e Ascilto dá-se anteriormente à chegada de Gitão; o texto é fragmentário, mas temos indícios de que foram próximos e se davam bem. Porém, quando Gitão surge, é disputado por Encólpio e Ascilto.

Na formação da segunda tríade, percebemos que Encólpio tem uma relação com Eumolpo, mas, de novo, Gitão não o acompanha. O momento em que Encólpio e Eumolpo se conhecem decorre do abandono de Encólpio por Gitão. No entanto, do mesmo modo como ocorre com Ascilto, quando Gitão reaparece, Encólpio despreza os demais e prefere somente Gitão. Podemos considerar, então, que a relação que Encólpio tem tanto com Ascilto quanto com Eumolpo, é pautado no interesse, diferente da amizade perfeita considerada por Aristóteles e Cícero, mas baseada no útil e/ou no agradável.

Já no que diz respeito ao relacionamento entre Encólpio e Gitão, fizemos um recorte em dois momentos fundamentais para a análise da amizade entre essa dupla de personagens. O primeiro momento se dá na separação das personagens, quando, após uma briga entre Encólpio e Ascilto, este propõe uma divisão de bens, inclusive de Gitão. Ao ser questionado, diferentemente do que Encólpio esperava, o garoto prefere ir embora em companhia de Ascilto. Apontamos que Gitão age de acordo com seus próprios interesses, e escolhe o mais forte, e aquele que poderia lhe oferecer algo melhor, tendo em vista que Encólpio é caracterizado como covarde. Gitão, portanto, faz a sua escolha e despreza a antiga relação que tinha com Encólpio.

O segundo momento escolhido para a análise dessa relação dá-se a partir de quando Encólpio reencontra Gitão nos banhos. Este suplica o perdão de Encólpio com palavras e com ações, tentando manipulá-lo para ser aceito novamente. No entanto, ao julgar pela esperteza da personagem, acreditamos que Gitão, mais uma vez, age em seu próprio benefício. Quando Gitão é visto por Encólpio, sabe-se que estava desempenhando o papel de escravo, limpando com panos e escovas, e com uma expressão triste e abatida. Assim, no momento em que Gitão vê Encólpio, percebe que escolheu mal da última vez, tendo em vista que Ascilto o faz trabalhar e, segundo Gitão o descreve, é um bandido sanguinário.

Encólpio perdoa Gitão, mas ainda considera que a amizade entre ambos além de ressurgir, tinha uma confiança ainda maior. Embora Encólpio tenha sido abandonado por Gitão, quer desprezar o passado, e não mais o questiona por causa disso. Da mesma maneira que Gitão responde, sem titubear, que quer ir embora com Ascilto, no momento do abandono; no reencontro, é Encólpio quem não hesita ao aceitar Gitão de volta.

Conforme as passagens do texto petroniano em que há a descrição do relacionamento entre Encólpio e Gitão, e especificamente esses dois momentos selecionados, identificamos no que a relação entre ambos está pautada. Primeiramente, não podemos nos esquecer de que Gitão, em seu papel de escravo, seria tratado, inclusive, como parte dos bens de Encólpio e Ascilto. Gitão atua de forma interesseira, quando prefere partir com Ascilto, e, mais adiante, quando implora pelo perdão de Encólpio. Assim, concluímos que Gitão

age de maneira pensada e utiliza-se de sua esperteza para convencer Encólpio, que cede às suas palavras e ações.

Já em relação a Encólpio, notamos que tal personagem prefere sempre a companhia de Gitão à dos outros, Ascilto e Eumolpo. Sobre a questão dessa preferência, consideramos que pode ser por causa da aparência física de Gitão, personagem caracterizada como muito bonita e desejável. Essa questão se confirma quando Encólpio, ao pensar sobre Gitão, pondera que não quer possuir bens se não for invejado pelos outros. Nesse sentido, verifica-se o tópico de Gitão ser considerado como um bem material. Dessa maneira, acreditamos que Encólpio também age em seu benefício, em relação a Gitão, pois demonstra interesse em sua aparência.

De acordo com essa análise, destacamos que o objetivo deste trabalho não era traçar um estudo sobre o conceito e o percurso da amizade, mas investigar na dupla de personagens, Encólpio e Gitão, características que apontassem ou não para esse relacionamento. Nesse sentido, algumas de nossas hipóteses tiveram que ser refutadas, pois inicialmente focalizaríamos somente a amizade entre Encólpio e Gitão, o que acabou não se realizando, pois tivemos que considerar também Ascilto e Eumolpo, uma vez que causam interferências na relação entre Encólpio e Gitão.

No que diz respeito às hipóteses confirmadas, podemos apontar a própria relação de amizade entre Encólpio e Gitão. Conforme o que estudamos ao longo desta pesquisa, verificamos que a amizade entre Encólpio e Gitão era frágil e dava-se de forma interesseira, de ambas as partes. Como vimos, Gitão agia em seu próprio benefício, adequando-se ao mais forte ou ao que lhe oferecesse melhores condições, enquanto Encólpio interessava-se pela aparência e inveja que essa companhia poderia causar nos outros.

Verificamos que o relacionamento entre Encólpio e Gitão é instável, volúvel e pautado no interesse. Diferentemente do que apontam os pensadores antigos utilizados para a conceituação da amizade, Aristóteles e Cícero, e reafirmados por Ortega e Konstan, a verdadeira amizade se dá de forma desinteressada, e, nesse relacionamento, nada pode ser fingido. Ao consideramos a virtude, mencionada por Aristóteles e retomada por Cícero, sabe-se que esta é uma das qualidades apontadas para se ter e também para a

manutenção de uma relação entre amigos, e, por isso, o interesse se opõe à virtude e, conseqüentemente, à amizade.

Portanto, podemos considerar que Petrônio cria algo novo a partir da transgressão, isto é, por meio da paródia, da linguagem, da apropriação e incorporação de gêneros, dos temas e estilos, por exemplo, dos modelos e dos valores tradicionais. Dessa maneira, a transgressão da moral e dos costumes, pertencentes ao plano do conteúdo, se reflete também no plano da expressão, tendo em vista a transgressão literária.

REFERÊNCIAS

- ADAMIK, Tamás. “‘Sermo inliberalis’ in Cena Trimalchionis”. In: CALBOLI, Gualtiero (org.). *Latín Vulgar – Latin tardif II*. Actes du II. Colloque International sur le Latin Vulgar et tardif. Tübingen: Max Niemeyer, 1990.
- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. *Teoria da Literatura*. 8. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1993.
- AQUATI, Cláudio. O riso e o grotesco no *Satíricon*, de Petrônio: o tratamento de Quartila (sat. 15-26). *Letras Clássicas* (USP), n.7, p. 171-200, 2003.
- _____. Posfácio por Cláudio Aquati. IN: PETRÔNIO. *Satíricon*. São Paulo: Cosac Naify, p. 223-267, 2008.
- _____. O grotesco no *Satíricon*, de Petrônio. *Classica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S.l.], v. 19, n. 2, p. 245-256, dez. 2006. Disponível em: <<https://revista.classica.org.br/classica/article/view/118/108>> Acesso em: 12 jul. 2018.
- _____. O romance antigo romano: instâncias de produção e relações intertextuais. 07 ago. 2017, 01 dez. 2017. Notas de Aula.
- _____. Uma noite com Trimalquião. *Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade*, Campinas, v. XXI n. 30, p. 247-275, jan/dez. 2016.
- ARANTES, Aldinéia Cardoso. *O estatuto do anti-herói: estudo da origem e representação, em análise crítica do Satyricon, de Petrônio e Dom Quixote, de Cervantes*. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Maringá, Maringá.
- ARISTÓTELES. *A ética de Nicômaco*. Tradução de Cássio M. Fonseca. São Paulo: Atena, 1962. 137 p.
- _____. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril, 1984.
- AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Nova Fronteira, 2004.
- AVELAR, Júlia Batista Castilho. A persona lírico-elegíaca de Encópio no *Satyricon* de Petrônio. *Nuntius Antiquus*, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 161-183, dez. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/6207/7118>. Acesso em: 10 set. 2018.
- AZEVEDO, Fernando de. *No tempo de Petrônio*. São Paulo: Melhoramentos, 1962.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BIANCHET, Sandra Maria Gualberto Braga. *Satyricon, de Petrônio: estudo linguístico e tradução*. 2002. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade

de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BLUTEAU, Raphael. Suplemento ao vocabulário portuguez e latino. *Raphael Bluteau*, v. 1727, 1728.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro Grego: Tragédia e Comédia*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BROMBERT, Victor. *Em louvor de anti-heróis*. São Paulo: Ateliê, 2004.

BUNSON, Matthew. *Encyclopedia of the Roman Empire*. Revised edition. New York: Facts on File, 2002. 636 p.

CALAZANS, Selma. “Grotesco”. E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), coord. de Carlos Ceia. Disponível em: <
<http://edtl.fcsb.unl.pt/encyclopedia/grotesco/>> Acesso em: 19 out. 2018.

CÍCERO, Marco Túlio. *Sobre a amizade*. Tradução de João Teodoro d’Olim Marote. Nova Alexandria, 2006.

CODOÑER, Carmen. “El Lenguaje de la Crítica Literaria en el Satyricon”. In: CALBOLI, Gualtiero (org.). *Latin Vulgar – Latin tardif II*. Actes du II. Colloque International sur le Latin Vulgar et tardif. Tübingen: Max Niemeyer, 1990.

DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque; FERREIRA, Marina Baird; DOS ANJOS, Margarida. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Editora Positivo, 2009.

GONÇALVES, Claudiomar R. A morte de Petrônio na narrativa tacitiana. *Gerión*, Madrid, v. 19, p. 513-524, 2001.

FANTINEL, Fernando Sidnei; PEREIRA, Rafael Bento. Por que a amizade? *Ciberteologia*, São Paulo, v. 32, p. 39-55, 2010.

FARIA, Ernesto; DE FARIA. *Dicionário escolar latino português*. 6. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Dicionário da língua portuguesa*. Bertrand, 1949.

GONZÁLEZ, Mario. *A saga do anti-herói*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

GRIMAL, Pierre. *O amor em Roma*. Tradução de Hildegard Fernanda Feist. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Escravos sem senhores: escravidão, trabalho e poder no Mundo Romano. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 26, n. 52, p. 227-246, 2006.

HOFMANN, Johann Baptist. *El Latin Familiar*. Traducido y anotado por Juan Corominas. Madrid: Instituto Antonio de Nebrija, 1958.

HOFMANN, Heinz. *Latin fiction*. The novel in context. London/ New York: Routledge, 2004.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução Manuel Odorico Mendes, prefácio e notas verso a verso de Sálvio Nienkötter. Cotia SP: Ateliê Editorial; Campinas: Editora Unicamp, 2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; DE MELLO FRANCO, Francisco Manoel. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime*: tradução do "Prefácio de Cromwell". Tradução e notas de Celia Berretini. São Paulo: Perspectiva, 1988.

JAEGER, Werner. *Paideia*: a formação do homem grego. Tradução de Artur M. Parreira. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KONSTAN, David. *A amizade no mundo clássico*. Tradução de Márcia Epstein Finker. São Paulo: Odysseus, 2005.

LEÃO, Delfim. Amor e amizade no *Satyricon* de Petrónio. *Universidade de Coimbra*, Coimbra, v. 24, n. 10, p. 73-89, 2011.

LEAR, Jonathan. *Aristóteles*; el deseo de comprender. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

MEDEIROS, Walter. A outra face de Eneias. Faculdade de Letras, Coimbra, p. 81-94, 1982.

_____. Do desencanto à alegria: o *Satyricon* de Petrónio e o *Satyricon* de Fellini. *Humanitas*, v. 49, p.169-175, 1997.

MUÑOZ MORCILLO, Jesús. EL BANQUETE en la SÁTIRA ROMANA. In: *Open Antiquitas: esencia, impulso y legado de la cultura clásica*, Karlsruhe, p. 29-41, 2007.

ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Amizade, amor e eros na *Ilíada*. *Humanitas*, Coimbra, v. XLV, p. 3-16, 1993.

PÉTRONE. *Le Satyricon*. Traduit par Héguin de Guerle. Paris: Librairie Le François, 1946.

PETRONIO. *Satyricon*. Tradução e notas de Miguel Ruas; Introdução de Giulio Davide Leoni. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1980.

PETRÔNIO. *Satyricon*. Tradução de Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Satíricon*. Tradução e posfácio de Cláudio Aquati. São Paulo: Cosac Naif, 2008.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da língua brasileira*. [s.l.: s.n.]. 1832.

PROPP, Vladimir. *Comacidade e riso*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

ROLIM DE MOURA, Alessandro. Ah! Satíricon. *Rascunho*, Curitiba, dez. 2008. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/ah-satiricon/>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

SILVA, Antônio de Moraes et al. *Diccionario da lingua portuguesa*. Rio de Janeiro. vol. 2, 1789.

SILVA, Márcia Regina de Faria. Petrônio e a Sátira Latina. *Principia*, Rio de Janeiro, v. XXVIII, p. 1-4, 2014. Disponível em: <www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/download/13799/10543>. Acesso em: 17 ago. 2018.

TÁCITO. *Anais*. Tradução de Leopoldo Pereira. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.